

Trilogia poética do desterro

Poesia sem pátria e sem verdade
Corpo
Poemas de extradição e exílio

por Ricardo Daunt

(1975 – 2015)

Poesia sem pátria e sem verdade

Ricardo Daunt

Verão no Quartier Latin

I

O som do copo de plástico
ao ser amassado,
a mesa sem febre e o calor
que atravessa a janela e penetra
pela cantaria, pelos ossos.
O sabor acre do ar,
o sal escorrendo pelos lábios.
Apenas impressões comuns.
Através da sensação de angústia metafísica,
as três lâmpadas, espalhadas pelo cômodo,
contribuem como advertências
de que a despeito de tudo o tempo escorre
pelos dedos.
Um pensamento malbaratado
e guardado em seguida na gaveta poeirenta
da mente estúpida e vazia
adverte que a vida não reinventa o ser.

Há ainda contida
uma lágrima que não extravasa
e não percorre as ranhuras metálicas
do rosto:
virulenta peste do olhar
perdido no estrábico transitar urbano;
escassa inclinação para dizer,
ainda assim abafada entre paredes.
Nariz e boca, cílios e poros,
polivalentes insensíveis.
Talvez inúteis
para as tarefas animais.

O bidê e o lavabo como monumentos
acanhados, erigidos em cada
quarto alugado de hotel,
denunciando as canhestras adaptações
ao espaço dos velhos prédios
estão por todo lugar,
também ali, ao redor do poeta.
Sob o lavabo, uma caixa de papelão,
à guisa de lixeira e cinzeiro.
Ao redor de cada quarto, vozes, gramáticas
estrangeiras em altos decibéis
pronunciadas.
Querem o mesmo, o distinto;
incluso o corpo gêmeo inexplorado;
e a vertigem impossível.

II

Os pés sobem as escadas
íngremes estreitas de hotéis.
Luzes à passagem; baças,
esgurgitando espirais de fumaça
de antigos cigarros fumados.
Roçagar de couro gasto de solas,
em madeira gasta de degraus encardidos.
Um leve aceno perdido
ao passar defronte pelo portier.
Um sacudir de chaves aquecidas
nos bolsos.

O número da sorte inscrito.
Gesto contemporâneo -- abrir e fechar.
Fechar-se em si mesmo.
Paredes gasosas e rubras.
Furúnculos pululam do teto,
antigos banhos de vinho;
ejaculações doloridas,
sílabas de antigas palavras disseminadas.
Ranço de cigarro barato, comprado
no Tabac da vizinhança.
Contar os francos que sobraram.
Esperar pelos que vêm em boa hora,
guardar os fragmentos mentais da noite,
repercorrer com os olhos
mapas assinalados; e reler bilhetes
com recados sem destinatário.

III -- O estrangeiro

Nada. Nenhum apelo pessoal das ruas.
Ninguém interpela o estrangeiro.
É verão no Quartier Latin.

Expõem nas calçadas de comércio
roupas e adereços protegidos
da luz inclemente do sol,
por folhas transparentes de celofane azul.
Contemporizam os cafés
com os seus menus de última hora.

Desfilam pelas calçadas e muros
as almas desejadas e corruptíveis,
os cartazes que vendem em várias línguas
e os affiches mentirosos das esquinas.
Sujam-se os parques de papéis verdes
e as pombas do Luxembourg engordam
sem nada dizer.
Fotografa-se hoje o mundo;
Reinventa-se a realidade
nos editoriais do Le Figaro e France-Soir.

Enrodilha-se em um banco de jardim
o casal japonês com desdém do negro,
exibindo louras e balangandãs,
troçando do restaurante árabe,
na última hora, antes da chuva,
aberto para o jantar.
Revida o restaurateur francês
com menus com longos nomes
desentranhados de porões avoengos,
enquanto latinos do sul-ocidental
espezinham o mundo inteiro
antes de dormir,
com suas preces
e seu crescimento populacional.
Janta feliz o rubicundo alemão
com a alemoa,
cevados em largos copos de cerveja
e fala baixa e conspícua.
Fotografa hoje e sempre;
compra hoje e sempre e tudo
o que há para comprar

o americano de jeans e mochila,
o americano de terno xadrez,
gravata borboleta e sapatos de duas cores.
O casal passado da Califórnia janta,
mas preferiria jogar em Montecarlo.
Jack, o estripador, ronda só, melancólico,
pelos degraus da Sorbonne.
O árabe cochicha nos ouvidos de outro;
trocam olhares cor de muro gasto.
O holandês desliza pela calçada
com seu estoque pessoal de maconha
em busca de uma discoteca.
Servem, sempre, sempre servem,
pois são serviçais,
a camareira, o porteiro, o gari,
o operário não especializado,
e o principiante da vida,
todos portugueses.

IV -- As ruas

Volteiam vicariamente as ruas.
Desdobram-se, bifurcam-se,
multiplicam-se, copiam-se,
espicaçantes e triviais,
cultivando nos passantes
um crescente desejo
e ânsia de registrá-las
como coisa viva,

em mentes agitadas
e máquinas fotográficas.
Eles as querem
a cada hora do dia
e sobretudo da noite.
Em seu subsolo flui
uma música que não convida,
apenas estremece e perturba.
E um ventilador sobre as mesas
dos restaurantes
mistura odores e os atira
por sobre os telhados.
São cheiros e preços sem par.
E velas crepitantes
(o verão é crepitante!)
convidam falsos casais enlaçados.

Nas ruas fala-se em tantas línguas
que mesmo o desentendimento imediato
enseja acordos prontos e convites reiterados.
Homens embebidos em álcool
exibem-se nas praças e largos;
mastigam sem espanto
o fogo em baforadas,
por um franco ou pelo que vier.

Acordam tarde as ruas do Quartier Latin
e já se levantam iluminadas,
esvaídas em suor e fingimento.
É o verão dentro da garrafa?

V -- O homem / A volta

Cansada e bêbada sai a manhã.
Dúbia e olorosa.
Suas asas de cobre ricocheteiam
nos sinos ululantes
dos campanários úmidos.
Esquadrilhas de Mirages
estilhaçam compêndios de sonhos
no céu de brasa azulada.
Acorda o homem que pouco dormiu,
pronto e vestido para morrer.
Ouve o atroar da concierge,
maldizendo as fezes
do cão largadas em desesperado gesto,
sobre suas alpercatas velhas.
Janelas húngaras,
inglesas, francesas, argelinas
despejam na luz matinal seu escarro
e um corpo nu no cio.
Surgem das sombras edifícios cinzentos,
autarquias e projetos de discursos.
Da cantaria brotam soluços,
dos novos cartazes recém-colados, soluções.
O senhorio escarnece do mau pagador,
que promete não beber mais,
não fumar mais, não comer mais,
até pagar o que deve.
Galga as escadas o estrangeiro
que atravessou a noite.

Recolhe os verbos difíceis
nos bolsos de sua roupa suja,
e entra em casa sem palavras.
As horas do dia avançam
por sobre a fuligem, a mendicância
e o almoço dos favorecidos.

VI- Final de dia

Às cinco horas sempre às cinco
todos marcam encontro
Às cinco no café.
Às cinco horas, às cinco horas
na mesma mesa da janela
defronte a nenhuma praça.
Às cinco horas todos chegam
atrasados às cinco horas.
E o homem que falta na mesa
às cinco horas deitou
sob as rodas perdidas
de uma motocicleta.
Às cinco horas, Quartier Latin;
Às cinco chegam desavisados.
Refocilado, revigorado,
o bar convoca para a noite os notívagos,
e novos cotovelos para os balcões e mesas;
o bar chamado Café,
do garçom chamado Pierre,
ou François.
Abre-se o bistrot

de Margueritte ou de Mme. Dubois,
com suas caixas registradoras
atapetadas de níqueis e comandas;
com croques monsieur e vinho ordinário,
se calhar um ementhal no pão,
e um café expresso.
O estrangeiro procura aqui e ali
um rosto cuja alma branda de cerveja
ele identifique e beije.
Aproxima-se dele o garçom,
cujo semblante jamais foi iluminado
diretamente pela luz do dia.
Não trocam confidências.
Apenas negociam.
O estrangeiro pede-lhe o Sol
e as melhores fotos das ruínas de Paris.
Pierre -- ou François -- anota em seu caderno:
un jambon, un café, un verre d'eau.
Para já.
O estrangeiro quer saber da vida
safada, da vida fácil,
e da grande atividade cultural,
que em algum canto dizem existir,
ou por todo o canto, quiçá.
Pierre ou François risca o pedido,
sugere que vá para outro lugar,
talvez para o Taiti
ou para o Brasil,
onde, dizem, é sempre carnaval.

O estrangeiro parte,
recordando-se de que um dia desfilou

o carnaval debaixo de sua janela quente.
Mas ela estava fechada em conspirações
revolucionárias, com chilenos
que perderam Allende para sempre;
com peruanos que esqueceram seu passado heróico;
com bolivianos que nunca viram o mar;
com cubanos blindados de fuzis russos e lições
de Fidel.
(Entre um e outro balaço imaginário,
em seu ditador nacional,
sonhavam eles com um prazer pessoal
sempre mais necessário;
com uma noite parisiense
em companhia de húngaras gordas
e dialéticas, ouvindo Piaf;
com suecas livres e sem política.
Depois de tudo,
com um regresso em triunfo e o peito de medalhas,
e numa sinecura no futuro
governo democrático.)
No entanto, que pena,
seus cigarros incendiavam
mais, muito mais do que suas ideias.
Sua volúpia pelo álcool
era muito maior de que a de vingança
e justiça.

O estrangeiro segue pelas ruas,
ansiando perdê-las pelo caminho;
extraviar-se nelas, embaralhá-las,
para não se encontrar mais.
E se deparasse um rosto familiar,

comprometedor,
de uma voz aliciante,
que jamais lhe dissesse a verdade crua,
e que o convidasse para uma valsa?
As luzes do Quartier Latin
estão novamente acesas.[1]

[1] Escrito em Paris no verão de 1975, revisitado em março e abril de 2000 e novamente em abril de 2015. Este poema foi alterado em diversas oportunidades, e mais profundamente em sua derradeira revisão, entretanto julguei necessário preservar incólume um certo ar de juventude que o poema respira, o que só é possível quando se tem 25 anos. Não sei se agi bem.

Artista abandonado

Quando as luzes se acenderam
no teatro,
ele se sentiu subitamente
como o firmamento em fogo;
a eternidade das chamas
crepitando sob a redoma de seu espírito.
Entretanto, à sua frente vislumbrou
somente
um gélido planeta estéril de rostos, sem rios
e sem memória.
Nem mesmo um sussurro
em sua homenagem,
nem mesmo um gesto isolado
de protesto.
Apenas se ouviu o farfalhar das cortinas
penduradas bem alto,
esvoaçando esgarçadas
pelo uso, sobre a ribalta,
aguardando impacientes
que partisse.[2]

[2] Escrito em maio de 1989, revisitado e reescrito em março de 2000 e em maio de 2015.

Confissão a Brunilde

Não escrevo mais
poemas, Brunilde.
Faço contas do dinheiro
que devo, e reconto
os escassos proventos
que às vezes recebo.
Apenas faço contas, Brunilde,
com uma caneta de ponta
afiada, sobre a tua pele.

Não amo mais
nossos corpos, Brunilde.
Faço contas e conto
os dias que perdi
vivendo sem viver.
Apenas faço contas
com a faca rombuda
do espírito, esfolando tua pele.

Não canto mais
canções de amor, Brunilde.
Faço contas
pronunciando números com minha voz
de barítono, e os números
são as únicas manifestações
que nossos ouvidos

registram lastimosos.
Não canto mais, Brunilde,
apenas faço contas
com minha voz rascante,
cujo timbre
estremece a penugem da tua pele,
e depois, como uma adaga
atirada ao vento, desaparece
como uma mórbida lembrança.[3]

[3] Escrito em agosto de 2001.

Poemeto escolar

Tocando dia após dia, uma a uma, as folhas datilografadas
do teu trabalho escolar,
tenho a sensação de te despetalar lentamente;
de te fabricar inteira a cada página;
de te reproduzir multiplicadamente a cada Palavra.

Estremeço, então, sob uma convulsão de tinta;
meu corpo auditivo te escuta intersílabas
e se entranha na pele sub-oral do teu gesto.

Somos o universo intrasentidos,
a sensação não dita e pré-vocabular.
Se eu dissesse que éramos o ar,
era boa rima, mas má poesia.
Se eu dissesse que éramos amar,
seria boa controvérsia linguística, quase um ímã
sobre o mar a nos atar.
Faltar-te-ia o ar?[4]

[4] Escrito provavelmente em 1996 ou no início do ano seguinte.

Lindalva ou Lindanor
(poema dialogal)

-- Como foi a sua vida? pergunta Lindalva.
-- Entre luz e treva.
(A calçada de Copacabana na linha da praia
se distende sempre, dedos ásperos
despontam do mosaico de ondas e nódoas,
ainda me lembro.)
-- Como assim?
-- Numa ponta, no posto 6, morri: treva, explico,
abusando da liberdade poética.
-- Na outra, no Leme, no posto 1, nasci: luz.
-- Posto 1? confere Lindalva, entabulando contas,
apurando os ouvidos.
Seus olhos também procurando entender tudo.
-- Mas havia estrelas no chão -- procuro redimir-me
do excesso de pessimismo. -- Estrelas pelo caminho.
-- No chão? indaga ela.
(Terá ouvido bem?)
-- Misturadas a muita areia, infelizmente.
Mas eu não via, não via. Via só a areia, a areia
e a distância e os dedos de graxa do piso,
tocando a sola dos meus sapatos, de leve.
Acabei cansando no meio do caminho.
E fiquei entre luz e treva.
Fiquei com a dor. Estou ainda com a dor --
disse como se confidência fosse
e não raso lirismo de circunstância.
-- Não sou Lindanor, sou Lindalva, corrigiu ela,

com os olhinhos apertados e a audição pouca.
-- Lindanor é minha irmã,
uma que mora no Engenho de Dentro.
-- Ah, sei.[5]

[5] Escrito em maio de 2003.

Óbito de um homem

Os jornais anunciam
que teu corpo morreu. Incontinenti
cancelaram tuas passagens
por via férrea, aérea e terrestre,
teu horário no dentista,
tua conferência sobre alquimia;
o sorriso prometido e cobiçado
por tua mulher.
Estás só, abraçado à morte.
(Que hálito medonho!)

Nada de feijoadas e grogues,
de versos novos e prole;
de música chilena e vinhos.
Sucumbiste.
E nem contas a pagar deixaste.
Apenas tua perfeição intrasferível
e tua lápide por fazer.[6]

[6] Escrito em julho de 2003.

Marinhas

Não inventei o mundo
das palavras
como Anchieta sobre a praia
virgem.
Nem tive o que gravar
na areia sempre igual da minha vida.
Registrei, à luz do poente,
momentos inaudíveis antes do mar chegar.
Nem palavras eram.
Não eram nem palavras
o que brandamente a água apagou.
Prevaleceu sobre o meu
o idioma do mar.[7]

2- Ondas

Eram peixes em fogo, cardumes alucinados

[7] Escrito em fevereiro de 2004.

o que eu via.
Cavalgavam encilhados no lombo das ondas
enquanto a luz
do poente os feria.

Eram lanhos em prata e ouro multiplicados.
azinhavrados alguns,
terrosos e calcários outros.
E a pele da água fremia iluminada
de dor ou prazer
eu não sabia.

O vento e as correntes compeliam-nos
para fora,
para longe,
para o mais fundo.
Os peixes em toda parte,
prenhes de luz e de fúria,
corcoveando sempre.

A brasa da vida os marcara.
Mar a dentro eu os seguia;
com os olhos ao menos os seguia,
por instantes fugindo da noite
que vinha.[8]

3 - Paisagens
(plágio múltiplo)

[8] Escrito em março de 2004.

Sou mar,
quisera ser porto.
Sou rio,
quisera ser poço.
Acomodar-me
em um posto;
ser habitual
como um lago;
simplificar-me,
banalizar-me,
comprazer-me sempre.
Por nada amar-me.
Jamais um desgosto.

Mas qual, sou correnteza
perdida ao largo do canal.
Engolfa-me, sufoca-me
a energia que aplico.
O que me faz
é o que me desfaz.
Sempre oceano,
jamais a pedra do fundo.
Sempre o movimento,
jamais o aconchego justo.
Sou mar mar mar.[9]

4 - Narciso cego

[9] Escrito em março de 2004.

A pele do mar
cobre a calma enseada.
Tem a aparência de um imenso
linóleo estirado meticulosamente
sobre um chão liso.
No entanto, ele nada via.
Apenas pressentia,
ao tocar com a ponta dos pés
a superfície desse mundo aquático
tão estranhamente incorruptível.

Um abalo, um estrondo.
Repentinamente seu corpo consegue
avançar e principia a romper com esforço
a armadura estagnada das águas.
À certa altura, cansado de lutar
e forcejar como a quilha de um barco
procurando romper o gelo ártico, para.
Curva o pesçoco para frente,
quer mirar seu rosto como outrora,
no espelho de cristal da água,
mas seus olhos nada veem.
Seu olfato, no entanto, acusa um aroma
salino e acre que só
as manhãs quentes sabem extrair
do movimento das ondas.
Ansiava por reviver o amor
que o unira a si mesmo um dia;
reconhecer as anelantes expressões
em seu rosto cativo.
Mas apenas sentia
os odores marinhos

sempre mais intensos,
como se estivesse cada vez
mais próximo do corpo
de outro.

Algas enroscam-se em seus ombros
à medida que abre caminho.
Puxam-no para baixo com força.
Narciso resiste a princípio,
pois tudo é novo.
Depois cede
ao destino inevitável.
Seu corpo enfim envolto pelas águas.
Quantas bocas o beijam agora.[10]

5 - Sea promise
(A tribute to the metaphysical poets)

[10] Escrito em abril de 2004.

The sea is something I have never seen.
I lay this dream by me
when I think of thee,
eager to hear its unending murmur
and breath. And far
pounding on rocks and reefs
its crushing voice
(the call of outer life scratching the door).

Waves it is told are part of it
its life and motion.
Upon the sea's oily skin
they ride exhibiting white pearls locks,
sometimes laces
(like the shawl around your many faces).
In those places where sandpipers lower glide
before reaching out what is firm and steady
no sea abided.

Waves in other places far away resemble
(I suspect)
the smooth trace of your perused hips
many times by nature copied
and mingled and interweaved,
floating far from censured eyes.
To guess I close mine, to fancy
the seaweeds, your body alike,
being conquered (sea am I)

by the liquids of mine.[11]

[fim das “Marinhas”]

[11] Escrito em Campos do Jordão, dia 9 de maio de 2004.

Atracado na Bahia

o mar aborda Ilhéus. Uma linha constante fende o horizonte. Abaixo, o recorte azul vibrante, salpicado de açúcares. Acima a esteira de céu, de um azul mais claro, quase verde; espaço aéreo atropelado por lombos brancos, encadeados. O fio que separa esses dois espaços é constante, direto, estirado para adiante do alcance. O mundo é um platô indiferente ao tempo; o mar açambarca o espaço da visão incauta; distende-se por sobre as pedras e arrecifes, até o território em que a memória não é mais necessária. A lua crescente se dependura inútil sobre o rastilho de fogo da tarde.

Olhos.[12]

[12] Escrito em fevereiro de 1996.

Schubert em Zurich

Um poema de juvenília, desentranhado
ao acaso de um maço de papéis, sacode
meu espírito. Recordo as águas cinza-azuladas
do lago de Zurich através de uma janela
de um quarto de hotel nas cercanias da cidade.
Schubert esgueira-se pelas frinchas
de um rádio de caixa branca com mostrador
dourado. O telefone toca. Uma voz profissional
me intima a agir: "uma fraulein o espera,
e tem muita pressa". Desligo. A música
de Schubert cresce, a campainha de um bonde
elétrico intromete-se em minha música, súbita, urgente.

Abro as vidraças, o lago entra pela retina.
O frio me envolve e o vento crispa um rosto
que era eternamente jovem, e que ainda
assim parecia o meu.
Naquele dia do passado desejei mais um minuto,
mas o telefone é uma convocação
que não transige. "Já desço, mais um minuto."
Estou acometido de um novo tipo de febre,
querendo tudo mais longe de mim.
É preciso que o concerto termine,
que o bonde deixe
de ser a memória de um bonde que se foi,
que meu rosto enregelado absorva a insanidade

do vento invernal, que permaneça
debruçado sobre a janela
até que me canse de olhar as águas corcoveantes
do lago. As águas, as ondas.
Era como se buscassem romper
os limites impostos pelas margens, para abordar
o mar imaginável.

Quero mais um minuto, uma voz adstringente
promete outra composição de Schubert.
Agora não, mais um minuto. Desligo o rádio,
atiro-me na cama. Estou febril realmente.
O telefone toca, penso nas derradeiras notas
da música e pensar nisso é melhor do que ouvir.
Penso no bonde que não mais existe, que abandonou
a paisagem sonora da minha vida para sempre,
penso no lago encapelado, no horizonte que vira
da janela há instantes, e que embaraçava céu e lago.
Ergo-me, fecho a janela, deito-me.
Quero um minuto ainda, o telefone insiste.
O telefone emudece. O silêncio é um coágulo
em um ponto fixo do foco mental. Hipnotiza-me
com sua arrebatadora capacidade de a qualquer
momento desaglutinar-se sob a mais leve
manifestação de vida.
Basta uma tênue vibração do mundo,
um passo sobre o soalho do corredor,
um monossílabo deslizando pelo forro
do velho casarão.

Entretanto nada disso acontece.

Penso que não respiro mais,
que sou aquele horizonte,
articulação muda de água e céu,
e que meu coração eternamente jovem
parou de bater naquela tarde em Zurich,
quando temia, até, que se me movesse
o mundo recém-construído se dissiparia.
E ele era a melhor coisa que criara
em muitos anos.

Ao poema de juvenília colara-se uma folha
de papel com o timbre do hotel de Zurich.
Timbre delido, nome quase delido,
que com dificuldade leio.
Trazia duas linhas secas e magoadas,
construídas a pique,
vertiginosas como os ponteiros imóveis
de um relógio.
Com elas, fizera um verso, depois um poema,
que dialogava com o desencontro e o silêncio.[13]

[13] Escrito em Zurich no inverno de 1972 e reescrito em São Paulo, em 2005.

Despojamento

Dia insólito.
Tudo cai-me das mãos.
Minha própria energia se vai,
em meio a papéis, contas e livros,
que manuseio e tão-logo os toco
escapam por entre meus dedos.

Sinto-me ceifado
como um feixe
de trigo amarelo
no eito.
Como arbusto brutalmente
desenraizado.

Sinto-me desvestido
de minha roupagem humana;
daquilo que alguns chamam
de autodomínio, determinação.

Sinto-me dilapidado
de uma fortuna espiritual
que supus assegurada.

E nem mesmo tenho forças
para desagradar-me
do que sou.

O mundo, farto, abandona-me.
Nem mesmo relega-me
como espólio
seu triste noticiário de sempre.
E a luz do sol escoa
por meus ossos
de vidro.

Sinto-me obtuso como um ponto.
E impotente como o olhar
debruçado sobre o abismo.

Dia insólito.
Sinto-me impróprio
para o ódio e o amor.
Impróprio para defender
minha verdade única,
mentira de todos nós.
Impróprio para restituir
ao mundo sua intransigência.

Se pudesse, calar-me-ia
como pedra, mas nem pedra serei
um dia.

Dia insólito, noite em mim,
Noite vou.[14]

[14] Escrito em Campos do Jordão em setembro de 2004.

Estrada 1

Quanto mais estrada vejo,
menos de mim estendo.
Retraio-me
quanto mais
alargo o passo.
E perco-me
quanto mais
alcanço o traço
que de mim
não faço.

Percorro-me cheio de dúvidas
a serem sanadas,
e com agudas perquirições mentais;
como se o sentido
não estivesse em nenhum lugar de mim
e o galope do meu ser
na direção de um futuro qualquer,
ou de uma resposta convincente,
perdesse as asas ligeiras
que brotaram no começo dessa empreita.
Busco então respostas no sonho,
mas nele não há sonhos mais.[15]

[15] Escrito em São Paulo, dia 18 de junho de 2005.

Las putas

Tenho-as como grandes consulentes
na arte de caminhar pelas ruas.
Olhando-as passar aprendo
como as calçadas são irregulares
e longas
e como o destino é incerto e obscuro.
Mas isso não basta.
Nem para mim, nem para ti.

É preciso também segui-las,
conviver com elas,
para assim não te perderes
        na mesmice do escritório
de contabilidade em que trabalhas.

Ama-as anonimamente
como amas o verão
e a rede no alpendre
        que sonhas ter
quando a vilegiatura dos impotentes
for o apanágio de tua existência.

Inspira-te em mim, se quiseres,
no meu olhar despreocupado.
Minha imaginação ociosa
percorre as calçadas
(sempre em busca delas
e de tudo o mais que possa amealhar)

e tudo o que vejo
guardo no aconchego
das minhas ideias e concepções
acerca da vida.

Escorre-me a saliva
ao vê-las ariscas.
Confesso que elas
são o centro de meu interesse,
o grande modelo de meu espírito
e minha fonte de inspiração,

embora enjoa-me por vezes
vê-las distraídas,
como submissas iscas.
Os chistes que atiram
umas às outras, então,
arrefecem meu ânimo.
Mas por fim, tudo isso eu perdoo,
pois o que me amansa e enternece
acima de tudo
são suas bundas promissoras
e seus saltos altos triscando
o asfalto
quando atravessam complexas
um cortejo de carros.
Nessas ocasiões tenho-as
Como as donas do mundo.

Resistindo ao forte apelo, chamo-as

sem chamar.
E em meu peito uma alegria
urbana, devassa, jorra.

Las putas, tenho-as
como companheiras de jornada,
dessa mesma estrada
que me serve de caminho.

Convoco-te. Vá, é preciso,
pela calçada com malícia vagarosa.
Chama-as de irmãs e mães.
De primas e amigas,
se não puderes
fazer mais por elas
e por ti.

Mas segue-as sempre
com teus olhos burocráticos,
em busca de cura.
Despoja-te se puderes
do que não tens e olha-as
e as admira e pensa nelas,
quando estiveres
em tua prisão de papel.[16]

[16] Escrito em São Paulo nos dias 27 e 28 de julho de 2005 e revisto em maio de 2015.

Estrada 2

Há mais silêncio no fim da estrada
que no começo.
É como a beira do precipício
sem passagem longe,
alguma.
É como o feitiço que embrutece
e não sublima.

No fim da estrada
nem mesmo há o asfalto,
uma placa,
um aviso,
ou uma voz humana
para aconselhar o erro,
refazer o destino.
Nem mesmo a promessa
aérea
de um dia seguir.

No fim da estrada
é só um basta,
Arre!, passa!
E depois mais nada.
Só a pergunta e a vontade lassa:
se não vou mais,
para onde não ir?[17]

[17] Escrito em São Paulo, em 2005.

Flor de cristal

(plágio de um verso
de Neruda jovem)

Tu te miras, miro-me
e a ti.
Tua carne poderosa
se desfez na glória dos dias
que não tivemos.
Teu olhar de encantamento
desapareceu na poalha
de nossos rastros.
Tua seiva e a minha
coagularam e arestas graves
borbulham nos nossos sonhos
sem voz.
Nada verdeja ou sol ilumina
para além da curva
que declina.

Eu te miro, tu a mim.
Entre nós vicejam visões disparatadas
de momentos que não tivemos,
como a do filho que não nasceu
e que seria agora
jovem e pleno.

Abraços e beijos não dados
gesticulam e estalam em agonia.
Ademanes suaves de um certo dia belo

que não houve
espiralam sobre a laje
e se desfiam.
Horas que não partilhamos
ferem com seus espinhos
nossa memória vazia.
Nela se agarram como náufragos
do navio que não foi.

Miramo-nos ainda,
já sem olhos.
Inermes como duas velas
que queimaram no mesmo prato
improvisado.
A flor de cristal e sua haste.[18]

À moda de Caeiro

[18] Escrito em Campos do Jordão, em agosto de 2005.

Nessas manhãs frias e imóveis,
vazias de sons e de testemunhas,
pressinto ideias e pensamentos
(que por pouco se detiveram em meu cérebro),
perdendo-se sem serventia e utilidade,
à falta de proprietário designado.
O distanciamento deles torna-me
quase alegre e confortável
pelo fato de poder viver assim desatento,
desocupado, apenas assistindo vez por outra,
sem o socorro do pensamento,
essas coisas efêmeras
que o homem cria em sua cabeça
passarem ao largo de mim,
sem deixar dor ou rasto
e sem aderirem à pele que tenho.[19]

Solidão

[19] Escrito em São Paulo, em maio de 2015.

Uma hora a fio
para enfiar a linha na agulha
e costurar os fundilhos
de uma cueca puída.
O sabão ordinário lavou
a sua roupa do corpo e a sua pele,
enquanto a água do chuveiro
caía quase fria.
Dormiu depois e sonhou
que receberia cartas pela manhã;
que ela voltaria de onde estivesse
e que a campainha
extinguiria o silêncio de pedra do mundo.[20]

Árvore e mulher

[20] Escrito em Campos do Jordão, em agosto de 2005.

Vem ver uma árvore
que cresceu entre as pedras
e os seixos.

E, depois que tu a vires,
dou-te meus beijos,
meu pensar em flores,
meu olhar vertical para o céu
e da vida os cheiros.

Planta tuas mãos em meu peito
até que minhas raízes
perfurem teu eito
e tu digas te aceito.[21]

[21] Escrito em São Paulo, dia 23 de outubro de 2005.

Sabor do tempo

estilhaçamos pires e xícaras contra as alvas toalhas das
[mesas de jantar dos ditadores.
derrubamos pontes sobre as quais transitavam vozes
[obscenas de comando
contra a vida de nossos filhos livres,
nascidos e por nascer.
abrimos nossas pernas e nos deitamos no fundo dos porões
e no fundo dos carros e das kitchenettes para nos
[deflorarmos
e atravessarmos as portas do prazer.
nossas amantes deixaram de ser virgens, e homens e mulheres
rolaram sobre a terra e sobre o asfalto cantando flores e
[descompromissos
com o mundo por fazer.
falamos de liberdade em meio ao cinismo de um regime
que queria apagar a transpiração de nossos corpos
dos lençóis e alpendres.

nossos poetas cantaram até quando suas vozes
fizeram sentido, e alguns imaginaram que o caminho
estava preparado, a terra pronta para a semeadura,
os lábios feitos para beijar e declamar.
fizemos os homens descabidos apearem de seus tronos
e ali plantamos outros
para renovar o mundo que exigia um rosto novo

e um outro alvorecer.

outros homens descabidos subiram ao poder,
ceifaram as raízes de nosso espírito,
corromperam a nossa casticidade,
os nossos cantos,
e por fim mudaram o nome
de nosso país.

somos expatriados.
hoje é quase impossível lembrar de nós,
homens e mulheres
que se amaram um dia --
e por esse amor respiraram e lutaram.[22]

Cortiço
(uma versão)

[22] Escrito em São Paulo, no dia 7 de setembro de 2006.

Pronto, cheguei em algum lugar.
Abandonei-me. O chão é meu.
Enterrei o punhal no peito da terra.
Cravei as unhas nas urtigas.
Penso que poderia ficar muito cansado e dormir,
mas o sono não chega.
Poderia, ao invés, acordar meus brios
e correr pela campina, pelas praças,
mas a ideia que na mente sacudo
não me alicia.
Abro as cartas sobre a mesa.
Poucas e secas
e requento a comida.
A cidade é um motor de monotonia.
Penso nos beijos que não ganhei,
e mais ainda nos que não te quis dar.
Penso no sopro do vento que não tocou
a vida. Pressinto que sou
um hiato no meio de uma palavra impronunciada,
um verbo sem asas, um par de asas sem verbo,
quase um cacoete, que se repete
por razão nenhuma.[23]

[23] Escrito em julho ou agosto de 2006.

Cortiço
(outra versão)

Pronto, cheguei em algum lugar.
Mas não é minha casa.
Enterrei o punhal no peito da terra.
Cravei as unhas nas urtigas.
Penso que poderia ficar muito cansado e dormir,
mas o sono não chega.
Abro as cartas sobre a mesa
e requento a comida.
A cidade é um motor de monotonia.
Penso nos beijos que não ganhei
e no sopro do vento que não tocou
meu corpo.

Indago: quando foi
que arrancaram o poder de meus braços e pernas?
Quando foi que perdi
as ferramentas que burilei no exílio,
no desterro, para demolir
o que me incomodava?
Terá sido ao chegar aqui, terá sido
naquela noite em que me vi
com lágrimas nos olhos em frente
ao espelho, comovido pelos meus
constantes enganos?
Terá sido quando parei de ouvir
minha própria voz gritando nas ruas?
Abro a janela e na grande avenida
circulam os comboios oficiais
da mentira e da fraude.

Baionetas passam sob o meu queixo,
trazendo na ponta uma palavra de mentira
e uma advertência.

Por ter perdido o ódio,
não sou correligionário de ninguém.
Por falta de amor o telefone emudeceu
para sempre em minha vida.
Por incapacidade de adesão
fiquei esquecido e a história
pateou sobre o meu rosto,
deformou a fisionomia de minha guerra
e de minha verdade.
Perdi o momento para integrar o coletivo.
E não tive forças para ordenar a mim mesmo
que seguisse só e vivesse.
Espero por vezes que alguém bata
à porta e me dê um emprego na repartição
(uma cadeira sólida e uma mesa
atrás de alguma coluna),
ou apenas um soco bem dado,
no estômago.
Ou que apenas se desculpe por ter
errado de endereço.

Necessito que alguém retire
as algemas que constringem
meus nervos e veias
e diga apenas
'pode ir.'

Sob a janela o comboio oficial passa.
Talvez continue a passar
até o fim de meus dias.
Desfilando sua inquebrável
esteira de escárnio contra o espírito
e a luz.
Debruçado sobre o parapeito da janela
sinto em meus cotovelos o cortiço inteiro
trepidando, prestes a desmoronar.[24]

Parábola carnal -- uma evocação

[24] Escrito em São Paulo, no dia 22 de setembro de 2006.

Naqueles tempos
comíamos pizza
e nos amávamos
enquanto os militares
vigiavam a noite de nossos instintos.

Naqueles tempos
eu lambia teus pelos
e sugava o futuro
que teu rosto desenhava
em graves suores e congeminações.

Naqueles tempos
nossas estreitas cinturas
eram uma promessa
para nos esquecermos do tempo
e amanhecermos revolucionários.[25]

Quarup – outra evocação

[25] Escrito provavelmente no final de 2006 ou início de 2007.

No dia em que o quarup de um homem bom foi lançado em festejos no rio, assisti da margem, o sol poente escorrendo sobre os tons vemelho e amarelo do tronco-símbolo.
O vermelho, sua determinação, força e verdade.
O amarelo, sua agilidade, pureza e hombridade.
O Xingu levou-o em seus ombros, o quarup rodopiava nas águas, girando sobre seu eixo como uma verdade empalmada; e distanciando-se de mim entregava-se ao destino da mãe-água, fim e princípio da vida.
Em instantes, o rio parecia o mesmo rio, como sempre diverso com sua constância de mudar.

As algemas de meus pés pesam,
retendo os voos de meu espírito.
O castigo a que fui submetido
é declinar da verdade.
Sou múltiplo de outros sujeitos
e o castigo também o é.

Múltiplas nossas linguagens combinadas,
que exprimem a euforia ferida e a desolação imposta,
em algaravia consternada.
Não dançaremos no futuro o quarup
para o homem de hoje. A mentira
a inércia e a indiferença coroam
os altares da ordem e encimam
a legenda do átrio da vida.

Meu olhar percorre
o sulco caprichoso do tampo de madeira
sobre o qual escrevo sem febre.
Um ínfimo Xingu se cristaliza
como fibra por entre as imperfeições da mesa.

O sujeito em mim é outros sujeitos
a presenciarem o rei agônico.
Se voz em nós houvesse articularíamos
vingança e lembraríamos de ontem.

Um bonde elétrico cruza a rua
em frente; as asas de um colibri
repinicam na armadura do vento. Martelam
meu coração em sobressalto.

Se me permitissem, voltaria o rosto
para meu vizinho, mas somos proibidos
de nos olhar.
No ar irrespirável se misturam
nossos odores corporais,
a morrinha de nossas roupas,
a dor do látego coletivo.

As araras vermelhas pousam sobre o quarup.
Homem e ave se entrelaçam entre o rio e céu.
As algemas de meus pés pesam
detendo os voos de meu espírito.
Sou gêmeo de quem a meu lado

agoniza; seus calcanhares insensíveis
depois dos choques; a cloaca
de sua boca, disforme; foram necessários
sopapos e murros para obterem
a palavra sincera e a falsa delação.
Em seu peito a água a espasmos
gorgoleja nos pulmões,
a estibordo e a bombordo, na proa e no leme,
a nau de sua vida descamba e se entrega.

O Xingu é um manto cinzento,
o sol se foi, o homem bom descansa
no regaço da mãe-água.
Terei ouvido a frase 'não suporto mais'?
Provavelmente não. Arrancaram
nossa palavra articulada. Talvez tenha sido
um grunhido, mas estamos todos mortos, ou quase.

Anseio juvenil de girar a cabeça para um lado
ou outro, esboçar um sorriso construído a custo
com minha boca sem dentes, ou apenas
trocar um olhar que dissesse 'irmão!'

Outro bonde vem de longe.
As janelas podres da delegacia estremecem.
As araras vermelhas do Xingu;
as vidas pesam em meu peito.
Com a ponta de uma faca
escrevo nele palavras de ordem,
como um anatomista tecendo planos autopsiais.

Sou outro em mim. Que pena! Foi-se a exuberante
musculatura que as mulheres acariciavam
com suas mãos pequenas.
De tanto ter sido beliscado e espicaçado
os pelos se foram. Meu peito é leito ferido,
terra fustigada, lodaçal.
Esqueci-me dos planos de nossa revolução.
Uma palavra aqui e ali, na lacuna da memória.
Nomes próprios nenhuns, palavras de comando
sem direção, várias.

O plano secreto embaralhou-se em minhas vísceras.
Não sei mais meu nome e quase não sinto dor.
Sou agora o outro em mim, escrevendo
hieróglifos em meu peito.
As araras vermelhas, a memória
do quarup do homem bom.
Minha cabeça no seio das águas,
balançando no regaço da mãe.
Tudo isso escrevo sem febre,
as araras vermelhas do Xingu,
ou terá sido o Araguaia.[26]

[26] Escrito provavelmente em 2007.

Para a posta-restante, por favor

Tenho pressa.
Manda-me ar puro em envelopes,
montanhas em *papillotes*,
e pássaros em bando
extraídos da memória de ornitólogos dedicados.

Manda tudo para a posta-restante.
Meu trem segue adiante
triscando ferros e atravessando
as plantas fabris de enxofre e cimento,
de ferro gusa e lamento.

Deixei o humano de carne e osso envelhecidos.
Instalei-me em mim como futuro de mim mesmo,
com músculos eternos de polipropileno e feixes
luminosos de fibras óticas.
Quando ordeno sou pênis inteiro,
vagina mundividente sem arrefecimento.
Quando penso,
o universal conceito é uma máquina
deslizando entre meus dedos-neurônios.

Aprendi com Whitman
e mais que Pessoa desmantelei a ordem
dos nexos físico-espirituais,
para ser além, não outro,
não mais que eu, mas um coletivo magnético,
sem natureza definida, supranatural,
melhor diria.

Meu trem segue pisoteando
a imaterialidade do cosmo.
Bobagem pensar em Andrômeda
(lá tenho casa de campo com copeira
e máquinas de dar prazer, mas nunca vou).

O planeta mil cento e onze Bê da Ursa Menor,
o maior de todos em que estive, é do lado de casa.
É coisa muito melhor: fazenda sempre verde,
em que se derrama na grama uma mulher imensa
que me engole e vomita
como mãe e fêmea e ri comigo
dos perigos e compromissos da morte e da vida.

Tenho pressa, caramba,
minhas férias começaram, nem acredito,
mas é pura verdade.
Soco meu peito de aço e porcelana
e intimamente festejo:
sou macaco feroz
sem a humana alma inútil.
Para quê o risco disso?

Tenho pressa e meu aço brilha
com a promessa do sol de amanhã.
Manda-me se puderes o que pedi,
que é pouco, manda logo para a posta restante,
que o trem corre e perfura ígneo a esfera vítrea

do tempo.[27]

Advertência a um interdito

[27] Escrito provavelmente em 2007.

Devo dizer-te, velho, mesmo que inutilmente,
que estás só, e que teus conhecidos, aposto,
são hoje lembranças mortas, nomes de pontes
praças e ruas, por onde trafega a indiferença,
e agora não te dizem mais
o que outrora disseram.

E que a mulher que mais quiseste
(sempre há alguma) já soprou
as 70 velinhas do bolo de seu aniversário
(velinhas ordinárias compradas na feira,
estocadas como uma adaga na superfície
da cobertura de glacê gretada e opaca do bolo)
e não se lembrou de convidar-te para a festa.
(Linda por sinal, presentes todos os queridos,
com certeza.)

Imagino também que teus filhos bastardos
nunca souberam teu nome, velho,
mas buscaram banir inconscientemente
os defeitos teus, tatuados nos genes
de seus rebentos, por precaução.
Enfim, tua janela fechada me diz
que não prestas para pai, avô ou placa de rua.
Imagino ainda que quando jovem
congeminavas envergonhado, não negues,
os mesmos planos que todos no íntimo
entretecemos em nossas horas de ócio,
mas só concretizaste delitos de abstinência.

O epítome de tua vida, velho,
é aquela janela sempre fechada --
atrás da qual escandes nosso destino --,
e que dá para a rua por onde passo
duas vezes por dia, cada vez mais indefeso.

Tua presença constante, velho,
suscita conversas estranhas entre os vizinhos,
de hábito expansivos, solares e óbvios.
Dizem eles que morreste, já, ou que mudaste dali,
dizem até que não és velho, que tua casa
é uma carcaça vazia de história,
plantada no mundo como uma pedra inamovível,
no meio de nosso caminho.
Dizem até que és um símbolo oco
do que não somos na vida, do que não pudemos
enfrentar, do que escapou de nosso destino
e fingimos poder restituir em seu pleno sentido.

Tua janela, digo-te eu, tua janela fechada
faz-nos um mal terrível, e digo-te isso
como uma advertência grave.
Sei que alguns vizinhos partirão daqui, em breve,
para esquecer-te, para reconstruir suas vidas
sem tua presença. Mas eu ficarei.
Até que abras a janela, até que nos fale
do púlpito, até que me libertes.[28]

[28] Escrito provavelmente entre 2007 e 2008.

Ditador

Morreu o ditador.
Enforcaram-no com as tranças
de uma justiça afrontada
pela verdade infame dos fatos.

Mas não morreu
o ditador em nós.
Continuamos a submeter nosso destino
ao sacrifício da desigualdade social
e da indigência.
Em nome de nossos projetos
e de nossas elocubrações desfiguradas
agimos lentamente,
nosso extermínio é aleatório, inconstante,
mas obsediado pela nossa cegueira
e pela falta de humanismo
de nossos atos.

Que importa, ninguém nos observa
ou julga.
O planeta espera homens com grandes gestos
devastadores gestos,
mas somos treinados para a sabotagem e o disfarce.
Minamos os alicerces de nossas vidas e de nosso futuro.
Mil campos de Treblinka, um milhão deles,
sob o sol alaranjado do poente, nos esperam.

Matamos o ditador,
mas nossos coturnos
estão encharcados de sangue.
Edificamos a barricada de nossa palavra,
mas com nossos talantes
esmigalhamos as poucas verdades duradouras.

Matamos o ditador,
Mas ele é mais forte em nós.
Esbofeteamos nossos filhos desorientados
mas dobramos o espinhaço
aos que jogam moedas no picadeiro
onde fazemos nosso abominável número

Matei o ditador,
mas mais ainda teu corpo em mim.
Estanquei sem piedade
o arrebatamento de teu beijo
em minha boca
e teu cicio manso e aveludado
em meus ouvidos.
Recusei a dar-te o oxigênio e a chuva,
o rolar das esferas meigas sobre a pele,
o alvorecer plácido do olhar.

Matamos o ditador,
o sangue de suas vísceras
escorreu por nossos dedos

e penetrou em nossas chagas abertas.
Sua seiva começou lentamente
a transformar a nossa.
Absorvemos com ela sua energia e sua intolerância.
suas feições e modos
tornaram-se os nossos.
Vestimos a sua farda
e penduramos no peito suas medalhas
forjadas no covil da fraude.
Em nossa cabeça seu quepe verde,
e por encanto todas as suas ideias.
Assim, começamos a dar ordens
uns aos outros.
Mandamos prender e fomos presos,
mandamos matar e fomos mortos.
Agora somos seus filhos e seu pai.
Ele foi vingado em nós,
em nosso massacre ele foi redimido, enfim.

Morreu o ditador,
mas não morreu em nós.
Mordo teus mamilos
com a fúria vingativa
dos invasores inconsequentes.
Minhas falsas verdades
digladiam com as tuas,
até que alguém sucumba de cansaço.
E esse alguém é mais poderoso
que a tua feminilidade
arrepiada, mas ainda dócil.
Arranco contra a vertigem
das tuas ancas

e as leis sucumbem
sob os espirais da força bruta
que não contenho.
E na minha submissão ao desejo
de dominar
domino-te até que a morte de tua voz
seja um fato consumado.[29]

[29] Escrito em fevereiro de 2007.

Mulher muda em tela de museu
(uma investigação sobre a eternidade e o cotidiano)

O retrato mira-nos e remira-nos.
Nem mesmo pulsam
suas palavras inauditas.
Teriam sido palavras arredondadas
como seus lábios, se as ouvíssemos?
Deles transbordaria uma confissão inesperada,
como "perdi tudo, dissipei-me
no movimento contínuo da vida"?
É quase como se ao neles me deter
falassem para mim agora.

"Somos por ora apenas instrumento da luz
e do disfarce.
Melhor assim, meu corpo
fala sem falar com aqueles lábios
e ama e desama sem a voz e o trato.
Não posso dizer mais.
Minha boca está travada,
aprisionada no último gesto do pintor pré-rafaelita,
no último monossílabo impróprio
que ecoa de outro século.
Minha voz aglutina seu ímpeto
no rebrilho dos olhos
e no fogo das mãos,
uma, dorso, outra, palma.
Meu espírito dança
imaginando o movimento de ambas.

Mas sofre, com a mordaça nos lábios,
a música eterna, ecoando da era em que vivi,
boiando em meus ouvidos.
Sou agora o pranto da cor
e as formas em mim sempre belas,
jorrando dos holofotes.
Sinto que pedem que cante,
que vire o rosto para exibir
o colo e o pente de uma dançarina espanhola;
que me aproxime e deixe ver melhor
o rubi que é quase
um coração colado ao peito;
que deixe que toquem a carne
de meus braços e meu rosto empoado
e eufórico de danças e coquetismo
e arrebatamento.
Querem ver minhas sapatilhas
e meu tornozelo. Não posso mostrar
mais do que mostra o pintor.
Sou cor e movimento emparedados.
Exibição de falsa alma,
tantas vezes alma
quantas vezes pressentida.
Alma, em suma, mil vezes multiplicada."

O retrato mira-nos, espectadores,
e ao nos afastar dele
desenlaçamo-nos de seu silêncio
e de sua eternidade.
Nesse momento dilata-se ainda mais
o abismo do tempo entre nós,
que é uma espécie de essência

que goteja sobre as coisas
e muito especialmente
sobre o piso do museu.

Ao sair para a rua
somos novamente insulados
e tristes.
E temos novas dúvidas também.
Corremos para alcançar o *tramway*,
Tomamos nosso chá em casa,
ou tomamos o chá na confeitaria
da próxima esquina
e vamos para casa depois?[30]

Mão banhada de sol

[30] Escrito provavelmente entre 2007 e 2008.

No ronceiro ramerrão,
caminho em silêncio
pela rua do bairro.
Um distendido conforto provisório
fala em meus gestos iguais,
como se eu tivesse aprendido algo.

Estou nu,
assim as árvores
e os pássaros,
os prédios e as alcovas
bem abrigadas.
Temo ser alvejado
por uma bala perdida
ou um beijo de traição,
e prossigo a despeito
de olhares oblíquos,
lançados através
do cortinado roto de janelas ociosas.

O final de minha rua
desemboca em um largo.
Vazio, quase sempre,
por onde cruza o vento.
Nos dias quentes
o sol cresta o paralelepípedo do calçamento,
banha meus pés,
os chapéus dos raros transeuntes --
e escorre pelo piso,

perseverante e dominador.

Entrego-me à luz.
Sento-me sob a ideia de uma árvore
que não há.
(Os fundilhos sobre a guia da rua.)
E escrevo,
com a lâmina da palavra,
enquanto o suor
goteja no papel e em minha perna.
Não sei que nome pronuncia o astro,
nessas ocasiões.
Não importa.
Está lambendo o suor
de minha mão agora,
incendiando minha pena
e forjando a primeira frase
de um dia sem inaugurações.[31]

Sob o gelo

[31] Escrito provavelmente em 2013.

Um corpo atravessa
a fria água do sonho
e alcança outro.

há refulgências de sóis
e penugens rebrilhando
sob a luz da vela.

deitam-se os corpos
na entretela de gelo.
nela enredam-se
teia, veia, artérias,
mãos e bocas
estiradas sobre o abismo,
saudade, istmo,
ele e a bela[32]

Alienação

[32] Escrito provavelmente em 2014.

Hoje, sinto-me bem como se tivesse feito tudo
e na melhor, mais adequada e consequente maneira.
Miro as nuvens cinzentas neste fim de tarde;
são monolitos de pedra flutuantes deslizando em um
[caminho
aberto,
Muito plano e macio como o algodão desenfardado.
No meio deles um fiapo de azul teima em emergir
por uma longa fenda sinuosa.
As rochas aéreas avançam, empurradas pela ventania,
e a veia de profundo azul as acompanha, resistente e
[prisioneira.
É uma felicidade única estar vivo e presenciar tudo isso,
mesmo que o foie gras seja caro
e eu tenha sede
de inusitadas experiências, ou de mais silêncio.

Estou em acordo comigo. A veia zul de céu
cruza meu espírito e me atravessa como coisa minha.
Fiz muito, construí bem,
Dei cabo de tarefas, pus um fim.
Faltou-me na vida, contudo, certa música povoada
de belos acordes,
e nas horas vividas gestos duradouros sem ferimento;
e nas frescas noites dormidas
mais repouso que amortecimento,
e nas horas de fome mais voracidade e ímpeto,
e nas horas saciadas mais entendimento e promessas
[honestas

-- e um melhor entendimento da mansidão alegre.
De qualquer modo, superei aflições pontuais
e estou prestes a inaugurar mais um mês de dezembro,
[em minha
história,
como quem aposenta os velhos ternos sociais,
embora pouco usados, e a coleção de bengalas
[de castão de
prata
(reservadas para as noites de cristais e gala)
-- e recusa um crediário atraente para meias,
gravatas e lenços de bela estampa;
ou como quem não se sente obrigado a fazer um balanço
[de sua
vida.
Não há contas a haver ou a dever.
Não há reparações ou vendetas, valores a repor,
saldos de contas a transferir ou a repassar.
Sou um forasteiro remido, apenas,
mas infelizmente jamais uma ave.

A eternidade sempre sonhada pelos outros
é uma vergonhosa perda de tempo,
por isso seu aceno insinuante me deprime
e me torna ainda pior do que sou.
Tenho entretanto que declarar, para quem me quiser
ouvir,
que minhas mãos estão limpas e puras;
e que já não trazem as marcas de minha violência e de
meu

[amor;

estão agora inteiramente isentas de história ou de
remorso.
Escondo sua palidez, enfiando-as nos bolsos da calça,
que são vazios como se andasse
pelo mundo
com as mãos guardadas em bolsos
de folgados pijamas de flanela,
numa intimidade sem fim
que jamais deixará de ser só minha;
e a rua que escolhi fosse plana,
feita para de tudo sem esforço se afastar,
e acolhedora para quem não sabe se quer ir.[33]

[33] Escrito em Paris, em abril de 2013, revisto em Campos do Jordão em novembro de 2014 e em maio de 2015.

American Poems

1

At last at home
in this foreign and distant

nameless country.
At last foreigner and disguised
in this place of translucid fraternity and wit.
Of grief and long-lived boredom.
At last not myself on the way to myself –
steady journey from the past.[34]

2

It is a misbehavior, lack of obeyance.
It is a verb conducted by the persuasive mices
of mind.
It is a little work of art done by heart.

[34] Escrito em New Haven no inverno de 1997.

A fight against fear.[35]

3

Probably a word of mine
was spelled amidst the charivary,
brutalized voices and dispaired screams.
Nobody heard it, certainly.

[35] Escrito em 1996.

On the counterpart you denounced
the very precise intentions
of your spirit, in a clear way.

Your voice upraised above
the embroidered daisy flowers table cloth,
the silver cutlery,
the flameless crystal glasses.

My name or some word very similar
you pronounced –
and the strained blood of my veins -- and yours, too --
feverish became promptly, but delightfully.
Other sounds, rage and beings no more seem to exist.[36]

[36] Escrito em agosto de 2003.

CORPO

poemas

Ricardo Daunt

Bate o rosto

contra a negação

da pedra

até a lágrima

Corredor

em que a ave

ficou cega

e a carne

hera

(e a cal palavra)

Essa tristeza faz bem.
Olhos de gesso
por secar ao sol.
Lábios muito claros
de areia fina.

Frágil o mundo
depois do impacto.

O dia desprende-se

do solo.

Paira

inventando-nos

Por que ainda as lâminas

do medo

nesta hora

Sei quando a palavra

incendeia nossas folhas

e o chão

revela nossas marcas.

Dedos dispersos

sobre a têmpera

da estrada.

Colheita de espaços.

Não esqueça.

Leva o gume dolorido

das ondas.

Uma cicatriz

no olhar.

Sempre este o milagre.

Aprendemos a gostar

das nossas mãos.

Esferas

lentas pousadas

sobre a peste

e sobre a nave do tempo.

Não tem pregas

a voz que emudece.

Outsiders

as mãos

algumas memórias

envolvendo a lua

com nossas mágicas

de palco em palco.

Bolsos transbordantes

que incomodam a multidão.

Viemos por ali

o corredor.

Vestuário frívolo dos que vêm da rua.

E nada no entanto a nos distinguir

Este o sabor

Empenhamos seiva e linhagem

(voz e lanhos).

Os abismos são doces

entre os altiplanos.

Braços

braços.

À noite dançam

para que estejamos incólumes

Mãos se lançam
sobre o feixe
dos sentidos.

Algozes,
não olham.

Olhos de lago

onde ferimos as pedras

e cingimos as algas

e todas as esferas

Sob o cozimento dos nervos
e o atordoamento dos poros
lábios rasgam-se
aéreos
sem bússola.

Corpo

Deste-nos os músculos golpeando

a dor de não machucar

e a geografia

para construir além

Línguas

ácidas

alvas

Vigília de horas alarmadas

sob as pálpebras.

Papilas na véspera das águas.

Deste modo o enunciado da carne:

um sabor violento antes de dizer.

Corpo

uma última célula fixa

e arrebata.

Água mínima mar

Vozes

articulação de músculos

festa precária e absoluta

assim nosso silêncio bizarro.

Pausa

depressa renascem

travesseiros

taças

janela

adornos do corpo sobre a tela.

Em algum lugar

perdemos o rosto

mas não importa.

Em algum lugar o idioma

não construiu sorrisos

ou o mundo.

Quando aguçávamos nosso instinto

um lugar um lugar um lugar

em que o idioma não se construiu.

Carregamos nossos móveis

e os guizos

nossas palavras orientais

e toda a festa.

A calçada por instantes iluminada

e nada

O que serei depois do último tempo?

O copo vazio por encher ainda?

A nota musical que não vibrou?

A memória do teu corpo

não acontecido?

A corda tesa do teu beijo

soando em minha noite?

O que serei no fim?

O nó górdio de mim

ou a liberdade de me ir?

Poemas de extradição e exílio

Ricardo Daunt

(com nova paginação)

Pisei o deque do parque de diversões de Santa Cruz

na Califórnia, num inverno,
apertando contra o peito o cachecol sobre o casaco de veludo verde
[muito gasto.
O frio atravessava os pontos do tricô da minha luva de lã,
os meus nervos desprecavidos, e me fazia emudecer.
Fui aquecer-me sentado no assento traseiro de um carro,
estacionado na Ardith drive, em Pleasant Hill, Califórnia, USA,
em companhia de Margareth , suas coxas sobre a minha perna,
ela muito vermelha e quente, fingindo-se distraída,
olhando para fora da janela, eu olhando para dentro
das coisas que eram novas e oportunas. Eu a queria,
mas não muito. Segurei seus seios grandes como se dominasse
o mundo. Ela parou de falar, eu comecei a falar,
como se todos os movimentos de meu corpo fossem justos,
adequados e normais.
Meu espírito tinha acne, minhas unhas eram aparadas
com os dentes e minha memória ávida de registros.

Pisei muito ávido e perdido
o asfalto de uma rua sem nome em Sevilha, atrás de petiscos
de balcão, brandies baratos, conversa fiada
e talvez uma mulher perdida no mesmo copo.
Mas ali só havia conversas sobre corridas de touros
e homens de calções correndo atrás de uma bola.
Também o chão escaldante de Manaus,
o ar pesado de umidade, a lassidão e a morosidade
de mulheres castanhas e sorridentes,
perguntando meu nome, minha origem,
palavras tímidas murmuradas sob a pérola da pele,
vibradas entre lábios.

Um enxame de abelhas sem destino feriu-me
na calçada da praça de Mayo,
onde mulheres saudosas de seus filhos choravam,
e eu não era de modo algum um herói.
Tive vergonha das palavras açucaradas
que depusera horas antes sobre uma folha de papel.

O barro do canteiro de obras
do futuro metrô de São Paulo,
em construção,
invadiu meu corpo,
também em construção,
e me pus a marchar a esmo,
numa noite em que chovia
e tinha um expedito amigo a meu lado,
com muitas verdades a proclamar
e uma enfiada de planos para o porvir.

Pisei as pedras de uma rua de Ouro Preto,
que tinham diversas formas, muitas delas
parecidas com crâneos achatados a marretadas,
nas lutas da Independência.
Também e muito oportunamente
pisei os trilhos assentados sobre a Commonwealth avenue
de Boston, enquanto ouvia o bonde indo embora e perdia,
mas em contrapartida catalogava muitas ideias arrebatadoras
em minha cabeça.
Parei como se estivesse arrependido,
na esquina da Chapel com a College street em New Haven
numa noite de primavera,
logo me sentando em meu bar predileto

querendo depois mas não conseguindo
voltar para minha casa na Park street,
ou seria para meu apartamento em Natal,
ou para algum hotel mediterrâneo,
ou para meu quarto
na rua Actor João Rosa, no Areeiro, 22,
rés-do-chão, esquerdo, em Lisboa,
ou para meu hotel na rue Cujas, em Paris,
ou para aquele quarto alugado
na rua Tenente Ferreira Durão, outra vez em Lisboa.
Enfim onde morei eu? morei?
Porque meu corpo estava fora de mim,
como estava na place Sainte Opportunne
em Paris,
quando via do quarto andar algum passante
que não se parecia comigo mas que podia
ser eu, mas melhor, muito melhor que eu, em movimento
[premeditado,
e que não tinha minha angústia e minha vontade
de partir sempre, sem me decidir para onde,
e também certamente desconhecia meu modo de querer
um querer muito, sem saber qual a vontade mais certa
para perseguir,
qual a mais inaceitável afronta
para responder à altura;
de qual oferta recusar,

ao me sentar nos bancos de madeira
dos bondes da avenida Nossa Senhora de Copacabana,
procurando com avidez mulheres jovens como eu e amigos
e depois na rua Pompeu Loureiro com meus tios
e seu apartamento repleto de espelhos e preconceitos,

ou no parque Tivoli em Copenhaguen com uma garrafa
de cerveja na mão, sem futuro e sem medo dele,
e um cruel fuso horário tornando-me mais doente e alheio
como no Westside road de New York numa noite
de espantos e conversas sobre jazz e literatura;
nos Halles parisienses em reforma perene, com suas putas
caminhando por ruas entre tabiques e advertências;
em Fontainebleau e sua floresta ressecada, com amigos
e depois pisando de volta a gare de partida
para meu apartamento na avenue Marceau
com suas ogivas debruçadas sobre os telhados de Paris
e meus móveis de vidro adormecidos.

Pisei meu rosto espelhado em uma poça d'água
em um percurso por um cafezal em flor,
vielas de algum mundo interior
e eu não sorria, mas sorria ela, Helena,
fresca como meu, ambos
com os pés em longas botas de montaria
e no pescoço
um lenço de seda.
Pisei no Iate Clube de Angra dos Reis
e deixei-me conduzir até o extremo
do pontilhão de madeira que avançava
sobre o mar
e não havia barcos ou velas no horizonte,
para ver,

entretanto ouvia apenas
as ondas batendo nas pilastras do atracadouro;
e apesar disso caminhie ainda

na calçada lisa e quase vazia da Cornell street,
no Natal daquele ano perdido e reencontrado em Dublin.
(“Morreu Dean Martin” diz o barman,
de um pub soturno mas quase matinal, logo que me sento.)

Pisei no fundo de um lagar de carvalho
com uvas em um trabalho ocasional
em uma quinta portuguesa
na região demarcada das Bairradas,
meus pés afundando e a uva prensada
escapando pelos dedos gelados,
minha testa quente do esforço
mais fresco junto ao Douro ou mais frio no Cais do Sodré
em uma Lisboa invernal,
na place de la Concorde junto ao obelisco e seu destino
titânico e amordaçante
-- solidão e interlúdio --
e voltei à igreja de Saint Gervais em que um órgão tocava
no final de tarde ventosa e desoladora,
os pés sobre o lajedo frio da nave
a luz pelos vitrais do espírito
que se ergue para vislumbrar
o corredor longo e a abóbada
da Notre Dame ,
e sobre as barcaças cortando as águas
do Sena, pont de L’Acropole, pont des Arts,
por isso perdi-me por vontade própria
no Marais,

no Trafalgar square comprando,
pessegos suculentos no verão

de raro sol londrino,
na praça da Sé paulistana,
sua catedral e tumbas, sua verticalidade
e escadarias, envasaduras fuliginosas e multidão
nervosas formigas determinadas em litígio
os pés nas areias quentes de Copacabana
de Ipanema de Búzios de Cabo Frio
a terra cheirosa das florestas
de Teresópolis e do Jardim Botânico
do Rio de Janeiro
no mosteiro paterno de São Bento
na Bahnhofstrasse e o silêncio de seus bondes
de prata com seus bancos de ouro e divisas
e na Cidade do Cabo viragem do vento planetário
de Santarém ao Gerês, passando por Braga
sua igreja e estreitas ruas
cansadas de caminhar e desencaminhar
com os guarda-sóis de seu café defronte
a neve fofa e dissipante dos Alpes suíços as pastagens
com as primeiras flores selvagens
da primavera brotando das gramíneas
pés que querem muito
correr na direção delas e voar sobre suas raízes
e folhas úmidas e serenas sobre moderadas
elevações e curvas e declives.

Pisei sem tocar o corpo da mulher querida
da fêmea como as garças e arder como sarças
pois toquei-a com as mãos e a pele de rufião
até que a água dos rios apagasse
silêncios e gemidos
e ela se foi em seus passos machucada e triste

deixando-me com meus espinhos
e passos e novas lembranças.

Pisei tapetes fofos caucasianos
e persas e turcos
e ásperos tapetes de cordas e fibras
feitos por mãos ásperas de fome e persistência,
de mulheres enrugadas e nodosas
que trabalham sem temor ou cansaço
em rochas alvas quase a despenhar
de barrancos saibrosos
em rochas escuras e castanhas
vermelhas e douradas iluminando
com suas reverberações meus olhos
e meu corpo e trechos de minha estrada.
Andei no matagal comprimido entre muros, em um terreno baldio,
na rua Nebraska, em São Paulo,
onde persegui borboletas e as aprisionei
em um frasco de vidro.
As que foram pegas eram muito menos belas
do que as que escaparam de minha rede
e ainda voejavam sobre minha cabeça, com escárnio.

Pisei em pedregulhos cinzentos
amarelos e azulados tingidos de cinza e de preto
e suas lâminas cortaram meus pés
e quando caí lanharam minhas mãos e depois
meu rosto e meus lábios
e numa última imposição dos fatos silenciei
e sonhei que pisei novos sistemas planetários

e neles me embrenhei
até queimar devido a chamas mortais,
ao pisar na primeira estrela,
que tinha as coxas de Margareth,
ela entretanto olhava para fora do carro,
e desde o primeiro momento sabia
que iria se deixar tocar.

Terá sido no farol da Barra
ou na branca areia de Itapoã,
em Pituba, ou em alguma praia com coqueirais,
ou despertando na penugem úmida
de teu corpo salgado
sobre uma esteira de praia
tantos anos faz.
No Japão submerso, em Creta
e na Patagônia enferma
e fria,
no berço dos incas e dos maias,
nos mitos dos povos melhores
que os de hoje,
que se amaram e de olhos abertos
testemunharam o seu próprio nascedouro
sob as lajes protetoras de pedras escavadas,
alicerçadas sob a unidade inquebrável
e inteiriça do tempo.

Rumores dentro de mim advertem
que pode ter sido em todos esses lugares
ou em apenas um deles.
Nesses e em outros mais navegamos
e atravessamos com o corpo livre
e a vontade satisfeita e sorridente,
percorrendo os tempos desalinhadamente
junto às franjas de fogo e lava
que lambem e assinalam as costuras

de lençóis e fronhas que foram
nossos.

Entre sorrisos sugamos nossos corpos
e traguei sua língua e seu hálito;
enlacei seus cabelos e tingi
suas pupilas com a presença impetuosa
de minha figura entregue e lhana,
estupefacta e ambiciosa.
Na ambição fomos sempre além
e muito depois do limite improvável
continuamos até o recomeço,
que fica logo depois do que se chama
fim e revisitamos miudamente
o que já tínhamos visitado e conhecido.

Mas era contudo novo e renovado,
conhecido e não, tudo o mesmo
e diferenciado, todas as reentrâncias
e altiplanos, todas as elevações
e depressões,
cavidades e extremidades.

Sei que as palavras assim ditas parecem gastas,
pois inadvertidamente algum poetastro
as gastou, mas são novas
e seu sentido é maior, mais extenso, mais amplo
e nessa extensão somos mais sôfregos e palpitantes
e assim perpassamos o outro,
até que ao redor (e através) de nossa carne

vemos e corporeamente somos o exterior
e o interior do desconhecido, o dentro
e fora das células que aguardam
pacientemente seu momento longínquo
de se tornarem pedra, o aqui
e o mais além das cruzes dos altares,
o jazigo e o jardim das ideias
que germinam da luz interior,
a troca das seivas que em nós correm na direção do prazer,
e mais
o farol da barra, Itapuã, Pituba,
os coqueirais de alguma praia --
tudo o que reside em nosso espírito --
e por isso esses recantos são de algum modo cambiáveis,
e intercambiáveis, ainda que tenhamos
a sensação de sua fixidez, intransitoriedade e constância,
mas ela é falsa, pois tudo isso está em nós dois, vive e se move,
transitando entre as forças adormecidas nos planos inferiores,
subterrâneos e perigosamente malignos e intransigentes,
e aquelas que elevam e empolgam todo aquele
que as conhece e aplica.

A chuva deixa meus ossos em brasa,
lava-me em sua memória de passageiro das coisas.
Conta-me de seus desatinos,
e transbordamentos. Afoga
meus olhos vítreos em suas gotas de aço e priva-me
do que não cheguei a sonhar,
domina o tempo que me foi prometido
e no seu lombo escorro sem força por uma canaleta desigual.
Torna-me seixos e folhas secas socados no barro que desliza
em constante vertigem.
Dissipado em solidez de nuvem estou finalmente
em trânsito e assim imensurável, irreconhecível, indefinível; opaco
sou, sem o ser mais.

O que acontecia no meu caminho
era um problema pessoal
só meu e de mais ninguém.
Via os jornais televisivos,
e suas imagens devastavam meu espírito
como se tudo me ferisse pessoalmente.
Lia os jornais impressos,
e suas notícias arrebatavam meu ânimo
e minha vontade revolucionária,
que era enorme
e hoje não é grande,
mas que já foi do tamanho
de minha ambição adolescente.

Como justificar minhas atitudes hoje,
em circunstâncias tão nefastas, mantendo-me
alheio e quase neutro,
desleixado, familiar, no máximo bairrista,
no máximo ainda regionalista, tacanhamente
engajado em nada ver o que se coloca
do outro lado da cerca
(quando fora outrora obstinado, imprudentemente loquaz,
arrebatado, envolvido e beligerante),
tendo, no horizonte de meu espírito,
apenas a cumplicidade ainda que intimidante
das casas do outro lado da rua?
(Rua de um vilarejo qualquer.)

E mesmo assim, presenteado com imensas desvantagens,
decidi no passado ocupar-me com todas as forças,
dirigindo com clarividência meu foco de interesse,
para o que parecia ser inevitável --
o que propiciou meu alistamento
e a consequente adoção de armamento pesado,
para a primeira batalha de uma guerra
que prometera frases solenes dos mandatários
e sangue escorrendo para o leito de modestos córregos.
(Chego a pensar que não deveria ter-me alistado.)
Chego a pensar que mudei e não deveria ter mudado.

Na esquina de uma rua meu pai estanca pensativo,
não sabe para onde ir, nem por que ir, mas ele
está lá, com as mãos espalmadas
contra as costas;
em seguida enfiadas nos bolsos, o punho fechado,

depois com o polegar e o indicador de cada mão
envolvendo o cinto, ostensivamente,
como um militar em seu posto de guarda,
depois ainda agora caídas ao longo dos flancos, desamparadas,
como se tivesse medo.
Aguarda um féretro ou uma amante?
Nunca saberei.
Os carros passam e alguns raros
conhecidos acenam e fazem gestos em sua direção.
Ele meio que sorri, mas é como se não os reconhecesse.
Abaixa a cabeça
e fixa seus olhos nas biqueiras do sapato
de cromo alemão.
São horas de partir.
E ele parte, não sem antes
agitar o pulso esquerdo e como consequência
o relógio suíço que estremecido se submete,
oferecendo-se a sua mirada
como ao atirador a culatra de uma arma.

Sem saber reproduzo muitos de seus gestos,
para que lado ir? Para o front, ou para o acampamento
onde os recrutas temem seu futuro?
Fugir para as altas montanhas do leste
ou me entregar?
Anseio por um armistício, um cumprimento,
uma medalha no peito, um par de botinas novas,
um ingresso para um espetáculo melhor
do que este.
Apenas sei que não sei mais dar o primeiro passo e berrar
“Mato se não largar a sua arma e erguer as mãos.”
Também não sei mais como organizar as barricadas

nas estreitas ruas da minha aldeia.
(Ou de qualquer uma.) E esperar com sábia paciência que os inimigos
cheguem com a costumeira obstinação dos fortes
e a franca determinação dos subalternos obedientes.
Admito que é preciso firmeza, destemperança e muito mais,
para não alimentar o receio
de que os cavalos inimigos saltem sobre nós
e seus cavaleiros nos aprisionem entre dois fogos e duas forças
e nos façam sofrer.
A infantaria deles caminha em nossa direção,
vem logo atrás das montarias
contidas a custo, segura de que a vanguarda cumpriu seu papel.
Suas fardas azuis, vermelhas e brancas cintilam na manhã
nos baixios da campina e nos morros defronte, pelos flancos
e desfiladeiros, pelos rios e pastos.
Rompem nossas trincheiras, fazem progressos evidentes
e avançam sem pressa, subindo sempre pelas faldas da montanha,
no topo de onde nos entricheiramos
e ganhamos tempo para refletir
sobre o futuro que a brisa dissipou.
São holandeses, russos, alemães, que importa!
São diferentes e diversos e nos querem sob seu jugo,
disso estamos certos.
Eles crescem de tamanho, quase podemos reconhecer
os famigerados detalhes de suas fardas e de suas armas –
as baionetas caladas.
(Chego a pensar que não deveria ter-me alistado.)

Visíveis agora do arco-íris de suas girândolas, atiram contra nós
vapores coloridos e magmas vulcânicos em plena ardência.
Caímos assustados, perplexos, pintados de cores inesperadas, o rosto
queimado e sem solenidade, as mãos trêmulas

com as de um bêbado contumaz. O pânico em nossos olhos,
nossa voz de comando sufocada por soluços e tremores vários.
Quase choramos no entreato da guerra desnorteante
que é alegria e decaimento; gaiola de pássaro aberta
e cela de pedra sem janelas (sem o conforto nem mesmo de uma
[espia
bem postada, desejável, mesmo que alta demais para ver o mar).
Tudo o que é pouco é melhor do que o muito que é nada.
(Chego a pensar que não deveria ter-me alistado.)

Eles nos alcançam facilmente; colocam ferros em nossos pés,
algemam nossas mãos e prendem-nos, derrotados, submetidos,
a um cabo de aço. Somos agora uma fieira de pássaros aprisionados,
animais indefesos nas mãos de crianças no auge de uma festa
[macabra.
Sabemos que nada conseguiremos que não resulte de nossas certezas
e inconformidade. Sabemos disso.
(Chego a pensar que não deveria ter-me alistado.)
Mas esmorecemos.
E o esmorecimento é um crime militar (sabemos disso),
e todos o praticamos. Chamam a isso de medo?
Chamo a tudo o que me trouxe a isto de equívoco.
A arma de grosso calibre, automática e certeira,
que empunhei pesa-me agora desarmada,
sem o pente de balas. Carrego-a morta sobre os ombros
para a entregar ao inimigo, e escutar dele a promessa de degredo
em uma colônia penal, que advirá.
Pesa-me a arma vazia, ainda, como uma subtração de minha energia
e de minha revolta. Querem que eu a carregue
sobre os ombros sem munição para que não deixe de pensar
na minha fraqueza.
Guerra estranha, artifícios incomuns.

(Não, matar-me-ão antes de chegar ao destino, ou talvez não;
trabalharei na colheita das batatas, sim,
e no arado que o boi arrasta sobre o eito, e na ceifa
e na moagem, nos estábulos e nos silos, sei disso, serei útil
até o fim.)

Por instantes penso em voltar-me contra mim,
matar-me para não morrer nas mãos dos que me querem morto
enquanto vivo.
Parece simples e singelo.
Mas a arma não me atende, está morta como eu
e carente de princípios elevados.
Meu peito treme com o contato da tira de couro que sustenta
minha carabina
Arranco a arma dos ombros, seguro-a entre ferros.
Ela está muda, pai.
Ele continua na calçada, na mesma encruzilhada,
um carro encosta a seu lado. Meu pai fala coisas
e ouve outras. O carro parte. Meu pai permanece
na esquina, à espera de um milagre.
Eu também.
“Anda, homem, o que pensa fazer? Entregue toda a munição
que esconde nos bolsos!”
“Nada tenho, posso jurar.”
(Chego a pensar que não deveria ter-me alistado.)

Se morresse agora, a dor seria aliviada,
caso contrário, sofrerei por não sofrer
o bastante. E sentirei pena de mim.
Não sei como fazê-lo.
Uma bala, um pente delas é do que preciso.
Alguém se aproxima da porta.

“Vamos de uma vez!”
Mato-me ou mato quem vem, sem balas, mas com as mãos;
com as mãos e os dentes, se necessário for?
(Chego a pensar que não deveria ter-me alistado.)
Diz meu nome e sorri ao entrar. Preparo-me para o bote.
“Quer dormir no quarto ou permanecer na sala ronronando?”
(Tente me degolar, estou pronto e convicto de que posso partir.)
“Já vou, não tenho sono,
mas logo irei”, digo.
(Mentira, não estou em condições de atravessar o Letes,
a água insalubre tamborila com a ponta
de seus dedos o cais de madeira
onde estou com um adeus nos olhos,
demonstrando que tem pressa para me levar
até meu destino. Acovardo-me, recuo um passo e suspiro.)
Desmantelam-se meus nervos, a prudência da defesa
e os anseios de vitória.
Os filhos que talvez sejam meus
choram desde algum lugar,
para sempre insatisfeitos, quase cruéis.
Digo ao léu, sem força,
que vamos para a batalha final,
mas antes é preciso tomar um leite quente,
com um punhadinho de açúcar e pitadas de canela.
Da sacada observo os prédios em seu perigoso
alinhamento no campo de batalha; espreito sua imobilidade de pedra,
suas janelas cerradas, cobertas por um negro véu.
Estou na alça de mira de atiradores atrás de cortinas,
à espera da ordem de atirar.
É como se todos nós esperássemos o amanhecer
de um dia ‘D’ heroico e decisivo, a um passo
de ingressarmos na história escrita.
(Chego a pensar que não deveria ter-me alistado.)

O país espera, desconsolado.

Apeio do arnês que me protege do medo,
das balas e dos punhais,
abandono a matalotagem sobre o soalho,
como alguém que chegou para ficar.
Assim está melhor, reflito ao espelho.
Despojado da armadura fico menor, é verdade, mas mais exato,
mais indisfarçavelmente parecido comigo,
com a costumeira significância muito relativa
e discutível. Sem protuberâncias e artifícios.
“E então, o que decidiu?”
“Vou ficar um tantinho na sala, pensar
no que não fui e tocar nas coisas
como se dono delas fosse por um instante.”
E até mesmo -- se recuperar a disposição --,
arguir sobre sua posse, que é tão irrelevante
para os espíritos mais bem formados.
E sobre as deformidades de meu próprio espírito
malcomposto.
E ainda pensar, se tempo houver, nos filhos
sem os quais ludibriaria melhor
as minhas falsas impressões de mim próprio;
pensar também no fato de que ainda estou vivo,
apesar de tudo. (Sentimento que nada serve aos outros.)

Em uma esquina qualquer meu pai está lá, continua lá
à espera de algo.
Olha o relógio várias vezes, examina os carros que passam,
as pessoas do outro lado da avenida.
Sente-se sem energia. Parece perscrutar seu íntimo

e nada descobrir que não seja desolador. Para onde ir?
Estou aqui, vejo-o mas ele não me vê.
Está impregnado do desejo
de se sentir anônimo e feliz,
ainda que seja uma satisfação incompleta e passageira.
Mas não consegue satisfazer nem mesmo esse pequeno prazer
[masculino.
Estarei sendo ridículo?
Estaremos sendo ridículos?
Enquanto isso o mundo e o tempo
se reproduzem implacáveis,
os prazos escoam,
a morte quer sua parte da vida,
as asas do destino cansam de seu voo
(pesadas de tantos anseios irrealizados),
a última sessão do cinema defronte acabou,
as armas repousam nos quartéis e nos hospitais de campanha.
Como sempre o sinal na esquina muda de cor,
em sua obediência irrefletida.
A neblina e o silêncio envolvem a figura de meu pai,
que se torna delida, até que ele se esfuma
sob um banho de luz intensa. Está morto.
Leva com ele meus brinquedos preferidos,
minha primeira calça comprida, meu boné de tricô,
meu primeiro dia de aula, minha primeira paixão
estoicamente guardada no peito, sob a umidade
de verões exaustivos. Sem sua recomendação expressa,
me vi na contingência de virar homem,
de comer com garfo e faca, de ter à cabeceira
um despertador, de engraxar meus sapatos,
de vistoriar minhas orelhas e minhas unhas
antes de sair para ganhar a vida e nela me perder.

Estalactites mansamente crescem
sob a abóbada das igrejas --
e na ponta de seus profanos dedos esbranquiçados e tortuosos
nasce a cintilação de uma turmalina.
Na guerra vigia-se mar e terra. Eis o relato:
os lobos profanam os desfiladeiros
e se apoderam das estepes desabitadas.
Em bando cercam o alce.
Os caules negros
das casuarinas enfrentam as contínuas provocações
do mar de sargaços, sempre sôfrego e incansável; os barcos
inimigos -- encouraçados, corvetas – são enredados,
suas hélices travadas pela cabeleira marinha da costa,
deixando-os à mercê de nossa fúria recobrada.
Começamos a atirar contra eles, da praia, dos fortes e do mar,
com nossas fragatas ligeiras; e dos mangues, com traineiras
[apetrechadas
(disfarçadas sob o emaranhado retorcido de arbustos) que semeiam
o céu de artefatos socados de pólvora, arremetidos com perseverança
contra os conveses, pulverizando faces surpresas.
Macaréus malasianos nos auxiliam, retorcendo as quilhas dos barcos.
Naus de guerra se entrechocam em meio a gases incandescentes.
Pororocas paraenses acodem e revolvem as margens e raízes
de árvores que encontram pela primeira vez a luz da morte
antes de serem decepadas pela ação
de múltiplos vertedouros de força. Nesse redemoinho a frota
dos valentões é esmigalhada. Foi o relato.

Agora vem a madrugada,
ou a manhã, ou a noite (tanto faz),
depois dela outras manhãs ou noites virão,

sempre envoltas na neblina.
Sob os viadutos passo,
soldadinho com a arma a tiracolo.
(Chego a pensar que não deveria ter-me alistado.)
O asfalto da rua ainda está molhado. Filetes
de sangue diluído escorrem pelas sarjetas.
Abandono-me ao fluxo vermelho, reviro-me, rolo,
emborco-me e me entonteço até o limite
de minha consciência, sem um norte ou céu
no qual confiar. Sou engolfado e empurrado
sempre para a frente, para baixo, para o fundo
em uma promessa de catarata que não se concretiza.
Fecho as cortinas, subo para o quarto.
Ela e as crianças já estão dormindo, como se chamam?
As últimas balas zunem sobre a casa
em sua viagem fatal.
Despencam sobre o telhado, sem força,
exaustas.
Ouço o som metálico
do primeiro baque, depois o ruído parecido ao de moedas
rolando e se entrechocando. Em instantes as balas se aninham nas
[calhas,
como operosas formigas aglutinadas; parecem confabular
[discretamente,
mas a aparência ilude.
De seus diminutos cadáveres emanam vapores
que se esgarçam ao contato com o ar frio.
Estão prontas para o nada e para serem
devolvidas ao barro úmido.
Nada além se move, só a Terra gira à toa,
nave inerme, retida em um modesto cômodo escuro
do espaço, sempre cortejada por meteoritos embriagados,
preparando-se para morrer sem solenidade,

ciente de que não foi amada na medida de suas necessidades
e na amplitude de seus atributos incontestáveis.
Para além dela a Nuvem de Magalhães.
Depois, muito depois, centenas de planetas sem comunicação,
com os telefones mudos, de diversos tamanhos e cores,
e além, no tempo e espaço o evento primordial da matéria,
o campo de Higgs,
a ação coalescente do bóson, o cuspe gigante
que agregou, caldeou e aglutinou os protoátomos vadios,
transformando-os em planetas, estrelas, asteróides, meteoritos.
Puras orquestrações mentais dos cientistas –
é bom que se diga --, elocubradas para que tenhamos esperanças
e ambições mais elevadas e serenas.
Somos parte, insinuam eles, de uma gigantesca orquestra
de metais e madeiras, bumbos, chocalhos, triângulos repinicando
a perder de vista.
Que bom isso de executar em companhia dos outros. Dividimos
as partituras e as escovas dos sapatos de verniz.
A trombonista reforça um botão da braguilha de um trompete
audacioso.
E o fecho ecler às costas da harpista é recosturado
com as mãos ágeis de um xilofone, para assim suportar o gesto largo
da musicista opulenta e doce.
Já vou avisando: quero um instrumento fácil, que não dê trabalho,
discreto e reservado como uma nota abafada e quase inaudível
de um flautim mergulhado no fim de um longo corredor,
esmorecendo, amiudando, tênue, opaca, sufocada por outras
mais insinuantes; ou que não ultrapasse o som de uma palavra
mutilada, não emitida, apenas pensada durante o remoer de uma ideia
nascida das pequenas dores das separações breves.

Agora é muito tarde para pensar nisso.

De onde estou a beirada da cama é um objetivo distante.
A porta do quarto, pior ainda, é uma miragem desatinada.
Também é tarde para refletir sobre as vitórias
que não vieram, sobre as palmas que não sacudiram
o tablado e a ribalta,
que poderiam ser relembradas na eternidade de plintos inabaláveis,
depois de ganharem a primeira página.

Fecho o último botão do pijama,
o alvoroço estanca no peito e na mente.
Paro de respirar e meu coração cessa de bater.
O que confesso aos inimigos não é verdade,
depois nada aspiro ou falo, outra maneira humana
de morrer.
Estou antes de tudo pronto para qualquer coisa como dormir,
apagar minhas luzes interiores,
descansar como um vulcão extinto, ou para me agarrar
a um nada nadificante que me sirva de mortalha.
Também eu, como o planeta, em busca de nada buscar;
à procura do esquecimento que me procura sempre.
Ou de pensar nas paixões arrefecidas, ou de não pensar
nelas, nunca.
Refocilado, pleno, sinto a relva crestada pelo calor
cravar suas unhas nas minhas costas. Estarei ainda desperto?
A terra exala seus odores adocicados e as estrelas
mergulham no meu peito.
Faminto, vazio e sem destino, as nuvens
se apoderam de mim e me cobrem de fuligem colorida,
arlequinescamente.
Uma fala estrangeira que não entendo
sussurra em meus ouvidos
(vinda da pedra, da cantaria, do mar, dos teus lábios?).

Serão os fardados estrangeiros,
outra vez? Não haverá mais escapatória, é claro e natural
que assim seja.

O tanque mumificado para sempre, sobre o jardim de Bender
em um país que nunca existiu, está rodeado de árvores descarnadas,
despidas de frutos e folhas.
(Homenageia a guerra instalada na consciência de cada um.)
Desde um passado quase remoto
a última carga de canhão foi lançada – é o que se comenta.
Sem pressa, sobrevoou estepes e arroios congelados
como se dissesse adeus. Não feriu ninguém,
aniquilou apenas todos aqueles cujos olhos seguiram
com sofreguidão a ardência de seu rastro.

Novamente as palavras estrangeiras, pronunciadas
com marcial sonoridade.
Ouvir vozes assim, sobrepostas, desmantela-me por completo
e meus nervos se liquefazem crespos
no limiar do portal que separa o sonho da vigília,
o não sonhar de seu oposto,
o que nega teu corpo e não afirma o meu,
o que expira de tristeza e não chora,
o que se alegra na pletora
de nossos líquidos ungidos
(a carne da ameixa madura colhida no pé tem o gosto
dos teus lábios vulvares mordidos com meus dentes)
numa igreja qualquer defenestrada,
onde as bombas incendiárias e a vibração de vozes
já esmoreceram, e os sobrevientes agitaram
lenços brancos e pedidos de perdão.

Caminho crivado de tristezas e ofensas
pela alameda gasta, pelo teu corpo e mente
feitos sem compasso, minhas mãos ao final
te seguem como se te perdessem,
filhos, pais, mães, sopro conventual
de orações intérminas e dias alvorecendo
muito amarelos e mansos e doloridos
pairando na modorra de montanhas azuis –
ou serão esverdeadas --, de chumbo, ferro e contemplação.

Por todos os oceanos além,
as correntes marítimas carreiam conchas, sargaços em chamas,
carcaças de baleias sacrificadas pelo arpão tridente de Netuno,
mensagens de outros continentes, destroços de barcos sinistrados,
vagas de prantos secos acamados.
Em seu dorso corcoveia
a fervura de espumas brancas
que morrem se contorcendo próximas à praia,
em sistemáticos espasmos.
Deslocando-se sobre a pele das águas, em movimento evasivo,
a memória de nossos rostos salgados
suspira anelada e febril; rápida salta e vence
a distância que aparta nossas mentes desregradas e desiguais.

Acima de nós (e ao nosso redor)
a cidade de vidro multiplica-se sem esmorecimento;
em seus panos de cristal e aço nossos rostos (e cada prédio em outro)
se reproduzem sob a luz do sol e das lâmpadas.
Caminhando de braços dados, muito solenes,
testemunhamos nossas faces graníticas espelhadas na cidade vertical.

Nas primeiras frescas horas da manhã,
nos estertores do dia ou na noite alta
(eis os melhores momentos)
somos quase apenas fotografia agigantada,
registros vários, seriados, por vezes como fomos;
outras, como adviremos.
Em algumas circunstâncias de passeio
seres como filhos e situações como as familiares
na cidade de vidro ficam estampadas e logo se agitam,
como se o ser desconhecesse o caminho correto da fuga.
Em seguida por sobre tudo isso plasmam-se árvores, automóveis,
massas humanas atravessando esquinas, conchavos evidentes,
gestos muitos, vagos.

Agora apenas meu rosto, solitariamente reproduzido
no prédio de vidro defronte, mas logo sobrepõe-se a ele
ou à ideia dele, a imagem de meu pai, ou a ideia dele,
com as mãos espalmadas sobre a região lombar,
esperando, aguardando ou temendo talvez
um assalto, uma certidão cartorial, um prêmio,
um conhecido que não veio, o vendedor de cautelas, uma mulher perfumada,
o jornal sair da prensa e ganhar a banca, o carro do chofer de praça, --
serviço agendado com grande antecedência --, o flagrante
em que será o flagrado.
Sempre esperamos na vida a morte, e na morte a vida,
e nesse esperar aqui e acolá nos perdemos sempre
daquilo que fomos um dia.

Diversos mundos,
nenhum mundo, enfim.

(Chego a pensar que não deveria ter-me alistado.)

Bichos solitários[37]
(poesia e ficção: prosema)

A última zibelina[38] do dia foi sacrificada
e sua pele valiosa seria tratada para aquecer
o mais belo pescoço da tribo humana.
Eis seu destino.
Era uma fêmea e trazia uma promessa
de um dinheiro que fora desprezado
no momento em que a abateram.

Seus executores, todos de uma mesma família,
pai e dois filhos, lamentaram a má sorte.
Poderiam ter pego um macho ao invés,
Assim, aquela fêmea estaria livre para procriar
e render mais no futuro. Em média duas ou três crias

[37] Advertência: o texto híbrido que o leitor vai ler não propõe uma discussão sobre as diferenças entre o poético e o prosaico, apenas faz uso de maneira pendular ora do prosaico mais narrativo e coloquial e quase descuidado, ora do lirismo mais evidente. Essa situação pendular permite que o poema-prosa ofereça uma dinâmica de leitura com interessantes surpresas, ora se assemelhando a uma narrativa ficional, ora a um poema narrativo, ora a um poema lírico, daí as frequentes mudanças formais que o texto adota, em atendimento a esse propósito, o que pode gerar desconforto, mas também prazer.

[38] Nota de esclarecimento: a zibelina é um mamífero solitário, de pequeno porte. Cientificamente seu nome de batismo é Martes zibelina, que no final das contas é uma espécie de marta, e pertence à família dos mustelídeos. Mede aproximadamente 45 centímetros, incluído o rabo, que é longo. Esse animal predador, onívoro como nós, vive no norte da Europa e da Ásia. A zibelina que acaba de ser abatida vivia na Sibéria, mais precisamente na vasta região chamada de Planalto Central Siberiano. Era ainda jovem, mas já havia devorado muitos esquilos e pássaros desavisados. pois em se tratando de carne, eram sua refeição predileta. A partir de sua pele, muito valiosa, se fabricam estolas, casacos, chapéus e, como se verá, elegantes cachecóis que enlaçam todo o pescoço e cobrem o queixo e a boca. Ou, ainda, envolvem o pescoço apenas, deixando o rabo pender entre os seios, como se fosse uma gravata peluda. Muitas peças de zibelina são necessárias para vestir da cabeça aos pés uma lady russa dos tempos de hoje. Quantidade idêntica é usada para vesttir da mesma forma burguesas americanas, canadenses e chinesas.

por vez.

Deram ao cachorro mais velho o crânio já descarnado,
para que o mordiscasse e depois brincasse com a carcaça
com bem quisesse,
se ainda tivesse forças, já que não tinha mais a disposição
de outrora. A mulher do clã recolheu as tripas e vísceras em uma cuia.
Faria uma espécie de pasta com elas.
Os membros e o tronco foram lavados, cortados e salgados.
Os fetos enterrados lá fora, longe da cabana, com o resto do lixo.
A pele, é claro, bem vendida.

O sujeito atravessou a Broadway e foi andando a passo
acelerado até a Quinta avenida. Lá tomou um táxi.
Jogou o chapéu, o jornal dobrado e o embrulho
no banco, a seu lado. Ela se chamava Mimi,
ou Zizi, ou Zazi, que confusão. Era Zizi.
Que loucura dar-lhe um presente tão caro,
se nem sabia ao certo seu nome, só o desenho
de suas ancas, a cor dos seus olhos, o rosado
dos mamilos e da boca sanguínea e atrevida.

Ela ficou surpresa quando abriu o pacote,
arrancou a roupa que vestia
e, na frente dele, envolveu a zibelina ao redor
do pescoço. Ele imediatamente agarrou-a
pela cintura, arrancando-a do chão.

Ela, uma presa.

Era uma vez Buford, Wyoming, a 2400 m de altitude
e um só habitante, míster Sammons, seu dono e senhor.
Por umas boas moedas passou o título da cidade
para as mãos de um vietnamita sonhador
e Sammons partiu dali
sem volver os olhos para trás; foi morar em Tucson, Arizona.
Não foi a melhor escolha.

O vietnamita se tornou o mais solitário dos vietnamitas.
Desde o topo de seu império bufordiano administrava
um posto de gasolina sem borracharia, sem gasolina,
sem serviços de espécie alguma;
uma pocilga com dois porcos macilentos que não cresceram muito,
duas dúzias de galinhas que não punham,
um galo que nada queria, um estábulo com telhas de zinco,
uma vaca que não dava leite –
e, cioso de seus deveres, pagava impostos municipais pontualmente
para ele mesmo.
Naquele período ele e seus animais não se reproduziram.

Sammons logo comprou uma casa confortável em Tucson --
cidade árida que era conhecida como Pueblo Viejo, antigamente -- e com
o dinheiro da venda de sua cidade arranjou, depois de tantos anos de
completa inatividade sexual, uma mulher para colocar
dentro da casa e uma amante, para manter fora.
Esta última se chamava Zizi ou Zazi, ele a conheceu em New York,

e para demonstrar seu falso amor comprou-lhe uma bela
zibelina. Depois fornicou com ela, mas ela não tirou mais,
por um bom tempo, a zibelina do pescoço.

O fato é que Sammons se cansou de Tucson e da mulher
com quem se casara, Elsie, mas não de Zizi, ou Zazi. Não, era Zizi.
E foi em seu encalço, propôs que morassem juntos
no Brooklyn. Como o aluguel estava caro
e apesar de não gostar do Brooklyn, ela concordou por algum tempo.
Mas em seguida ficou repentinamente pelas tampas,
e, depois de muito relutar, concluiu que Sammons
era muito chato e não valia a zibelina. Mandou-o às favas
e teve a coragem de devolver-lhe a zibelina, mas ficou morando
no apartamento em Brooklyn, que era ensolarado
e com uns vizinhos simpáticos.

Sammons, aborrecido, foi para a Europa, com a zibelina na mala.
Haveria de encontrar alguém que quisesse a pele e seu amor.
E o melhor era que fosse logo, pois seu dinheiro
não ia durar para sempre.
No navio encontrou um velho conhecido, dos tempos
do high school. Beberam muito
e combinaram juntar forças para tocar um negócio de hotelaria.
Na Europa Sammons não se deu bem, faltavam-lhe
o domínio de línguas e um vernizinho mínimo para lidar
com o Velho Mundo.
Desistiu trinta mil dólares depois, tomou o navio de volta e
nem bem colocou as malas na suíte do The Pierre, ligou para o colega

de escola, Ernest, Ernie para os íntimos.
Combinaram que se encontrariam em dois dias.
Em seguida ligou para Zizi,
queria o apartamento de volta, oferecia em troca um bônus.
Ela disse que ia pensar. Caramba, e não é que agora tinha aprendido a não esquecer o nome da vigarista?
Foi para o bar do hotel, sempre calmo e discreto, sempre enjaulado em um silêncio conservador e disciplinado, como convém a um bar cinco estrelas.
Sammons se imobilizara como um dragão de Komodo e mergulhara em uma súbita pasmaceira de viandante exausto.
É como se tivesse perambulado por semanas sem destino e agora depunha pela primeira vez em tanto tempo as armas, as malas e as esperanças e, sem premeditar nada, sentara-se em um sofá em um lugar qualquer, tão-somente para parar de caminhar.
Silente, só se pronunciou quando um tilintar de taças arruinou o ar aristocrático local. Saiu do súbito letargo, pediu uma bebida. Um coquetel à base de rum antilhano, e pensou pela décima vez se seria vantajoso fazer negócio com o Ernie; pensou também pela vigésima vez se seria desastroso aceitar as condições de Zizi.

O vietnamita estava achando muito chato a vida de máximo mandatário daquele lugar vazio. Decidiu que colocaria um anúncio em diversos jornais do país, oferecendo uma posição de assistente administratrivo de seus negócios, com possibilidades de casamento futuro.
Tinha que ser jovem, honesta e bonita. E saber escrever bem em inglês.
Muitas cartas chegaram, uma em especial, era de Elsie, ex-mulher de Sammons.
Elsie, cansada da mesmice de Tucson e do calor árido e das pessoas sem imaginação e do sul do país, achou que trabalhar nas montanhas seria por algum tempo uma ideia interessante. Mandou fotos, várias, e caprichou

na caligrafia. Foi contratada depois de muitas relutâncias e embates íntimos por parte do vietamita que, ao responder, fez questão de frisar que não estava querendo uma mulher, mas uma funcionária. Elsie respondeu dizendo que entendia perfeitamente, mas que era uma moça dona de seu nariz. Ele por fim a admitiu. Ela alugou sua casa em Tucson para uma família conhecida e partiu de carro para as Montanhas Rochosas. Começava a nevar. Era tudo muito excitante.

Zizi pediu um bom dinheiro para devolver o imóvel do Brooklyn a Sammons. Oitenta mil dólares. Ele decidiu que não pagaria nada. Afinal era ainda casado com Elsie. Zizi regateou, discutiu, deixou por vinte. Sammy aceitou.

Quando ela lhe entregou as chaves, ele pediu que ela não o chamasse mais pelo apelido, muito íntimo. Ela deu de ombros. Tinha alguém em vista e um emprego de florista. Além do mais trabalhar com flores era o melhor, quando se trata de arranjar marido, só perdendo para o de vendedora de roupas masculinas em lojas de departamento.

Sammons ficou sem os móveis, que Zizi levou para um apartamento na rua de trás, q ue dividiria com Jackie. Alugou uma mobília por um mês, e um mês lá ficou. Entregou o imóvel a um corretor da cidade. Em dois meses recebeu o dinheiro da venda. Devolveu os móveis à locadora e partiu. Não fora um bom negócio, mas não fora ruim.

Quanto a Ernie, bem, o futuro sócio esperara muito, ficara angustiado e estava a ponto de disistir, mas no momento em que Sammons lhe telefonou para dizer que resolvera seus problemas com Zizi e que topara as condições da transação, Ernie ficou feliz. E lá foram os dois para o hotelzinho em Laramie. Enfrentaram uma boa reforma. Antes do Natal, reabriram. Uma beleza.

Elsie tivera algumas dificuldades com o vietnamita; Ho Chin era finalmente seu nome. E seu nome se pronunciava como quem imita um espirro. Ela foi doméstica, datilógrafa, telefonista, e pouco a pouco a potestade oriental tomou jeito. Cercas refeitas, córregos limpos, árvores frutíferas plantadas, pastos recuperados, novilhada promissora e bem escolhida, um novo plantel de poedeiras. Os porcos foram para o prato. Primeiro um, depois o outro.

A família de Ho Chin, que vivia em Da-Nan, enviou-lhe uma terrível notícia: seu pai e sua mãe faleceram em um desastre de trem.

O vietnamita largou seus afazeres em Wyoming e regressou a seu país.

Funerais, lágrimas, familiares reencontrados. Em um mês, Ho Chin tomou um avião e voltou para os Estados Unidos. Não o autorizaram a reingressar no país. Ele não comprovava renda. Foi deportado para seu país de origem.

Enquanto isso, Elsie fazia milagres em Buford e o negócio se expandia e solidificava. Quando ficou sabendo que seu provável futuro marido fora impedido de entrar nos Estados Unidos, chorou um pouco, lastimou-se, mas não muito.

Procurou trabalhar ainda mais. Vacas leiteiras chegaram. Gente para a lavoura e para o trato dos animais foi contratada com zelo e perícia disponível. Começou a plantar hortaliças e legumes, para vender no entreposto mais próximo. Suas batatas se tornaram rapidamente uma lenda, sempre avermelhadas e duras, ótimas para fritar, melhores ainda para cozinhar. Alguns anos escoaram.

Se é fato que gastou um pouco mais da conta quando começou a cuidar dos negócios de Ho Chin, logo, é bom que se diga, equilibrou as finanças do pequeno reino de Buford e passou a ter lucro. Elsie, levando-se em conta o esmero com que começara a se vestir todas as manhãs, passara a gostar mais de si mesma. Que contraste com a Elsie do passado!

Mais um rigoroso inverno despontava, as Montanhas Rochosas começaram a se recobrir de neve. Era mesmo excitante.

No final de um ano qualquer, exatamente dois dias antes do Natal desse ano qualquer, o hotel de Sammons e Ernie finalmente conseguiu ocupar todos os seus quartos. Havia uma convenção na cidade, de agricultores e criadores de gado, além de uma comemoração de uma empresa fabricante de laticínios, que trazia muitos hóspedes também.

Por essas duas razões, Elsie, que coincidência, deixou o encarregado da fazenda à testa dos negócios e foi para Laramie.

Quando ela percorreu o lobby do hotel, estava bela como jamais. Elsie sabia disso. Mas Sammons ainda não. Ficaria sabendo somente no dia seguinte, quando ela saísse de sua suíte para o café da manhã. Foi quando a reencontrou.

Sammons nunca se sentira tão contente como agora, novamente em Buford, mas tudo era diferente, tendo ele agora em seus braços a mulher que abandonara em Tucson, mas que felizmente guardava poucas semelhanças com aquela, do passado, que ele deixara. Sentiam-se felizes como nunca. Ele não pensava mais em Zizi, e ela poucas vezes pensava em seu patrão oriental. Mas pairava sempre a dúvida: se o vietanamita voltasse, o que fariam com ele? Enquanto ele não aparecia eles se divertiam como jamais, às vezes ela dançava nua para ele, apenas com a zibelina em volta do pescoço e o rabo castanho, com os pelos muito eriçados, balançando entre os pequenos seios de mamilos róseos.

As cartas de Ho Chin sempre chegavam, e cada vez com maior frequência. As respostas da secretária americana eram contudo sempre ambíguas, cheias de evasivas, desinteressadas e suas respostas tardavam

semanas, por vezes mais. Ao constatar que o tom das cartas de seu patrão se transformara, e que o oriental já lhe fazia algumas ameaças, inclusive de colocá-la na cadeia, caso não desse conta do que realizara desde sua partida, Elsie resolveu abrir o jogo. A verdade, escreveu-lhe, é que se casara com o único homem de sua vida, ou, melhor, casara-se com o único homem que deitara em seu leito, de novo. E os dois viviam ali, na cama do vietamita. Os negócios iam bem, muito bem. Se Ho Chin concordasse, ela enviaria uma quantia muito interessante todos os meses, até ficar proprietária exclusiva da potestade em Wyoming. Entretanto, no que diz respeito ao pedido formulado pelo patrão (aliás ex-patrão, haja vista que há muito tempo não recebia seus merecidos salários), de informar às autoridades dos Estados Unidos que ele tinha bens e investimentos em território americano, para assim ter êxito na tentativa de regressar ao país, Elsie se recusou, alegando que temia que Ho Chin fosse violento com ela quando a encontrasse, obrigando-a a decepar um dedo para expiar seu crime ou, pior, a cometer um harakiri. Na carta seguinte, Ho Chin, completamente fora de si, e certamente assessorado por alguém que conhecia o vocabulário das ruas novaiorquinas, xingou-a de muitos nomes e voltou a ameaçá-la; desta vez indo mais longe, jurou que a mataria, e por fim chamou-a de estúpida. Ele não era japonês, não era da máfia oriental e nunca fora samurai. Era apenas um sujeito pacato. A carta de Ho Chin tinha sinais de que fora molhada. Elsie pôs a mão sob o queixo e concluiu: ele chorou, pobre infeliz.

Sammons, que dividia seu tempo entre o hotel e a propriedade rural, ao tomar conhecimento do teor da carta de Ho Chin, reuniu-se com Elsie e, na ponta do lápis, depois de muitas contas, esboçou, assistido por ela, bem entendido, uma proposta de acerto financeiro, de forma que o assunto com o oriental seria definitivamente enterrado. A proposta era a de que Sammons recomprava a propriedade por 60% do valor que recebera na transação com o vietnamita, em nome de Elsie, já deduzidos

os salários dela, multas, indenização trabalhista, etc. Pagamento em 5 anos.

Ho Chin estava cansado daquilo. Considerou a proposta de Sammons e Elsie, estirado em um canapé no alpendre da casa familiar que passara para seu nome depois da morte inesperada de seus pais. Assim, confortavelmente instalado, conseguiu controlar seu ódio e sua fome de vingança. Afinal, ele era um oriental, embora não um samurai. Escreveu aos americanos com uma contraproposta: 80% em 8 anos.

Elsie e Sammons voltaram aos cálculos. 65%, já descontadas as verbas salariais, em 6 anos.
Ho Chin : 68% em 6 anos, verbas já descontadas.
Elsie e Sammons: 67% em 7 anos. Com 5% de entrada. Verbas já descontadas e nem mais um centavo.
Ho Chin: de acordo.

Depois de colocar sua carta nos correios, fechando o negócio, Ho Chin voltou rapidamente para casa. Embarcaria para a Sibéria no dia seguinte, agora como coproprietário de uma pequena indústria de beneficiamento de peles. O outro sócio era seu primo, Xuan, mais jovem e minoritário na sociedade. Ho Chin estava seguro que o traria facilmente sob seu jogo. Agora, se sentia mais experiente e sabia que não iria errar. Nesses lugares, ainda aventou, o pior é o frio. Mas alguns acres de terra custam uma ninharia. E essa é uma vantagem. A outra é o preço das peles das zibelinas. Uma verdadeira fortuna. Mas para tanto, era preciso modernizar o maquinário, rever a rede de varejo na Europa e Américas. No primeiro caso, e fazendo uso em grande parte do dinheiro que pingava em sua conta, proveniente de Wyoming, acrescido dos recursos

de uma linha de crédito governamental, ele não só comprou novas máquinas, como ampliou certos setores da fábrica. Seus representantes, no passado escolhidos sem qualquer critério, passaram a ser nomeados a dedo, impondo-lhes práticas que seduzissem a clientela mais endinheirada. Concomitantemente, apertou o garrote do pescoço dos caçadores, impôs uma tabela previamente fixada e se tornou ainda mais exigente quanto aos métodos de caça, de modo que preservassem cada valioso fio do pelo zibelino. Queria uma pele limpa, sem sangue, sem ferimentos, sem queimaduras, sem falhas. Quando recebia peles com alguma dessas imperfeições, a tabela, que tudo previa, não perdoava e impunha um desconto pesado pela peça.

Talvez, é fato, tenha sido um pouco ardiloso e truculento nessa parte, mas ainda não esquecera o mau negócio com Elsie. Aquela coisa toda de Buford fora uma estupidez. Isolar-se em um país estrangeiro não era o problema, o problema era deixar de fazer o dinheiro trabalhar.

Ho Chin mantinha a seu lado, na administração, o primo Xuan, que cuidava diretamente das reformas e manutenção geral, inclusive da casa em que viviam, como também dos equipamentos, da folha de empregados, das terras, do reflorestamento e das renas domesticadas, em parceria com um mongol que entendia do assunto, mas que nunca se fazia entender. O tal mongol zelava, por sua vez, pela engorda das renas em cativeiro, coleta de leite e armazenamento de carne para o inverno. Ho Chin supervisionava tudo.

Xuan acompanhava às vezes um grupo de caçadores de rena. Aprendeu a atirar e muitas vezes convidava seu primo mais velho a acompanhá-lo nas aventuras. Num domingo, Ho Chin, sempre relutante, finalmente aceitou o convite. Foram ambos, com alguns homens, percorrer a tundra, seguindo as pegadas das renas, muito distraídas no outono.

Os homens espalharam-se, movimento entre as árvores, ruído de cascos sobre as folhas. Um tiro. Ho Chin não resistiu. Xuan chorou, foi preso, foi solto, ficou com tudo.

Xuan chorou novamente ao ver o primo
como que abraçado à rena abatida pelo caçador, ambos mortos,
estirados na carroça, seu rosto coberto pelo gorro de pele,
a vida empenhada no vazio, menino tornado assassino.
A quem revelar sua verdade, se os pais e os tios
eram hoje apenas uma memória de vidro?

O homem e a rena abatidos,
presos, ambos caça alvejada.
Os lobos em bando no horizonte liso,
seus focinhos tocando o sol, manejando
as irradiações do fogo.
Os olhos de uma raposa cintila enroscados
na folhagem, sob um coágulo de luz.
Iluminam o percurso fúnebre da volta à casa.
Ho Chin, o chapéu de marta na cabeça, a rena ferida.

Xuan chorou novamente, entardecer com laivos
de óleo amarelo e cremes ruivos tostados, azuis disfarçados
entre gazes raras de ouro.
As rodas da carroça chapinham sobre a rala relva,
sobre os fiapos de água que cruzam os sentidos
do caminho, suas pegadas largam artérias de água rasgadas
no matagal baixo, entre flores decepadas.

Para trás ficam poças de sangue, corredeiras de morte
que nasceram do pescoço da rena e se dissipam
mansamente como a luz do entardecer de outono.

Para trás, novamente para trás, para além do tracejar
das rodas castanhas, deixadas como herança,
a voz de Ho Chin, os gestos de Ho Chin, graves
e inquisitivos. Ele grita: eu morri. A rena grita: eu morri.
e logo se vê que há uma zibelina que diz o mesmo.
Um dos caçadores matou-a, e atirou seu corpo
sobre o chão da carroça. Lágrimas jorraram
dos olhos da caça. Era uma fêmea.

E o eco de suas vozes, a imobilidade de seus corpos,
seus últimos suspiros, tudo transformou o que não pode transmudar.
A rena grita eu morri, Ho Chin grita eu morri, A zibelina grita
eu morri.
Permanecem no fundo da carroça, a morte os recebe
e uma marta zibelina, que veio a reboque e gemia,
também não suportou. Voz fina, extenuada, balbucia eu morri,
dominada por um dardo que a queria.

Elsie se deu conta de que com o acordo com o vietnamita, promovido por Sammons, ficava no final das contas proprietária de Buford, e isso aguçou nessa pacífica criatura um sentimento subitamente voraz de ambição material que era algo totalmente novo para ela a princípio, mas que ao cabo de algumas semanas já era aceitável e familiar. Por outro lado, seu companheiro, que ela reconhecia como um bom sujeito, tinha

ele próprio seus negócios com Ernie, e se encontrava em boa situação financeira; e se era verdade que ela gostava dele, tanto que se uniram duas vezes, Elsie também gostava de si mesma e nutria expectativas nada convencionais com respeito a sua vida íntima. Somando tudo, considerando suas recentes pretensões materiais; considerando ainda que Sammons se ajeitaria, e que Buford era dela de papel passado; e que, não bastasse tudo isso, ela estava a exibir para si mesma, frente ao espelho, formas físicas inegavelmente atraentes para qualquer um que tivesse olhos para ver, decidiu romper amigavelmente com Sammons. Muito carinho e gratidão era o que sentia por ele. Mas mais ainda por ela mesma. Oh, como se gostava!

Sammons quase disse a Elsie que a amava mais do que nunca, mas não era verdade. Por não ser verdade, decidiu não dizer. Poucas vezes na sua vida se sentira tão só e ao mesmo tempo tão em harmonia consigo mesmo como naquele exato momento da ruptura. Se Elsie queria desmanchar os projetos da segunda gestação matrimonial, ficavam quites. Da primeira vez fora ele, agora era a vez dela. Ademais, ao contrário de Zizi, ele saía da relação quase como entrara: comprometido com seus projetos hoteleiros e alicerçado em uma conta bancária que no final das contas não lhe havia custado muito para engordar. Entretanto, nem bem dera alguns passos sob a chuva, para enfiar seus pertences pela porta traseira da station wagon que comprara (naquele dia não muito longínquo quando subitamente se sentira um sujeito um tanto rural), Sammons parou petrificado. Nesse exato instante ele foi atingido com violência por dois sentimentos distintos: surpresa e despeito. Dois sentimentos que combinados eram muito ruins, mas era o que o acometera quando se deu conta de que havia sido chutado porta afora de Buford. Sammons entrou na perua depois de lançar as malas para as traseiras do veículo e bateu com força e estrépito a porta.

Xuan chorou muito, e muitas vezes ouviu o baque do primo na relva enregelada, ouviu também muitas vezes o chapinhar da carroça se afastando do local do crime, a escura mancha das árvores desaparecendo às costas, o longo caminho até a casa de Ho Chin, já noite. Xuan sempre chorando ouvia a voz de seu primo pedindo que não o matem, que quer viver e ganhar dinheiro com a rena e a zibelina.

No dia seguinte, e no outro dia, Xuan quase enlouqueceu. De noite, Ho Chin puxava seus cabelos, ele o sentia, Ho Chin brandia um chicote no ar na gélida madrugada, e Xuan acordava com dores no corpo, marcas no peito e nas pernas. Gritava o nome de seu primo, mas Ho Chin só aparecia quando ele não tinha olhos para ver.

No céu laivos esbranquiçados e boreais,
veias brancas arrebatam cometas e estrelas
no firmamento em guerra. Constelações como o pescoço
de uma rena morta, jorrando fachos amarelos,
constelações como rabos
de zibelinas sacrificadas,
zibelinas como esquilos sacrificados,
aranhas como nozes de insetos,
renas engolindo zibelinas e pedras,
luz como o negro cintilar do pânico
da caça,
córregos com as veias rompidas, eméticos,
primo engolindo a perna do outro primo,
mate-me, mate-me não.

No céu o leite da rena, a urina da rena,
o casco esbranquiçado da rena esmigalhando
a zibelina fêmea. Tudo desmorona

e depois de tantas noites desesperadas, fantasmagóricas, Xuan percebeu que seu primo queria mais do que o arrependimento, queria vingança. Queria que a justiça fosse feita lá, no seu reino americano usurpado. Ele no primeiro momento respirou com alívio, ao menos Ho Chin não queria seu sangue. Depois pensou que seria bem capaz de cumprir o que o primo determinava. Foi quando voltou a dormir e não sofreu chibatadas, e acordou nas manhãs de cada dia sem dores no corpo. Aí então se levantou e foi administrar o negócio. Já era tempo. Mas antes de mais nada, saiu à procura de informações.

Zizi ficou morando com Jackie alguns meses, talvez mais que um ano, quase dois, até que Jackie quis ser mais que uma boa amiga e quase a forçou a se deitar com ela. Zizi não era boa de contas, mas sabia que ainda tinha um bom dinheiro e o melhor que podia fazer era sair dali sem estardalhaço. Quando Jackie muito contrariada saiu na manhã seguinte para trabalhar, Zizi juntou suas coisas e zarpou, deixando um bilhete: os móveis são meus. Volto para pegar em três dias. Não invente confusões. Assinado, Zizi.

Ela arranjou um pequeno, muito pequeno apartamento no mesmo bairro, e calculou que poderia viver sem grande estardalhaço por mais dois anos com o dinheiro que tinha, mesmo se perdesse o emprego de florista. Nada mal. Quando se viu instalada, chorou muito, e mais ainda quando percebeu que seus seios começaram a cair. Eram tão empinados! Nas noites seguintes descobriu o que era o silêncio em New York. Tinha a impressão de que morria aos poucos.

Xuan botou seus pés no velho Mundo Novo. Trazia muitos milhares de dólares em uma pasta e vestia um terno de verão que faria inveja a muitos velhotes de Miami. Não foi barrado na alfândega, mas passou por uma revista bem demorada e minuciosa. Aguentou tudo. Pensou que tivera já incontáveis dificuldades para a avançar contra o inimigo, nas estepes, nas montanhas, nas searas, nos campos incultos, mas chegou. Ali estava Buford.

Quando Elsie foi alvejada pelo dardo envenenado
nem teve tempo de ver de onde viera a vingança,
ou o engano ou o desatino
que a enviara para a morte.
Morreu sem perceber que morria.

Xuan quase teve pena da alta americana,
bonita como nas revistas ocidentais.
(Seu plano era sair de mansinho, voltar a caçar, comer carne de rena, explorar os caçadores de zibelina, fazer, enfim, as coisas como seu primo ensinara. Mas não podia sair daquele país sem antes dirigir um Corvette 427 conversível. Foi difícil achar um, deixou metade da mala de dinheiro que trouxera, como garantia.
Fora muito difícil arrancá-lo das ferragens, depois que o bólido se converteu em um monte de aço e ferro retorcidos em suas mãos inábeis. Nem deu para sentir o gosto. De Xuan nada sobrou que se parecesse com a foto do passaporte. Pobre homem, pobre assassino.)

Céu cinzento, carregado de vapores,
uma cordilheira de presságios, renas, esquilos,
avatares, albergues pelo caminho andarilho,
o esquilo atravessa por dentro
das árvores
e bebe o sangue da vida.

São Paulo, abril e maio de 2012

Paris
(Printemps)

I

Avant l’aube

As chatas, os barcos e os bateaux-mouches dormem apoitados
às margens do Sena, espalhados pelos atracadouros,
ao longo da sucessão de pontes de Paris.
Apenas Caronte avança empurrado pela corrente
das águas cinzentas do rio,
em silêncio e sem pressa, transportando em seu barco
desprovido de remos os mortos que na madrugada embarcaram.
Em sua viagem, sob a névoa, a barca do inferno
(enquanto se confunde com as fugidias trevas que se vão)
vomita a promessa da imobilidade fria, que a todos aguarda
do outro lado do tempo,
exatamente onde se agita o túrbido mar subterrâneo e eterno.
O rasto de gelo prateado que Caronte arrasta em sua popa
logo se desfaz
e no horizonte desaparece sem vestígios,
quando no céu surgem do dia os primeiros avisos.

Six heures du matin. Despertam sussurros sibilantes, sílabas
sofridas como soluços, como anáguas roçagando os seios.
Seis horas da manhã, o bafio da cidade sob o edredom sobe
pelas frinchas e vãos, pelas esquinas e grudado ao corpo de mansos e
[raros transeuntes
que, como eu, já espantaram seus demônios noturnos e seus sonhos
[diários de diminuta expressão;
ele se desprende como células mortas, de uma pele consumida pelo
[incêndio voluntário, praticado por um inimigo qualquer,
[e brancas sobem e se esgarçam no ar
se autoconsumindo na cotidiana labuta.
Emana também de corpos estuporados e sem ânimo, que acordam
[mesmo antes de tocar o despertador, e há um hálito de

[exaustão em cada movimento tépido e incauto,
como se o oxigênio não bastasse mais, mas se trata apenas
de um treino para a morte verdadeira, ao qual sempre estamos sujeitos
[até o compromisso final cumprido.
Emana dos respiradouros das estações do metrô, das lajes abandonadas,
dos túmulos e corredores onde o poder burocrático se manifesta.
Das igrejas e claustros vazios, dos imensos salões de densas reuniões
[plenárias.
A treva da noite ainda vela, nos seus estertores,
os quartos impregnados pela morrinha da babugem ali produzida pelos
[seus pobres ocupantes.
Neles velhos de rosto ensebado e álgido são já insistentemente chamados
para sofrer com o testemunho da despudorada beleza jovem, que nos
[bulevares em breve os aguardará,
quando a luz enaltecer ainda mais seus cruéis estoques de porvir.
Inadvertidamente os jovens ostentam suas reservas vitais
desde o instante em que saltam da cama e do travesseiro quente
e exibem seus dentes alvos para a vidraça embaciada, e cheiram o ar,
regozijando-se ao ver sua bela figura no espelho atrás da porta do
[armário
(eles, esses jovens impiedosos, então insinuam um beijo lúbrico,
contraindo os lábios de afrontoso e cínico prazer em seu reflexo,
e sorriem porque sabem que a beleza pode devastar).
Aos velhos, que dos espelhos delatores se afastam, resta repudiar
o vigor da seiva da vida renascida em cada momento e esquina.
Neles a labareda da noite se entretém ainda um pouco mais,
agora também velha, escorraçada pelo raiar da manhã,
que é a cada dia a sua morte.

A labareda negra ainda lambe antes de se ir moribunda a face de
[estanho de um homem que se chama Fawwaz e que abraçado a uma
[garrafa de aguardente e jornais velhos

dormiu em um banco do jardin Paul Nizan, escondido sob uma acácia
e sonhou com Adara, a virgem que não é mais virgem;
sonhou o mais amargo dos sonhos, sobre um banco de jardim
e agora estremunha sentindo a frialdade da noite enregelar
suas pálpebras e o oco de seu espírito.
Fawwaz pressente agora que ainda vive e que está ao relento,
como enjeitado que é, e talvez tenha sido sempre, apesar de seu nome
reverberar em seus ouvidos promessas eloquentes de riqueza material.
Seus negros olhos se entreabrem. Fecha-os novamente quando se dá
[conta de que a noite ainda o devora.
Por instantes pensa que é apenas um pobre homem que sente frio e dor.
A memória de Adara o torna ainda mais infeliz, pois tendo sido
prometida a ele para sempre, com outro se deitara por vários dias
e o espezinhara e humilhara.

O infante Pierre Ruisseau, com o queixo e os lábios marcados pela
[babugem noturna,
dorme e ainda sonha dissabores de uma passagem de seu espírito pelo
[mundo das trevas e do repulsivo,
entre lâminas afiadas perfurando incessantes seu abdômen e um prato
[com o hediondo e nojento creme de abacate que em prol de sua saúde
[lhe impingem
sempre lhe impingem, e cuja infausta coerção
(embora disso ainda não saiba agora)
lembrará até seu último dia de vida.
Entretanto é ainda um incerto amanhecer na cidade de Paris,
as sentinelas são trocadas nas guaritas militares, e os pássaros ensaiam
seu voo matinal; feixes sonolentos de músculos luminosos encordoam
o céu de fundos olhos, e Pierre sonha que rolam glóbulos de luz
e débeis jorros de água roçando vagarosos entre as pedras estáticas
e os tufos entre suas pernas e sua boca.
Pierre Ruisseau dorme, arrastado pelas mãos invisíveis da noite,

que querem sua posse mas o atiram rumo ao abismo do dia.
Ainda assim, deixa que seus cabelos sejam percorridos
por dedos verdes enrodilhantes e mansos como a relva à beira da água.
Bocas estranhas o beijam e os insetos que se arrastavam
em seu corpo de sonho são lavados pela saliva.
Ele flutua mas a sensação de queda e desamparo persiste.
Seu corpo atravessa tiras de escumilhas sobrepostas
polvilhadas de açúcar e coloridas manchas de geleia
grossas e depois finas e longas.
Uma voz sussurra em seus ouvidos
no pequeno ninho infantil da rua de Navarin, 8.

Nuvens negras surgem plantadas nos céus de Paris
ligeiramente iluminadas por uns laivos amarelos e alarajados
que pincelam os magros anseios da noite cansada,
como a dizer-lhe adeus.
Uma película de óleo azulada e dourada ganha cor
sobre o movimento das águas do Sena, sob o pont de l'Acropole, sob o
[pont Saint Michel, sob o pont des Arts.
Colchões de mola rangem em quartos aquecidos; colchões de crina,
colchões de espuma, coxins vários, muitos, em que dormem percevejos
[e desesperança,
estremecem e se ouvem gemidos, respirações arfantes.
E ranhos ressecados em fronhas estalam comprimidos por barbas
e cabelos bastos, e pesadelos opressores se esgarçam quando a noite
se arrasta para fora trôpega, chamuscada pelas línguas
de luz recém-chegadas, e pensamentos inexperientes, disparatados
desarrumam as mentes estuporadas, com seus retalhos febris.
Um menino chora abraçado a uma menina e seus receios
estão enovelados. Ele Jamil, ela Gomil; com espanto se empurram,
gemelicam e seus lábios tremem ao som de mensagens incompreensíveis
e cruéis, de pesadelos interrompidos, e assim urinam no espaço comum

do leito na rue de Vaugirard.

M. Vassilikoff tem gordos sonhos de cetim e fino linho, bordados
de ouro e linha da Cachemira e agitado oferece ao silêncio
do quarto imenso borborigmos aromatizados de bons Sauvignons,
ostras gratinadas e Cognacs da noite passada. E antes de calçar
os chinelos de alpaca bordados com seu broquel de famíla,
antes de se declarar inocente e não culpado,
redige em letra pequena em seu livrinho mental a lista
do que é imprescindível e não pode esperar, mas logo a apaga.
Apaga, abre os olhos
e bufa e pensa e rememora e inala
seu ódio aos ciganos
(quer ver o sangue dos ciganos derramado
sobre o chão em que pisa),
que lhe roubaram a bolsa e a única filha,
numa manhã de passeio ao bois de Boulogne.
Teria sido também um dia qualquer
no princípio de uma primavera em que as folhas surdiam
das sebes e canteiros. E parecia um feriado
de tão promissor o dia, de tão desocupada
a mente, de tão ligeiro o ar
que vinha de campos distantes e que deslizava sobre e pele muito rosada
[de Yuliya,
como beijos de anjos.
Para quê lembrar-se sempre? mas sempre lembra,
enquanto abre as venezianas de uma das janelas
do quarto amplo que dá para a avenue Pierre 1er de Serbie.

Cruel ironia, na place Dauphine
o cigano Nikolai amealha as migalhas castanhas acamadas

no papel do embrulho do pão de centeio e também sua ira,
e com a ponta dos dedos ainda sujos e pegajosos
de marmelada e tinta de jornal empurra-as por entre os lábios
(enquanto deseja que o sangue dos gadjões que o separaram,
de sua mulher Alina, na alfândega dos povos, no porto de Marseille,
jorre em uma masmorra de Deus;
eles que os apartaram para sempre; que o empurraram para a fila
[dos imigrantes e a atiraram na vala dos rejeitados).
Nikolai sabe que ainda não está morto, mas preso e indefeso
no livre insulamento incomunicável: um estrangeiro com sua alma
[atônita
e portanto condenado a ser ele próprio o seu maior inimigo
em todas as horas que vive e sofre em Paris.
Dores no estômago, espirais de acidez sobem pelo esôfago até sua boca.
A vida é uma fétida cloaca sem misericórdia, as nuvens o aprisionam
sob um olhar de carrasco, e a carta de seu irmão é uma adaga
[em seu cérebro.
Nikolai a aperta, comprimindo o bolso da calça de sarja, amassando-a,
como se buscasse extrair um novo sentido daquelas palavras insensatas:
“dela não sabemos, procure voltar, informamos q ue seu pai morreu”.
Será dia, será noite, nessa hora de repulsa e exaustão?
Não há pássaros cantantes em Paris, e os pombos ruminam todo o dia
em políticos conchavos para dominar os telhados e os céus.

II

Auprès d’un miroir

É o dia do Trabalhador
e através de um espelho da Belle Époque
em que se contorcem as ramagens de tulipas, papoulas e miosotis
[agigantadas
e sem viço
sinto odores combinados como sinos repinicando nos meus olhos
em sinestesias várias percorrendo meu sangue em passadas lentas
[e fingidamente distraídas.
Contudo há uma insolente gravidade nos céus, as manchas de azul
desaparecem subitamente na friagem matinal e véus de nuvens
fundem-se e a anatomia do espaço torna-se outra, assim como outra
[é a anatomia das relações e da vida nas ruas e praças.

É o dia do Trabalhador e estou de folga de mim,
dos meus sacrifícios e desvelos.
Outros trabalhadores como eu embrenham-se no tempo livre e na vida
[liberta
e arrastam seus filhos e mulher, em companhia
de uma boa amiga solitária talvez, e percorrem
a avenue d'Italie.
Não sei ao certo em que século estou, sei que é uma primavera
e os tunisianos e algerianos falam sós em bancos de praça,
assim também os indivíduos que não andam aos pares,
os que alguma coisa perderam na insanidade da noite,
os que aguardam que os recolham, os que esperam braços fraternais.
Do interior de seus casacos
de lã gasta ressaltam dos bolsos gordas cartas relidas
e uma garrafa e um filão de pão e trapos de um lenço carregado de
[ranho
e manchas de gordura e de graxa

desde quando perderam seu lugar na fábrica.
Encaram os que passam despejando ódio e pedindo a piedade
que as vítimas clamam ao pé dos algozes.
(Terei sido o desgraçado que lhes arrancou
as vísceras e o posto de trabalho?)
Brandem espadas e agitam próximo ao meu rosto
o gume frio das navalhas
quando indago 'onde comeremos bem, ma chérie,
un veau farci aux cepes
et quand même des haricots verts a l'anglaise?'
Quanto a mim, morri em seus corações
e seus íntimos desejos são os de fazerem-me
ao menos um pouco infeliz.

Primavera em Paris,
mesmo nos bairros mais sombrios surgem repentinamente
vasos de arame no asfalto e pétalas regurgitam
nas floreiras das janelas e canteiros, entre o lixo e a grama
e a estação proclama o tempo das rosas sem espinhos,
das olaias muito pintadas, dos miosótis e violas.
As manhãs são lentas e preguiçosas no feriado,
sem o gorgolejar das máquinas, tornos, perfuradoras, esteiras,
prensas, aplainadoras, refiladoras, compressores;
sem o titibitate das funcionárias nos escritórios compartimentados,
sem o ronronar dos caminhões descarregando peças e componentes.
Sinto-me como um homem alforriado até segunda ordem,
mas desterrado e sem horizonte.

Através de um espelho art nouveau
nossos rostos estáticos se confundem no infinito.
Através dele, do outro lado secreto de mim, ou ao meu lado,

fachos de luz separados de outro tempo atravessam meu corpo
[de caminhante,
confundindo o registro de minhas sensações,
reproduzindo em meu cérebro
motivos e vozes de outras eras que foram minhas
ou que de ninguém eram, pois em Paris na primavera
não se pode afirmar com certeza qual o verdadeiro nome
de cada um e que destino humano o ócio súbito
é capaz de construir no feriado, sob a tutela
de um persistente mourejar subversivo de horas insubmissas,
lentas e apáticas.
Sei que caminhamos, estagnados nos ligeiros fluidos matinais.
E que somos poucos, e nessa hora com pouca luz somos vistos
como os gatunos em vias de cometer um delito,
talvez sejamos um pai esfaimado por justiça contra o criminoso
[que atropelou o seu filho;
um flic em vias de render seu colega e assumir o posto
no entroncamento da Le Courbe com a avenue de Breteuil.

Antoinette de Bonneheure nem pensa em abrir o Polidor.
Pensa, ainda entre lençóis quentes
e perigosamente próxima de seu obeso marido Robert,
que talvez naquela manhã possa ter notícias favoráveis
sobre o projeto de adoção de uma deliciosa criança tailandesa.
Sente-se úmida, e esfrega seu púbis com as unhas
como se temesse uma traição do destino.
A solidão de não ter um filho não é menor
do que a dor de desejar um, sem sucesso.
Robert dorme e dormirá até que o dia ilumine
a calçada defronte a avenue des Gobelins,
onde reviradas as cadeiras de um café ainda repousam
empilhadas, cobertas de orvalho e de folhas secas

e, já de saída para o restaurante,
ela pronuncie seu nome na esperança
de trazê-lo à vida. Mas Antoinette cogita
numa frase forte e inaugural.
‘Vou ter meu filho, Robert, mesmo que não seja seu’.
Ele, que tudo sabe, sonha com viagens,
prestidigitações e mágicas, em exibições de gala,
em bons teatros de plateia atônita e grave.
Entretanto logo seu sonho emenda em outro:
Robert agora sonha que está no bojo de uma rede de algas
que o transportam para o fundo do mar.
Naquelas regiões profundas,
uma multidão o aguarda com taças de água salgada
nas mãos enluvadas
e mostra seus dentes e seu sorriso
que cintilam no visor de escafandros acobreados.
De dentro de seu pijama molhado de suor,
ele agarra uma gorda garoupa, que no sonho se transforma
em um filho com seus bigodes e os olhos azuis de Antoinette.
Um estampido interrompe seu derradeiro sonho. Ele se levanta
na ardência persistente de sentimentos noturnos.
Luzes pelas frinchas anunciam o dia.

Fawwaz, sua face lapidada a faca, em ângulos retos,
sente escorrer o orvalho acumulado até o queixo,
que cai sobre os jornais que foram sua cama por uma noite.
Sempre na cabeça grisalha a memória de Adara, enquanto as trevas
[sem se despedirem o abandonam lentamente.
As farpas de luz alaranjada rompem o manto de céu escuro e descem
espalhando-se ao acaso pelo jardim Paul Nizan. O giz do dia
risca o fundo das rugas do homem, mapa de sua vida sem bússola;
ele coça com o dorso da mão a testa e o nariz. Nesse momento

as horas acordam em seu peito e os sentidos de seu humanismo
[corrompido
pulsam com crescente alarme.

Dorme ainda Pierre Ruisseau, heróis e vilões de plástico com roupas
[de guerra
fazem de seu sonho matinal uma aventura de ódio e vingança.
Ele repete várias vezes a palavra de ordem atacar, mas seu corpo
se contrai numa convulsão de pavor e ele estreita o travesseiro
contra o seu rosto congestionado, embora a sua mãe toque agora
em seu ombro e em seus cabelos com a urgência de todas as mães.
Ele, que é quase belo, ainda resiste e luta empunhando
o seu espadim dourado, pedras pesadas desabam de um céu vermelho,
sufocam-no, parecem mãos enforcando. As cortinas de seu quarto
se abrem e também seus olhos esverdeados.
Está tudo em fogo ao redor do prédio branco em que vive
"Bonjour, chéri", sua espada desapareceu de suas mãos,
e na escola riem, pois fizera tudo nas calças.
e os garçons do restaurante Mon Amour, do térreo,
que um dia brincaram com ele entre as mesas e cadeiras vazias
o cercam e escarram em seus pés e o chamam de porco fedido.
"Bonjour, chéri, bonjour" . Um vento forte sopra tudo
para longe, agora existem apenas os dentes alvos de mamã
próximos de seus olhos.

Ele Jamil, ela Gomil, embebidos nos líquidos comuns, sonhos diversos.
Com os lábios buscam seus dedos singulares e comprimem
as mãos abertas contra seus rostos para melhor chupá-los.
Sentada sobre o tapete de lã que flutua Gomil paira
e desce sobre as ameias do castelo de Amir, de brancas pedras e rubis,
[junto a um rio encachoeirado.

Enastrando seus cabelos vermelhos coelhos brincam e falam
[enquanto comem tâmaras.
Jamil sente as patas de um camelo dourado em seu peito úmido.
Se ousasse dominava-o, se pudesse fugiria para as nuvens altas
e beberia o leite açucarado que cai das estrelas maiores,
onde peixes cinzentos saltam em frios lagos e depois adormecem
[tristes em seu colo.

O sol despeja por entre as nuvens, sobre a calçada ímpar
[da rue de Vaugirard,
a tinta muito fresca do dia; do outro lado a noite ainda se arrasta
sem pressa; se sorrisse sorriria agradecida para as nuvens negras
que protegem sua tardia sortida, e que se alastram até o Étoile,
[onde carros se engalfinham ao redor do arco,
[pois há bom dinheiro a ser ganho e negócios inadiáveis;
Seus fachos amarelos acariciam a abóbada do túmulo de Napoleão nos
[Invalides,
com gestos engendrados com uma secreta maciez de luva de pelica,
que subitamente se desfazem em grossa chuva ao som da banda
[da École Militaire.

(O céu se banha de fosca prata e a luz parece nascer do asfalto e muros; estalidos de ferragens se multiplicam, dobradiças rangem, trincos rilham sob a fúria das chaves, portas de aço sobem triscando engrenagens, britadeiras perfuram e desmantelam calçadas, que se desfazem, cortinas de fumo se lançam aos ares, há cheiros de café e pão, carne e banha; há odores invasores de perfumes e cremes e extratos medicinais, de peixes e cebolas; pires e xícaras e pratos batem, vassouras e escovas e panos agem – e há vozes que não agradam, e alaridos vários dentro dos mercados e achaques doloridos em hospitais e enfermarias; há cafés que se reinauguram, vitrines que se iluminam, guichês que não abrem, carros

incendiados como agravo contra tudo, estupros escolares, cartazes, um mundo inteiro, igual, em cada parte.)

(E os franceses e os americanos nessa manhã indecisa, entre chuva e sol,
vivendo em habitações contíguas, na rive gauche ou na droite,
e defendendo politicas internacionais comuns, sempre de mãos dadas,
não se arrependeram de abastecer com armas a Indonésia
para aniquiliar a doce esquerda manifesta em Timor Leste.
(Onde há petróleo, subserviência, e localização estratégica.)
E a tudo o Ocidente assistiu, enquanto as flores brotavam
desde a Antuérpia até a peninsula Ibérica, desde as falésias dos Halles até as Tuilleries, em primaveras passadas.)

Quantas mortes sob as chatas do Sena, quantas mortes com dispersas
e perdidas mensagens nas nuvens de primavera,
sua indolência e fluidez. Pont Alexandre III, pont des Invalides, pont
[de l'Alma, pont d'Iena, pont de Bir-Hakeim
e por vezes o céu muito azul, estagnado, contágio do infinito intocável.
Sonhos humanos que não alcançam ou avançam para além dos astros.
(Acabemos logo com isso, o Timor é nosso, pois não é de mais
[ninguém, salut!)
Os Mirages cruzam o espaço, deixando um rastro branco.
Ademanes sutis na oscilação das asas, treino para o desfile das armas.

O espelho art nouveau registra secretamente
as boas ideias de M. Vassilikoff,
gravitando sobre sua cabeça: sementes no Vilmorin,
quai de la Mégisserie; cartões sociais na Papeterie Gaubert, place
[Dauphine,
un Haut-Médoc 2011 au Café Louise, antes do almoço, porquoi pas?
Quelle extravagance!

E depois com sorte um bom peixe na rue Monge
(ela vai adorar, la petite, sei que vai!).
Contudo hoje é feriado, e tudo o que o coração de Vassilikoff persegue
[pode não dar certo.
Barracas de feira sendo armadas na avenue Massena, e na Mouffetard
e na Porte de Clichy, e nas traseiras da torre de Montparnasse.
Calçadas sujas, lixo e caixotes,
e ainda nem chegaram os engradados de ananás Victoire de Tampon,
nem as caixas de couves, cenouras e tomates (que só chegarão amanhã),
nem as laranjas do Egito, nem as malas com casacos e vestidos,
nem a peixaria completa saída do ventre do caminhão frigorífico,
com suas ostras em gelo e seus crevettes,
nem os porcos e aves, nem o espinafre e o repolho, nem os laticínios,
nem os guarda-chuvas e as meias e as galochas de segurança,
nem as tulipas e as mudas de papoulas,
nem as compotas de doces, nem as de castanhas, nem os renques
[de alhos,
pois é assim que o mundo prático e enérgico
é construído pelos que têm sovacos molhados
e os olhos congestionados de cobiça.
Subitamente, como se levasse um tapa,
M. Vassilikoff rememora a filha desaparecida.
(Roubada, bem entendido, e que valia muito,
e o dinheiro levado nada valia.)
É como se Iuliuya novamente entrasse na sombria caverna
de sua alma,
da qual seu espírito busca fugir para se entregar ao que é presente
[imediato.
Sai da frente do espelho, deixa o apartamento, para ganhar a rua.
A seca árvore natalina com seus adereços metálicos, coloridos,
é um cadáver plantado a um canto da sala. Iuliya não voltou
para o dia de Reis daquele ano. Um aperto no coração, um desviar
[de olhos.

Pois agora é necessário fugir do convite à dor. Sim,
primeiro as sementes, pois mesmo no dia do trabalhador se trabalha,
todos trabalham, inclusive a natureza,
que opera milagres todos os dias. Daí sermos tantos e valermos
[tão pouco, ou quase nada,
e nunca termos descanso, pensa Vassilikoff.
(Ao contrário de nós, uma semente sonha muitas árvores e frutos,
quer mais do que imaginamos em uma só encarnação, e sofre calada,
e aguarda o momento propício, estreitando ao redor de si todas as forças
[e energias de suas células.
Por isso ela é mais intensa do que os seres humanos.)
Depois, como se tudo fosse indiferente, o bom vinho, cogita Vassilikoff,
[lentamente.
Sim, o bom vinho.
Talvez acompanhado por umas andouillettes de boa vitela, ao molho de
[mostarda,
ou mesmo com uma simples salsa picada com azeite.
Nada que comprometa o seu almoço,
mas que consiga enxugar suas discretas lágrimas
e com delicadeza plantar um torpor benfazejo em seu espírito,
para assim viver o resto do dia, da semana, da vida toda,
seria bom, sim, da vida toda, sem dor, sem memórias.

Place Dauphine, seus bancos ainda úmidos do sereno,
esfrega o rosto enregelado, como se quisesse desfazer a ordenação
[do mundo.
Nikolai pensa em se oferecer para ajudar a descarregar os caminhões da
[feira do 13º, ou poderia também
ir ao acampamento cigano,
em busca de qualquer palavra de desagravo, ou de uma promessa,
mas era longe, e o dinheiro não chegava. Não devia ter saído de lá
naquela manhã em que socou o rosto de um iugoslavo que o encarava

brandindo seu ódio gratuito com um canivete aberto travado entre os
[dedos.
Ele cortou a palma de sua mão, lanhou seu rosto e rasgou
[seu lenço vermelho.
Mas se ficasse, mataria ou seria preso. Talvez morresse.
Não faria diferença para ninguém.
Por que não se jogava do Pont Saint Michel? Não há vida sem Alina.
Bastava cruzar a praça trapezoidal e cruzar a rua.
Um restaurante se abriu, mesas sobre a calçada.
“Vous cherchez de travaille? J’ai besoin de quelqu’un à ce moment là,
une demi journée, ça vous convenez?”
“Porquoi pas? Oui.”

Há cheiros de pães quentes e de frangos cozidos inteiros na água,
de lentas receitas de chocolate e açúcar; repolhos mergulham
em temperos, e patos em caldas orientais, peixes são eviscerados
nos mercados, e a limpeza pública, por meio de máquinas coletoras,
[com vassouras automáticas dirigidas por homens regulares,
esconde em suas entranhas as fezes e os vômitos da noite passada.
Às nove horas, há uma ameaça de sol e outra de chuva,
um aceno de nuvem
e outro de infinito azul,
uma ameaça de acordo e outra de greve, há um sim e um não
para o mesmo assunto em todas as cabeças,
uma vontade de um beijo e a repulsa dele.
Papoulas inebriam e o vento passa por elas, de repente nada se agita.
Se uma lágrima caísse dos olhos de um deus, sobre a cidade,
[seria um frenesi.

Pessoas cruzam praças e esquinas agarradas a bolsas contra o peito,
pessoas cruzam os parques e mergulham nas bocas do metrô com as

[mãos enfiadas nos bolsos de seus casacos, mantôs, capas de chuva,
pessoas agitam guarda-chuvas e bengalas nos bulevares, nas calçadas,
em demanda de seus compromissos ou deles vindo,
ou cumprimentando outras, ou debatendo-se em seus pensamentos,
falando sozinhas, falando com alguém ao lado, real ou imaginário.
Pessoas buscam diferenciarem-se umas das outras,
Mas em conjunto, em grupo, empurram-se igualmente para chegar
antes, para arrebatarem o que almejam antes que outras o façam.
Os turistas aguardam com bandeirolas e máquinas fotográficas
[o elevador da tour Eiffel.
Turistas aguardam com bandeirolas e máquinas fotográficas
a fila do museu do Louvre, do museu Marmottan, do museu de
[Luxembourg, do museu Picasso, do museu da Ville de Paris,
do museu d'Orsay, do museu Jeu de Pommes, do museu do Petit Palais,
pois são nove horas da manhã e todos os guichês turísticos estão abertos,
é preciso arrecadar rapidamente, visitar rapidamente,
fotografar sempre. Subir a torre Eiffel, entrar na Notre-Dame, comprar
um ingresso e uma passagem de trem para o Chateau de Versailles ida e
[volta.

III

Un certain regard

Sinto meus olhos mergulharem nas entranhas
de um espelho art nouveau.
Atinjo seu núcleo para o qual convergem todas as imagens,
todas as dúvidas, todas as cores e gestos. Ali reside o tudo que é nada
e o nada que é tudo, pois é o fim, antes, o início, depois,
o início, antes, o fim, que vem depois,
e o percurso, sua concretude,
sua espiritualidade e sua superação.
Dói essa descoberta em todos os nervos e células de meu cérebro,
Doem-me as mãos e os pés, pois sou um trabalhador braçal,
Doem-me os olhos, arde-me o nariz, rompem-me os tímpanos
pois vivo dos sentidos, de seu entendimento e registro.
E a descoberta de tudo é tão extraordinária que perdi a voz
e o desejo de me manifestar. Estou só, fora de mim.
Não me vejo mais, só pressinto o turbilhão do centro do espelho,
que absorve o que reflete; estou sob seu comando
e por isso não estou mais em lugar algum
e lugar algum mais está em mim.

Mas é sempre o dia que homenageia o trabalhador,
muito cinicamente,
dia para descansar e protestar contra a fome,
que Martin não tem mais, mas já teve ou terá com certeza.
Pensa em urinar nos castanheiros em flor,
nos bancos dos jardins, em alguma aleia escura
ou em algum trabalhador imigrado da Polônia,
ou ao pé do Arco do Triunfo,
pois não suporta mais ser obreiro em uma cidade
em que todos fingem que nada fazem e pagam suas contas
às escondidas com a economia da água de banho, do shampoo
e da creolina das retretas.
Ele porá as mãos aos poucos no dinheiro que reservou para o bebê,

guardado no pote de chá inglês.
De um modo ou de outro conseguirá a demissão da companhia de água,
agarrará o seguro desemprego e fará um bico aqui e outro ali.
E há ainda o relógio de bolso, que foi de seu antepassado
e que passará nos cobres no mercado de pulgas da Porte de Clignancourt,
por garantia.
Amanhã sem falta vai xingar o supervisor e arrastá-lo com urros
pela ponta da gravata azul. Se esse faltar ao serviço
meterá o braço em algum colega desgraçado, assim mesmo,
e o enfiará num caniço com ameaças e murros. Conseguirá ser demitido.
A espera não é longa, só mais um dia, e depois eterno feriado.
Por que não pensou nisso antes? Covardia, esforço adiado,
ou estaria sendo covarde agora. Não importa.
Não terá remorsos: coisa de luxo para quem se suja.
Venderá o velho Peugeot e dará metade para Jozy, pour fair plaisir.
Um copinho só agora, Jozy entenderá, Jozy perdoará,
seu feitio é perdoar e o destino dele é ser perdoado.
É muito cedo para beber, um só trago, talvez apenas dois.
No Canal Saint-Martin, no cais de Valmy, um simpático café aberto,
[número 37.
Jozy entenderá, Jozy perdoará. No canal com o seu nome na tabuleta.
E ele gritará por fim “allez chômage, venez vite”, como qualquer homem
que despreza a voracidade do capital e a apatia do Estado.
Viva Marx, abaixo Marx.

(As horas e mesmos os minutos são longos demais, alguns escorrem
por nossos dedos e ardem.
A vida, já se disse, também é longa demais,
não tem quem placidamente a embale no berço do destino, nem guia.
Acontece subitamente, como uma somatória de acidentes não calculados,
emaranhados como os fios de uma velha rede de pescar sem uso mais.
O erro de ontem repete-se hoje e amanhã

como se fosse o primeiro erro cometido.
O que é novo é velho na verdade, e o que é velho é sempre novo,
como a tarde que embora sempre chegue impressiona o semblante
[da manhã finda,
manhã que sempre finda todos os dias, sob o mesmo Sol.)

Quando Martin perdeu a conta dos copos que bebera,
também viu se dissipar sobre a gordura do balcão do bar
o projeto que acalentara (do que se tratava afinal?),
a fúria mental, a evasão triunfante, o caminho mais curto,
o destino mais cômodo, o acerto perfeito e sem falhas,
o murro, o sopapo, a reviravolta, a saída para a liberdade,
o ganho sem esforço, o Café de Flore, Juliette Grecco, Sartre,
um copo de Sancerre, une tranche de saumon fumée, bonjour Bardot,
lábios grossos, nada menos que um Muscat,
eis enfim como se pode acabar sem deixar traço, recomeçar do topo,
na ponta de um garfo um naco de bom filé,
no bolso o dinheiro para o mês inteiro, o ócio e o cio.
nove horas, dez horas no mostrador, quase onze, para que lado agora ir?
E Jozy?
Quem?
E se enfiasse uma faca na panturrilha? Aposentadoria por invalidez,
fora atacado quase à porta da empresa, turno da noite, homem dedicado,
lâmina nova e boa, atiraria a faca longe, se arrastaria até o portão, ferido,
mas não poderia ser hoje, nem amanhã. Turno noturno em dois dias.
Pagar a conta, comprar a faca no marché aux puces,
arma com muitas histórias e pecados, um canivete era melhor ainda.
Cheio de digitais comprometedoras. Calçaria uma luva, jamais toque
na arma que te matará. Jozy quase me mataram, o dinheiro da semana se
[foi.

Depuis um miroir art nouveau as falsas vinhas verdejantes em broto,
misturadas a louros sem vitória e nódoas aveludadas de respingos
de mau vinho resistem à chuva que de algumas cabeças enchapeladas
se desvia, mas molha a maioria que vai, vem e se desfaz no dia do
[trabalho.
Continuo em minha folga,
as ferramentas sob a cama e a sopa de ontem já rançosa,
junto ao calefator.
De casa saí horas atrás,
À desoras sem me lamentar.
Se uma energia nova insuflasse memórias de outrem, para mim novas
em meu ser, mesmo que logo gastas, inapreensíveis a contento,
pelo meu espírito caloroso, eu ainda assim preferiria ao que agora
[não retenho em mim;
ao que neste instante não me possui mais, nunca me soube
e não viveu em mim, embora meu fosse desde sempre.

Meio-dia, inexiste rubor no céu, uma couraça cinza pálida paira
sobre toda a cidade no dia do trabalho e veste o céu como a luva
cobre e esconde o anel de topázio de um dedo.
Em sua certeza de armadura medieval exibe-se indiferente,
acima dos guarda-chuvas,
dos acenos de despedida nas gares, aeroportos, lupanares,
muito acima das passagens, acima dos bulevares, dos monumentos.
Mulheres e homens são escorraçados pelo vento, encolhidos sofrem
como milhafres doentes, imobilizados nos galhos das olaias e abetos.
Vento que sopra contra as faces, como faca, quase arranca as saias,
provoca esgares, entontece e embarga a voz e sufoca ainda mais
o silêncio. Chapéus, solidéus, bonés e lenços agitam-se como adereços
[de veneziano carnaval;
Alguns sobem aos ares, triunfais, e o gendarme de plantão assiste
[como se presenciasse um crime consumado.

Sobretudo enfunam-se bandeiras nos mastros, nos picadeiros e barcos.
Há uma promessa de desfile de armas em riste e braços
e boas almofadas se apalpam e se afofam em preparação nas calçadas
onde a burguesia se sentará para prestar continência militar.
Pães frescos saem em nova e revigorante fornada, macarrons em pacotes
a preço promocional exibem cores luxuriantes, como vulvas
[de teatro de revista, nas padarias.
Olhares apreensivos se encontram em pontes, esquinas, tombadilhos,
cabines de comando, pontos de ônibus, marquises e caramanchões,
aleias de igrejas e conventos, corredores de hospitais e necrotérios,
entre árvores e tufos de plantas, em jardins e calçadas.
Olhares desviam-se de olhares de outra gente de rostos regélidos,
pelas gotas d’água da chuva que volta a cair mansamente.
Por algum motivo justo
foi convocada uma reunião parlamentar de emergência,
foi hasteada uma bandeira, foi brandida uma espada e um documento
[palaciano
foi rasgado em vista da afrontosa verdade que trazia em suas linhas.
Mesmo as que não são damas se perfumam, pois se aprontam
ao meio-dia para ir a um encontro sem motivo algum.
Vão todos os casais ao Trocadero fotografar a torre Eiffel
e a esplanada, ladeada de friagem e verticalidade;
à praça Saint Michel ver as carantonhas vomitarem água dos chafarizes
e fumar uma boa maconha e tocar uma guitarra em troca de moedas;
fazer fila no museu do Louvre para fotografar a falsa Monalisa;
ir a Pigalle comprar colchões de espuma e travesseiros
para o novo apartamento, para o novo hóspede, para o novo hotel.
É o dia do trabalho, quando se comemora a criação do mundo
de classes, o derramento inútil de sangue, das guerras impunes,
o nascimento de um herdeiro real,
a depositação de um vigarista inaceitável e sua substituição
por vigaristas de bela fachada.
Contudo não há como negar,

as tulipas têm pescoço comprido,
como as mulheres cegas de Modigliani
e seios fartos, de sedosas pétalas.
Os aromas doces e amargos se misturam em espirais
que escapam das chaminés dos restaurantes e cafés
e alguém procura um nome pelo telefone.

Esse alguém é Antoinette de Bonneheure, pois há uma estrangeira
que pode presenteá-la em troca de pouco,
tudo em bom e falso papel passado, um filho com saúde e futuro.
Serão entabulações difíceis e sigilosas, pensa a futura mãe,
mas as palavras certas se arrumam em seu cérebro.
Com elas irá transformar o filho morto em vivo,
reinventar o destino já traçado. Não é pecado.
Robert tira uma moeda da orelha, depois um coelho
de seu nariz, mas ninguém observa o milagre,
pois todos ali se preparam para a melhor foto da viagem:
é só apertar o botão no melhor momento.
Finalmente a vendedora de filhos alheios marca um encontro
em uma hora, um pouco mais, no Rond-Point da Champs-Elysées.
Entretanto ainda não entregará a encomenda.
Quer ver primeiro o focinho dos compradores
(averiguar se irão mesmo guardar segredo)
e receber o sinal do pagamento combinado, nada de artimanhas
[ou escusos atalhos.
“Nenhuma armadilha, madame, a coisa é honesta e firme,
forneço recibo e carimbo, como se vendesse selos,
porém a confiança tem que estar presente nos dois lados.”
Mais um dia ou dois e Antoinettte terá a história refeita.
Robert recua e resiste, alarmado ainda, quando avisado,
Pega o telefone das mãos de sua mulher, devolve ao nariz o coelho,
à orelha a moeda: tem medo de que nada dê certo;

enfia as mãos dentro da capa, moedas de ouro saltam de seus bolsos
[estufados.
Não foi uma boa hora, a hora é má, adverte o seu botão de gravata,
piscando alarmado como farol na tormenta marinha.
Robert sente a joia palpitando em seu peito e entende o aviso.
“O lugar, senhora, é muito devassado”, ele diz e ela responde:
“os lugares mais frequentados são perfeitos esconderijos
para tudo o que é secreto e escuso, lhe afianço.”
E todos desligaram com medo.

Os olhos de Fawwaz buscam o infinito no céu,
Embora saiba que não há nada para ver nele,
apenas uma promessa eterna de um mais além inesgotável.
Por isso volta-se para as coisas que estão mais perto.
Há uma acácia, há jardineiras erguidas com tijolos,
tufos de mato na grama. Em que cama estaria Adara tão amorável?
Mais triste e cruel a resposta que a indagação ao léu.
Precisa comer, antes que morra. Mas sabe que mais sofrerá,
depois de saciar a fome, pois terá condições de nutrir
[com o seu pensamento obsessivo
sua vingança, que se insinuará nas veias vermelhas e azuis
que irrigam seus olhos escuros e o ódio o fará ficar cego e desarmado.
Como se estivesse perdido, evade-se do Jardin Paul Nizan
e caminha na direção da Porte d’Italie,
pede um copo de água em um café
e se possível um pedaço de pão. Oferece o seu serviço como paga:
sabe limpar fogões, organizar a cozinha, lavar o chão, abrir o peixe
e cortar a carne. Muito depressa pica a cebola e lava as batatas.
O dono responde: moi aussi, adieu, merci.

Vassilikoff almeja subitamente uma fatia de ananás Victoire de Tampon,

enquanto isso fiscaliza o céu cinzento.
Senta-se em um banco de jardim. Pequenas pétalas brancas esvoaçam.
Pensa que o tempo é contraditório como a alma humana, mas rechaça
[a frase gasta.
Seu cérebro inscreve no cachaço de um imaginário porco castanho:
hoje é feriado, dia do trabalho,
dia da usura,
dia da destemperança,
E sendo um dia assim, não se encontra facilmente
uma fatia de ananás acamada sobre um prato de Limoges.
Sacode-o o vento e a memória
de quando era melhor que agora e podia correr para o sol e gritar
[uma asneira,
[uma falácia descabida,
de quando tinha a seu lado a sua filha.
Hoje reencontrará os braços de Juliette com as mãos vazias,
que é como o seu espírito se sente.
E Juliette tocará com seu rosto de pó-de-arroz o dele e o chamará
de meu velho,
o que o fará detestar ainda mais a mesmice humana da qual faz parte,
mas por fim aceitará, pois recusar é morrer mais depressa.
Sob os pés de M.Vassilikoff, minúsculos pedregulhos esbranquiçados.
Comprime-os com o solado e recupera a lembrança matinal de sucrilhos
[sendo mastigados.
Falta muito para almoçar?

Segui pela calçada ao longo do cais de la Tournelle,
Um Citroen branco e antigo passa por mim e atravessa a ponte,
na direção da ilha de Saint Louis. É um veículo casamenteiro,
transportando um pai e sua filha noiva,cheia de luz e inigualável beleza.
Os sinos em algum lugar dobram felizes, e o velho carro o persegue.
Devo também ir atrás?

Encosto-me a uma árvore da plenitude sufocado,
e nesse instante ouço os acordes de um órgão tocado por Houtart.
Sobre a minha cabeça caem gotas de chuva incipiente e notas musicais.
A música avança com suas armas próprias,banhando-me todo o corpo,
empunhando um prelúdio de Beixtehude para corais.
Se soubesse o que cantar naquele instante, cantaria,
entretanto apenas esfrego as mãos contra a caliça de uma parede,
com a sensação de que por vezes estou irreparavelmente vivo ainda.

Vassilikoff movimenta a sola dos pés sobre o chão pedregulhoso do
[jardim, extraindo sons.
Lembranças de alguma festa imemorial, recordações de infância,
de jogos e façanhas de primeiro amor?
Não, apenas o clamor impaciente e solitário de um espírito
que persegue a ideia de que o mundo não lhe pagou
o que se achava merecedor.
Em lugar certeiro, onde sempre o aguarda todos os dias,
o coração de Juliette dele discordará sempre,
toda vez em que se apequena e desvaloriza,
e sempre quando se empertiga e enaltece suas falsas conquistas.
Pois ela é simples na complexidade de dizer sim e não a tudo.
E seu mundo é feito de terra, água, ar e fogo, as pessoas vieram depois,
a natureza antes, por isso é mais importante.

Pierre Ruisseau, preguiçoso infante, tem a mão direita,
entre os dedos da mãe e a outra, entre os do pai.
Logo chegarão a um restaurante e depois mais promessas de passeio.
Entre os dois seu corpo se agita e se desequilibra,
Melhor se pudesse correr sozinho no compasso da vida.
Não queria outra vez ir ao Panthéon, nem ao cemitério de Liles,
[tão longe,

nem mesmo ver o desfile de armas, nem ser empurrado pelos grandes.
Difícil, mais que isto, foi se vestir quando fazia frio,
e no armário aberto esconder o rosto quando o inimigo
o queria morto. Era um ogro que lá morava, com uma metralhadora,
e tinha na ponta do rabo um punhal com cobras verdes enroladas.
Sorte que esperto bateu a porta.

A linha de prédios do boulevard Saint Michel,
inclinando-se, ave, como se pretendesse deslizar e pousar no rio,
com as suas asas de concreto e as suas unhas de ferro,
insinua que pode ter havido um dia
uma paisagem de outeiro e árvores espiando as águas do Sena.
Por anos a fio os romanos e franceses, vindos de outro tempo mais
[íngreme,
souberam extirpar com esmero todo o mundo natural que ali vicejava.
A partir do núcleo de um espelho art nouveau, em seu âmago,
no ponto de onde a luz mais antiga parte;
de onde o gesto mais nefasto ceifou árvores para a lenha
[e depois para o fogão;
de onde o grito mais raivoso buscou eco e não encontrou conciliação,
até o primeiro choupo abatido e o primeiro pinheiro tombado
e depois disso, ainda,
tudo se pode ver sem ver. Se olhos souberem interpretar o espelho.
No curso do tempo, ali, mulheres grávidas com suas roupas por lavar
desceram pela encosta do outeiro, lutando contra o látego do frio
e lavaram suas roupas e seu corpo no rio.
Em outro ponto no curso do tempo,
mulheres com suas roupas de plástico, apertadas na cintura,
como se aprisionassem a nova vida prometida, latejante,
mulheres com bebês amarrados ao fundo de berços
[como camas rolantes,
mulheres com filhos arrastados pelas mãos e maridos sucumbidos,

todos descem o boulevard Saint Michel, sobem a rua Mouffetard,
ou vão de encontro ao rio como se buscassem um suicídio coletivo.

Enquanto empunha a vassoura, com o pano de limpeza no ombro direito,
Nikolai pensa ainda em seu fim, que seria um começo mais além,
[um acerto,
um pacto, ainda que hediondo, com sua sina.
Morto, outras cartas no jogo.
Desaparece a condenação constante da dor;
toma seu lugar tristeza alguma, sentimento nenhum, nenhum malefício
[terreno mais.
Restaria a pena a cumprir, a ser saldada em vista do pecado capital.
E na contradição entre o alívio pelo suicídio e a punição eterna da alma,
espécie de dor ainda pior do que as que conhece antes de morrer,
[em vida,
uma voz lhe diz, ao ouvir a música ritmada de sua vassoura na calçada:
"tem papéis, documentos, Russo? É russo, não é?"
"Não sei como cheguei aqui, foram muitas quedas. Nasci em Cáchin,
depois vivi nas estepes do Ishim e agora estou aqui." (Fugindo da dor.)
"Procurado pela polícia?"
"Nunca, até onde sei, juro pelo seu Deus."
"De agora em diante trabalha como se não trabalhasse para mim
e para o vizinho, mais abaixo, no trabalho que lhe couber."
"Onde mesmo?"
"Naquele hotel logo ali, o Henri IV,
nesta mesma praça Dauphine, que é onde moram o silêncio
[e o inesperado.
Se o prenderem, interrogarem, dirá que é meu amigo e de meu pai
e que está de passagem, em visita."
"Vão então me levar por vadiagem."
"Isso veremos, e se ocorrer nos ajeitaremos.
Agora eu o sirvo de alguma comida,

naquela mesa ao fundo, já posta,
recusar não ouse,
com os copos e o demi pichet de rouge.”

Nas cadeirinhas de longas pernas, Jamil e Gomil são servidos
de papinhas de aveia que vieram de casa na lancheira.
Olham-se como se não se gostassem nem se odiassem. E seus olhos
estão opacos como os finais de tarde no deserto. Seus protetores
[empunham
colheres de prata com seus nomes gravados e empurram para suas goelas
o creme espesso de aveia, com vigor marcial,
enquanto bebem em longas taças um kir e mastigam azeitonas pretas e
[verdes,
temperadas com cebola branca no azeite e um tanto de pimenta síria.
Seus dedos estão enfeitados com pesados anéis de ouro
que untados de óleo deslizam ao redor das falanges
como se quisessem saltar na toalha amarela do restaurante libanês no 291
[da rue de Vaugirard.
(O clã familiar fora engrossado, na ocasião,
com o concurso de duas primas velhas
e o marido anafado de uma delas.)
Vez ou outra mordiscam eles e elas pães com pasta de sésamo e pepinos,
ou com babaghanoush muito frescos e sensuais,
espanejam os bibes de Jamil e Gomil, já agora imundos,
retirando gomos com as unhas. E esperam impacientes o Kebbah
[encomendado.
Seus relógios para os quais olham aflitos talvez por isso
marquem alguma hora inconveniente. (Estariam parados?)
Uma esperança ainda resta, chegaram as codornas ao mel com timo bem
[grelhadas!
E desembarcaram da adega os vinhos.
Nada disso contudo importa para os infantes.

Jamil e Gomil parecem haver secretamente combinado
o momento de não mais abrir a boca para as colheradas.
Cospem a última entrega da ração com nojo e afronta
e esfregam os olhos congestionados, quando um súbito
raio de sol banha seus rostos parecidos.
Entreolham-se outra vez, agora se vendo
com a consciência infantil disso,
e ficam aborrecidos de se reencontrarem.
Em seguida os olhos de Jamil e Gomil se desviam,
e buscam doravante deslindar o sentido do mundo ao redor,
onde pessoas se movem e gesticulam, brandindo cardápios,
taças e metais, enquanto falam e espicaçam carnes,
tudo enfim muito propício para acentuar a ácida nota musical
de seus protestos, convertidos em justo pranto debulhado.

O sangue de Martin coagulado em sua mente, o álcool em suas veias,
teria que matar alguém, talvez ele próprio, com uma faca ou canivete,
se pudesse da metade se lembrar;
seria melhor fazer um seguro de vida, Jozy rica e viúva, não,
fingiria que morrera, documentos falsos, pagamento do seguro,
notícia de falecimento: ’operário morto encontrado com faca no peito’.
Mentira, não há notícia para pessoas comuns. Só se noticiam marechais
e banqueiros mortos. Talvez devesse matar um tipo assim.
‘Homem corajoso vinga os justos e acaba com um escroque’,
difícil o plano, por que razão venderia o Peugeot, mesmo?
Tinha uma ideia triunfante, que agora se diluía nas espirais do éter que
[consumira.
Sim, o seguro desemprego, justa causa, o início do recomeço.
O carro se vendia, bem como o relógio que talvez nada valesse,
só o trabalho de o vender. O melhor mesmo seria o sopapo no chefe,
e ainda havia economias a serem surripiadas do filho não nascido.
Pobre Jozy, queria um belo enxoval.

“Senhor, como se chama o bar?”
“’Sur les quais’ e eu Gilbert.”
“Eu, Martin, mesmo nome do canal aqui. Mas não sou santo.
Come-se por quanto?”
“Doze euros, quinze.”
“Mande por favor.”
“O que vai?”
“O que achar melhor, une grillade, ou mesmo uma linguiça defumada,
ou se tiver umas tripas à moda de Caen, ou das mais simples,
mais il me fallait un couteau”, pensou em voz alta.
“O que disse?”
“Nada disse”, rien. Peut-être un cuisseau, ou des rognons.”
“Pardons, nous n’avons pas aujourd’hui. Seulement des tranches de
[veau.”
“C’est pas grave, venons a nos moutons.”
“Très bien, allors. On peut vous faire une grillade de boeuf, comme vous
[avez suggérè.”
“Oui, monsieur.”
Martin entretanto não revelava toda a verdade.
Bebia e desbaratava a sua memória, punha a perder a sua vida.
Medos, obsessões, fantasias, traições, imposturas, manigâncias,
[tudo de mistura
sua mente cortejava (como pássaro que em cada galho do arbusto por
[pouco tempo pousava):
falaz, canalha, idiota, alternadamente.

Paris empunha copos, garfos, colheres, facas zunem no ar,
em tábuas se picam cerefólio, cebolinha, zahatar.
O suave sabor de flores do sumagre preconizado pelo sábio
[Maimônides
mescla-se ao gergelim bem torrado, à manjerona, ao tomilho.
Em frigideiras amanteigadas o piripiri rivaliza com o cardamomo,

[que refresca hálitos.
O bacon encrespa-se, os rins fritam-se com alhos e gordura,
o marreco ganha cor em fornos de aço, as sementes de papoula,
de funcho e de mostarda salpicam molhos e cremes claros,
a boa menta inglesa visita mesas, empanam-se vitelas
e o bouquet garni, o cravo, o aipo e o alecrim têm sua hora,
assim também a noz-moscada, o louro, o alho-poró, o poejo, a arçanha,
[o zimbro, o cominho, o manjericão, e a páprica.
Óleos virgens e vinagres são agitados no ar e banham alfaces,
folhas de louro acamam-se em mansas fervuras em que ressaltam
os odores da lavanda, da sálvia, do aipo, da segurelha, da crespa salsa.
Marinam-se peixes e aves, aferventam-se crustáceos, mariscos, e joelhos
[de porco.
Sementes de feno grego e de funcho amenizam sopas refinadas,
e as do coentro agradam a muitas culinárias e receitas;
em baixo fogo vichyssoises ganham corpo e bouillabaisses entontecem.
O açafrão tinge os risotos, gratinam-se massas com molho bechamel e
[parmesão,
O carril tempera carnes de boi, frangos em pedaços e camarões grandes
aos quais se agregam creme de leite e tandoori, até mesmo passas
[brancas ou escuras, embebidas em vinho.
Miolos de pães se amassam com pedaços
de coelho selvagem, frango e ovelha e se fabricam alheiras bem judias.
Tudo transpira de rostos obedientes, azulejos encardidos são vil
[testemunha de tudo;
todos os ossos regressam às panelas para um longo cozimento, em busca
[do mais denso sumo,
e o leitão se assa, o pregado e o linguado ganham flores e cogumelos em
[belas travessas;
também se cozinham com endro e vinho apropriado e mesmo em
[companhia de alcaparras miúdas e elegantes
(as mesmas que nadam na manteiga que banha a truta assada) .
A baunilha frequenta doces e bolos de chocolate em prateleiras de

[confeitarias.
Odores acres sobem aos ares e fumos brancos espiralam
sobre telhados, misturando-se ao monóxido de carbono dos carros,
aos perfumes acidulados de axilas frementes de trabalho.
Tudo cheira mal e bem, entontece na proximidade de retretas públicas,
[provocando asco,
mas assim mesmo fornadas de pães são atiradas em imensos cestos
[de vime ou de plástico
e o leite de soja é adicionado ao nigari para o preparo do tofu fresco
[e esbranquiçado
que em cubos será comido com a sardinha oriental trazida em cascos de
[madeira,
embebida em saquê, ou fresca, trazida das ilhas japonesas,
em caixas de isopor lacrado, em ações de contrabando portuário.
Carnes macias grelham-se com pimenta do reino e sal, simplesmente,
ou descansam em vinhas d'alho.
Com toques de ervas finas misturadas à manteiga,
ou da sauce hollandaise, ou bérnaise parecem manhãs de sol a evaporar.
Cozem-se salmões e robalos no limão siciliano,
e o foie gras é a joia de uma bela porcelana de borda azulada do Tour
[D'Argent,
para tristeza de um ganso e satisfação do Guide Michellin.
Peitos de pato e codornizes inteiras regam-se com um tinto ou
[espumante, ladeados de pommes-noisette ou lentilhas.
Beignets perfumados adornam pratos de coelhos, perdizes,
e soufflés de topete dourado saem apressados do forno em braços
[serviçais cheirando a alho, em bistrôs ao longo do cais.
Colunas de vapores favorecem o apetite quando as cazuelas fervem
em panelas de cobre e deixam baços vapores nas janelas.
Em cálidas cozinhas escondidas de olhares o ceviche de branca carne
de peixe fresco é preparado com cebola roxa, milho e salsão picado
[nos costados do Panthéon.

Assam-se batatas com casca, grandes cebolas brancas e tristes em espeto
[são abrasadas.
Empanam-se e fritam-se as carnes brancas da vitela,
azeitonas muito negras são atiradas sobre o queijo de cabra com orégano,
brochetes de carne de cordeiro entrelaçadas a tomates gordos
douram em vitrines engorduradas da place Saint-André des Arts ou da
[rue Hautefeuille.
Crepes rodopiam revirando no ar as suas faces esguias,
depois ardem no brandy ou cognac e desfilam para a boa clientela,
que cheira pó em estojos de maquiagem,
consome cocaína e fuma crack na borda
do chafariz gelado da praça Saint Michel, envolta em longos cachecóis
[azuis-turquesa, feitos de tricô, semiencobrindo os rostos arrocheados
[pelo aceno urgente da morte
(fumos de maconha e do cachimbo de bambu também sobem aos céus).
Arenques em conserva de cebolas marinado se comem quase frios,
com pão de centeio ariano e copinhos de schnaps, no bairro judeu.
Carnes moídas saem da cloaca de máquinas, recheios para linguiças
[ganham tripas,
e são defumadas em pequenas fábricas clandestinas na Porte Maillot.
Salsichas ganham a fenda vaginal de pães com katchup, refogam-se
abobrinhas, cenouras e berinjelas, tomates em rodelas
cobertas de aliche,
e grossas camadas de queijo ordinário assentam-se
sobre pizzas dançarinas, mas nem todos comem croissant e brioche
Roquefort e Camembert, Reblochon, Brie, Chevrotin e Emmenthal;
a fome é a sentença aplicada pelos que bem comem
e vivem no lado anafado e fofo, empanzinados em longos almoços
com galinhas-d’angola e carne de faisão, ou codornas recheadas
no bois de Boulogne ou no terraço do Pavillon Montsouris
ou assistem aos inimigos partirem, com malas às costas,
das janelas do restaurant Le Train Bleu da Gare de Lyon,

onde só presta a sobremesa de mil-folhas de baunilha e caramelo.
O odor indefinido, salgado ou doce das coisas vivas e mortas
atravessa a vastidão
do Trocadero, o estreito mundo do Quartier Latin, a Bastilha,
os grandes boulevares, a place de la Contrescarpe, a place des Vosges,
as bocas das estações do metrô e dos trens, a gare de l'Est,
a Saint-Lazare, a de Lyon e as catedrais,
e grandes projetos são abortados enquanto se bebe e se mastiga
[em Paris,
e a vida desafia a vida, assentada em contrastes cruéis, em meio ao lixo.

Em sua mente azinhagas verdejantes e tortuosas,
subindo sempre e vastos horizontes de palmeiras, caminho do topo,
onde nasce o Sol e a Lua de mãos dadas, ambos por um instante
[confusos.
Fawwaz avança com súbitas tonturas e visões arcaicas,
na direção da Porte d'Orléans.
Adara numa curva do caminho debruçado sobre penhascos de ouro,
com uma fresca bilha d'água entre as coxas alvas;
ela o espera descalça para saciar a sua sede e sua fome. Eis o homem.
'Eis o homem', ele balbucia, caminhando pela avenue de Général
[Leclerc,
e cai pela primeira vez à altura do cruzamento
com a rue Poirier de Narçay.
"O que tem o tipo, está bêbado, doente ou é fome?"
"É falta de saúde ou de comida e cheira mal."
"O melhor é chamar uma ambulância ou um padre."
"Ele respira ainda, acaba de balbuciar que odeia a vida,
ou algo parecido, sei lá."
No regaço de Adara sente cheiro de camélias.
Suas mãos de mulher sabem a mel e a terra doce após a chuva.
Ele escuta o ruído quebradiço de uma carroça no cascalho,

[que agora passa,
e sente o cheiro do feno que ela transporta e das cabras que a seguem, e
[quer ir atrás.
O vento é subitamente forte e a galhada das beiradas se retorce
em um frenesi natural, como perucas agitadas pela loucura.
Fawwaz convida Adara para seguir a charrete,
e com ela avança entre lívidos tremores e retomadas breves e frustrantes.
“Falta ainda um pouco e a ambulância foi chamada.”
“Vai levá-lo por certo para o hospital Sainte-Anne.”
Um monjolo soca o trigo em um valado, onde passa o rio.
Soa como um coração batendo fatigado, mas sempre atroando
[sem compasso.
Adara sustenta seu corpo e o apara com energia e sofreguidão,
Como se Fawwaz quisesse escapulir de suas mãos e se atirar no
[precipício.
Os homens o levam para o carro e a sirene toca
enquanto Fawwaz sente que queima nos braços do Sol.

IV

Quelques mauvaises connaissances

Em poucas horas de nada fazer
envelheci no ócio, martelando o espírito com angústias
e lamentações. Há folhas putrefactas e natureza morta
nestes passos dúbios aos quais dedico algumas horas.
Estou sem comer, apenas penso longe das máquinas
e dos sons coletivos dos estrangeiros com os quais trabalho.
Auprès d’un miroir Belle Époque em mesas de toalhas brancas
[que o circundam
os casais de meia-idade saciaram sua fome, vejo-os da rua

e não sinto inveja, não sinto pena, vejo seus beiços rubros
de vinho, os guardanapos de linho lambrecados de bom tinto.
Se minha vida se resolvesse na mastigação, mas não.
A cidade tem um difuso sabor azedo.
Ergo os olhos,
Sobre minha cabeça, nuvens à espreita.
Somos ignorantes em quase tudo o que nos rodeia;
comemos o almoço dos que não comem e cuspimos nas ruas
nossa digestão apressada e cúmplice.
Da rua vejo as tulipas e as dálias que adornam a moldura do espelho, murchas
e suas folhas pendem como ovários de pequenas fêmeas,
apodrecidos.
Mesmo as estranhas flores africanas e os tons intensos
de ramagens torneadas e serpenteantes estão sem viço,
[ferros retorcidos.
Demônios e anjos maus cospem pelos vidros
lâminas de condenação e vômito de monossílabos.
O fundo do espelho revela crostas de gordura depositada
pelo cansaço de esperar e pela gula, e veias negras não escondem
que o tempo é uma ameaça para a pequena compaixão humana.
Sigo meu caminho pela rua.
Do meu estreito horizonte desaparece o espelho e as pesadas cortinas
que escamoteiam parcialmente os janelões de cristal.
Tenho nos bolsos algumas moedas soltas,
que agito com a ponta dos dedos.
Preciso iludir a fome com um sanduíche vendido em algum guichê
[de esquina.

Deux heures de l’après midi, um pouco mais,
mas ainda se pode registrar para os anais bocas de diversas procedências
mastigando nacos de carne,

cascas de pães, gourgettes douradas, e ainda agora por entre as gengivas
[cálidas
e eficientes caninos e molares, em rústico ataque concatenado,
atravessa em rubros fios retorcidos o vinho já provado.
Desde muito além do boulevard Arago até Saint Denis,
desde a avenue de Versailles até o parc Stalingrado em Pantin,
adultos, crianças e velhos comem e debatem, gemem e gesticulam
com facas, garfos e colheres, escorraçando com guardanapos ideias
[disparatadas,visitas inesperadas de ogros e fadas.
Toalhas de papel são trocadas, pois haverá com certeza
outra leva discordante, novos pratos depostos entre talheres e taças,
e a cada ciclo de comensais perfumes vários se misturam ao do repasto,
e o ar transporta mensagens relidas por entre cabeças e esgares.
"Ça n'ira pas, tu sais, pour moi c'est la dernière fois. Fini, fini, adieu."
"Tant pis, je m'en fou de toi."
Enquanto bem calçados, cavalos de montaria militar dão as suas últimas
[pernadas, pois eles também são convocados
para o dia do trabalho e animais e soldados, trabalhadores e populacho,
músicos e a tropa da artilharia estacionada,
sindicalistas e grevistas profissionais escutam palavras vãs,
que não são tão boas, jamais tão honestas e francas,
quanto as de Mitterand do passado quase longínquo:

> *(-- "[...] Qui sont ces nouveaux pauvres? Celles et ceux que notre société abandonne sous les coups du chômage. Combien sont-ils? On ne sait pas.[…] Mais un responsable politique en mesure de peser sur le sort de chacun a le devoir de refuse l'exclusion. Je demanderai donc au prochain gouvernement qu'un revenue minimum soit attribué aux victimes de la nouvelle pauvreté. Peu importe le nom qui lui sera donné, revenue minimum d'insertion ou revenu minimum garanti...L'important est qu'un moyen de vivre ou plutôt de survivre soit garanti à ceux que n'ont rien, qui ne peuvent rien, qui ne sont rien.[...]")*

Contudo testemunham o premeditado engodo e a bazófia de impostores
[agindo em causa própria.
Agora é quase chegado o momento de um bom e cheiroso feno,
pensam profundamente os ruminantes,
acompanhado de uma cuia de alfafa ou duas, e de uma mancheia
de açúcar de beterraba,
regimentalmente entregues pelas mãos do tratador, e por fim a baia
[que é a sua cama macia de peneirada serragem,
depois de longa arenga ouvida e palavras viris dos políticos itinerantes,
[e da cerimônia das medalhas
conferidas aos que, quase imberbes, dedicados aspirantes, e futuros
[invasores de colônias reconquistadas,
aguardam a boa guerra que não virá, "*pour Dieu je prie",*
e a xepa da cantina, submetidos a um futuro fardado nada promissor,
[terra, mar e ar.
Melhor entretanto a horaciana *aurea mediocritas*, bem armada e militar,
que a desonra da falta de um emprego e a fila da fome, e ainda
[muito melhor do que tocar acordeón no Chatelet,
por umas moedas, se o turista vier, todos os dias, *sauf lundi*.

Eis Juliette, a pequena, desolada e mansa criatura, agora agitada,
quase nervosa, pois M. Vassilikoff atrasara.
Mas ele traz boas ideias para o almoço tardio, e no bolso
em uma pequena caixa com tampa de feixe dourado,
esconde uma joia que prometera para si mesmo um dia
dar-lhe no momento mais apropriado, que seria o de maior tensão
[entre ambos.
A peça era cara,
deveria valer cada centavo, e para tanto era necessário que consolasse
[verdadeiramente
o coração intranquilo de Juliette. E aquela era a ocasião.
Ele segura as mãos da delicada criatura, traz seu corpo para perto do seu,

envolve sua cintura com a mão que está livre dos embrulhos
e a arrasta para o restaurante da rue Monge. Parece-se com Yuliya, às
[vezes,
mas quando a toca e Juliette se torna
pelo toque absolutamente concreta e material,
a filha roubada nela se apaga, resta o o sentimento constante e difuso
da perda, a sensação da impossibilidade; a crescente, áspera e rascante
[presença do espírito vingador em sua alma.
É ele que domina o espírito conciliador sempre fraco, instável
e inseguro de Vasssilikoff; que toca com a ponta dos dedos
o presente, mas ainda não o entrega. Algo lhe diz espera.
O objeto escapa de seus dedos e afunda em seu bolso.
Vassilikoff não sabe o que fazer.
Nessas horas quase não o aflige decidir o que comer.
Nada, quase nada o obseda mais do que ele próprio,
como se estivesse perdido em um cais na neblina,
aflorado de outro cais na neblina.
Olha para o garçom, para Juliette, para os pratos vazios,
para o candelabro no centro da mesa com uma vela amarela,
ladeado por um pequeno arranjo de flores do campo.

A vendedora de bebês segura o braço de Antoinette de Bonneheure
à altura do Rond-Point da Champs-Elysées,
defronte as escadas de acesso ao metrô Franklin Roosevelt:
“tenho palavra, quero o dinheiro agora, ao menos uma parte.
Em dois dias trago a criança, com as fraldas secas e uma chupeta
[escondida na cesta, nesta mesma hora e lugar.”
Robert dá três passinhos para trás e protesta:
“Est-ce que vous n’étiez pas thailandaise?”
“En quoi vous voulez me transformer?
Oh, mais non, la petite, oui.
En Thailande elle est bien à l’aise, elle est chez soi.

Moi, pas du tout, je suis russe, je m’apelle Iekaterina,
comme la personnage de Dostoievski. Enchanté, quand même.”
Antoinette vislumbra uma muralha assustadora subitamente se erguendo
sobre ela; cúmplice de um delito, recua também e treme.
Agarra as frias mãos do mágico, com seus quinze dedos ágeis,
entre os quais a mentira e a imaginação se mesclam e se associam
[sem alarde,
mas ele também tem paúra, assim, fora do costumeiro palco,
em que noites e dias lá se transformam em auroras cor de mel,
e onde o ferro bruto torna-se pluma, ar, sabão,
e o espaço um espesso forro prateado.
Tudo agora no mundo verdadeiro era discrepante, sob um céu cinzento
[e muito igual.
Intimidados, mesmo assim pagaram uma parte do trato. Iekaterina se foi,
depois de contar o dinheiro e embolsá-lo.
Afastou-se e voou, testemunhou o ilusionista,
como uma Inana, e desapareceu com suas asas invisíveis
no espaço que nem mesmo os Mirages conseguiram tocar
[com sua sanha e cobiça desmesurada.
Antoinette media-se menor ao vê-la partir,
nas escadas do metrô,
entretanto ambiguamente despojava-se da farsa,
que tanto acalentara,
já que o sucesso parecia mais distante, e por isso
sentia-se boa e leve,
como se já tivesse sido suficientemente castigada.
Ainda assim, triste, pois queria cometer o crime,
e por isso tanto incriminava-se como consentia e aprovava.
Apreensiva entretanto aguardava a inevitável pena que viria.
Pombos brancos e coelhos amestrados não gostaram da azedia
[do espetáculo,
e por pouco, delicados, não vomitaram.

Entre o Panthéon e a place de la Contrescarpe Pierre Ruisseau
foi arrastado, embalado, ninado, forçado a abrir os olhos;
e obrigado a caminhar alguns míseros passos, enquanto seus pesadelos
o lançavam em lombos chucros de cavalos, contra sebes de minúsculos
[espinhos.
Não obstante, seus joelhos cediam e suas pernas fletiam
quando o empurravam pela estreita rua.
"Allons-y, Pierre, allons, marchons."
O pequeno respirava fundo, empenhava-se em atendimento
àquelas vozes, mas pouco avançava.
Ruisseau se entregava aos poucos ao inimigo.
Finalmente foi dominado e esfregando o punho nos olhos
enfiou o joelho nas alvas ilhargas da mãe, muito severa e agitada,
que sentiu o golpe. Mesmo assim,
foi induzido a se sentar em um comedor infantil, a abrir a boca
e a cumprir o destino humano de comer.
Um pequeno restaurante na rue Mouffetard ainda aberto,
com as bandeiras da Grécia e da França,
era o templo de seu sacrifício.
A execução era assistida por um homem de branco com gravata preta,
seu pai, e por sua mãe, que segurava sua cabeça e o submetia à tortura,
obrigando-o a engolir um caldo ralo de carne, batata e aipo.
Se não o deixassem respirar teria morrido, para felicidade
de Caronte, que já ansiava por empunhar os remos de seu barco,
retomando sua cotidiana tarefa de coletor do Inferno.
Almoço findo, Ruisseau foi levado como um troféu pesado
para o desfile do dia do trabalhador.
Viu cavalos e cavaleiros, empertigados e confiantes;
rifles e espadas erguidas com premeditada alegria e zelo,
e uma banda militar com homens veteranos com bochechas vermelhas;
ouviu o som incompreensível de vozes sobrepostas, com brados e preces.

("[...]L'important est qu'un moyen de vivre ou plutôt de survivre soit garanti à ceux que n'ont rien, qui ne peuvent rien, qui ne sont rien. [...]"). "À bas le pouvoir de la droite, à-bas le pouvoir de la gauche, nous sommes des ouvriers, on vas gagner tout entier le monde."À bas les anarchistes, il nous faut de la discipline, il nous faut accepter le régime.""À bas tout ce que se trouve dans nos chemin, à bas les mecs et les flics, à bas l'armée et la tiranie du peuple."

Sentiu o rumor de pés e patas em marcha batendo contra o asfalto escuro
[e molhado da chuva,
e chegou a vislumbrar faixas no céu (que eram de protesto)
como nuvens brancas agitadas pela ventania.
Depois, sua cabeça, recoberta com uma toca de lã amarela que a cingia,
encontrou os ombros seguros e confiáveis da maman,
seus lábios tocaram aquele branco pescoço, cuja dona,
de tanto ansiar por mais amá-lo,
o apertava como se não o quisesse jamais salvar.

Quatro horas da tarde, há redemoinhos de pó
no cruzamento da rue de Rennes com a Vaugirard,
no cruzamento da rue de Sèvres com a o boulevard Raspail,
mais precisamente do lado da praça Le Corbusier.
Assim também na calçada do museu d'Orsay,
nas escadas do Jeu de Pomme,
na rue St-Honoré, à altura da Comédie Francaise.
A poalha em turbilhão perturba as retinas frescas ou cansadas,
sem distinção de idade. Os passantes protegem os olhos,
e firmam os óculos sobre o nariz quando um vento enregelado
se insinua e ataca frontalmente um redemoinho na avenue de Breteuil,
bem próximo da Place Vauban.
Soldados perdem suas boinas por instantes, guarda-chuvas são revirados,

para desconsolo de elegantes mulheres apressadas;
largas golas de gabardines bem usadas se agitam como asas de borboleta;
idosos firmam-se em suas bengalas, protegendo o nariz,
suspendendo a fala.
Capas, sobretudos e guarda-pós têm suas abas erguidas, e aparecem
pernas torneadas, varizes muito graves, e calças rotas nos joelhos.
A poeira se ergue e se espalha no ar,
colando-se a pescoços suados e testas adejantes.
A pele da água do Sena encapela-se e subitamente
em pontos isolados uma chuva fina cai sobre gentes e carros,
sobre marquises e túmulos sacros.
Alguns raios de sol intrometem-se,contudo, por entre claras nuvens
[matizadas de laranja,
projetando jatos de luz em frontarias de prédios, em bancos
de jardins, na cantaria de igrejas, no frontispício de mercados e lojas,
no dorso de animais de bronze
e em estátuas de bons poetas,
(odiados em vida, laureados depois de mortos), plantadas em praças
[públicas;
sobre as tampas esverdeadas dos *bouquinistes* das margens do rio,
sobre um e outro telhado.
Entretanto a chuva ganha novo vigor
e se espalha democraticamente por toda a cidade.
Naqueles instantes de precipitação, que foram breves,
os gestos ficam suspensos, as diligências postergadas,
rápidos encontros casuais abreviados, mesuras economizadas,
ademanes cancelados, passos encurtados.
Um pouco depois das quatro da tarde dissipam-se no ar fresco
e úmido os últimos odores e fumos do almoço; expectativas pungentes
são abandonadas, promessas regateadas, certezas são infirmadas
e os nichos, as sombras e os claustros de muitas igrejas
(como a St-Germain-de-Prés, a Notre-Dame, a St-Gervais,
a St- Séverin, a St-Julien- le-Pauvre, a Ste-Chapelle),

apesar de tudo,
aguardam com paciência
a visita reconfortante da prece de um devoto.
Em uma delas, Saint Louis en l'Île, um órgão toca como se houvesse
[paz.
Feita a digestão quase que por completo, o nervosismo natural
regressa ao espírito dominante, carros e condutores esbravejam,
na Place de la Bastille,
alguns arrancam apressados, aberto o sinal,
as pessoas se separam de outras arrependidas de as terem encontrado ao
[acaso.
"Uma aporrinhante maçada, logo agora aquele tipo cabisbaixo
se empenha em vir em meu encalço!", pensa um jovem tesoureiro
[de muito talento
no boulevard Richard Lenoir,
(pois é preciso realizar alguma tarefa muito urgente e necessária,
embora não se possa com segurança afirmar qual seria;
é mister demonstrar que a alta ocupação profissional e social
de cada um proíbe terminantemente a perda de tempo com um casual
[encontro de rua.)
Cresce nesses momentos o constrangimento geral,
razão de ser das esquinas e calçadas de Paris, dos bancos de jardins,
[e dos semáforos.
A única verdade é que todos querem se exibir, seja no L'Étoile,
seja às portas do Hôtel de Sens ou no meio da Place des Vosges,
mas ninguém quer testemunhas, a mente parisiense é um cartão postal
[delido.

A chuva para de cair, e Nikolai tem um palito entre os dentes,
uma vassoura saliente nas mãos, e um desfile de imagens
que na memória fazem acampamento e o atormentam.
A calçada do restaurante da place Dauphine apresenta pequenas poças

de água, filetes azuis e dourados de gordura, escamas
de outras lavagens e de outras horas sem alento.
Com vigor Nikolai esfrega o piso, atacando-o com a energia
recobrada do bom almoço ganho. O patrão o examina
como se não o examinasse, e os últimos clientes nele não pensam,
como se em algo mais pensassem. No chão subitamente vítreo,
Nikolai assiste a cenas de dor, Alina tão recatada, presa em Marseille,
o iugoslavo sangrando atordoado, no trabalho.
Sua pequena casa se desenha branca e lúcida em Cáchin,
E o calor que dela emana sobe até suas mãos, pela íngreme vassoura
[inclinada.
Se pudesse ao mesmo tempo assistir ao sonho e repelir a desgraça,
talvez não pensasse em morte. Seria bom.
Sua vassoura repassa e passa, Nikolai tem tantas coisas
na cabeça de bastos cabelos, tantas aflições no coração,
e no fundo do espelho de água da calçada o rosto de Alina,
suas mãos escondidas, amputadas,
seu corpo escorregando para o viscoso porão do navio,
subitamente no asfalto o desenho de uma janela em que a luz treme,
nela colado o trecho da carta:
“dela não sabemos, procure voltar, informamos q ue seu pai morreu”,
palavras frias como se nada tivesse fundamental importância,
quando ao contrário eram toda a sua vida, depois o breu.
A chuva regressa, banha mansamente os telhados
e as árvores da praça.
Nikolai entra no bistrô e ao entrar retira os talheres e pratos de umas
[mesas.
Há uma notável diligência em seus atos,
como se tudo ao redor fosse seu.
Ele se entrega às coisas ao redor,
ou são elas que a ele mansamente se entregam, confiantes.
Se tivesse a capacidade de consertar o mundo, reordenar as palavras
[que o explicam,

escondendo seu pequeno mérito, se sentiria melhor, sofreria menos
ou por outros motivos.
O patron tudo vê, tudo mede.
“Voilà quelqu’un qui vraiment travaille.”
Mesmo onde há sombra, Nikolai vê Alina.
Não há mais chuva na place Dauphine.

Jamil e Gomil são levados nos braços
da caravana familiar
que deixa o restaurante,
mas que segue sempre pela Vaugirard,
direção do Instituto Pasteur, dobra depois à esquerda
na Paul Barruel, para visitar um parente
na Lecourbe. Um brilho embaralhado e morno, de pechisbeque
recoberto por uma ligeira gaze,
acaricia as cabeleiras e os gorrinhos infantis.
As crianças babam e seus dedos têm grudada
a papa de aveia que tomaram à força.
A grande família gesticula muito e protege os olhos contra o sol,
as crianças também, e com isso aos rostos de Jamil e Gomil,
os grumos de cereal se colam, aumentando a imundície
[de suas delicadas figuras.
Essa evidência
produz um sombrio desencanto nos adultos.
Como introduzir os filhos em casa de Assad, uma vez que agora
as crianças parecem ter sido encontradas em uma lixeira de Arvad?
Limpe-os um pouco, apenas isso, terá algum deles sugerido,
sacudindo irritado e impaciente um lenço.
Afinal, Assad era um tio, gente da mesma família, embora de outro ramo
[lateral.
A troupe interrompe a caminhada
e intensamente envolvida ataca o problema.

Os meninos Jamil e Gomil ficam nervosos com a agitação
e regurgitam ao mesmo tempo
o resto do que ingeriram. Nenhum lenço dará conta disso.
Em seguida se olham, iguais, mas um será homem, a outra mulher,
por causa disso ostenta a última um lacinho rosa enrolado numa mecha,
sempre avidamente procurado pelo olhar dos pais,
temerosos de se enganarem.
Contudo, mesmo se reconhecendo menos iguais,
Jamil e Gomil se procuram,
tal como uma imagem busca sempre seu espelho
um quer a outra, assim como Gomil quer Jamil.
Seus braços se desvencilham do pescoço dos pais,
até que finalmente conseguem colocar
seus rostos frente a frente.
À porta da casa de Assad as crianças voltam a chorar, agora abraçadas,
porque sabem que estão ambas vivas
e, ao se redescobrirem, decepcionadas,
novamente desgostam do que veem e sentem uma indefinível amargura.
O mundo parece pequeno para dois seres iguais, disputando os mesmos
[rivais agravos.
Ao som da campainha,
os meninos assim enlaçados voltam a vomitar.

Com as calças arregaçadas e os pés descalços,
Martin balança as pernas na beira do cais de Valmy, mira o curso
d’água, manso e barrento. Se um barco o levasse para mar alto
com um cofre de dinheiro na sacola e Jozy do lado, então.
Jozy, não, ela quer um bebê, não um navio, quer uma casa,
avec un petit jardin, na periferia e um homem que tenha um relógio
no espírito, um despojamento de todas as extravagâncias,
que são as melhores coisas da vida, uma rotina de ganso
na engorda.

Se ferisse ligeiramente o chefe: uma estocada
com a ponta da faca, justa causa, allez chômage, venez au plus vite,
faria uns bicos, algum serviço de encanamento para os conhecidos,
venderia para um deles o relógio de família, o Peugeot também,
um presente de surpresa, para aumentar o enxoval que possibilitaria
uma viagem a Nice. Não, diria ela, para o bebê. Sim, o feriado está
[terminando,
amanhã é o dia, a justa causa é a boa causa, a causa justa,
a causa de todas as causas, usar o sistema contra o sistema,
não fiz por querer, o supervisor me ofendeu, sou injustiçado,
abaixo o Estado, o senhor vê, feri a perna, à altura da panturrilha,
um desastre, estava na cozinha, não, estava operando uma máquina,
não posso mais trabalhar, azar da companhia de gás,
vale mais o trabalhador que o capital, que sempre se multiplica.
Não tenho mais como trabalhar, nem posso ficar de pé,
anos de dedicação, finalmente um emprego,
em que fiquei alguns anos. Um idiota sem imaginação, por favor,
eu mereço o consolo de viver o resto da minha pena em liberdade.
E agora, então, com um filho chegando, teremos ajuda de custo,
remédios, defende Jozy, poderá beber algumas noites, distraidamente.
Pode ir, fico com o bebê, faço um chá e convido uma amiga,
Onde está o pote de chá inglês, Martin, todo o nosso dinheiro, os nossos
[planos?
Não sei, não, que pote de chá? Aquele? Acho que gastei, acho que perdi
no jogo, acho que roubaram, não sei quem pode ter sido,
caiu no rio, será que é aquela caixa ali boiando, indo embora?
Estava no meu colo, fui coçar o queixo, fui comer um queijo, caiu no rio,
gastei para consertar o carro, pagar o aluguel, depois reponho.
Dane-se o dinheiro, para quê serve se não é para gastar quando se quer?
Entregue o filho ao governo, que precisa de braços escravos, Jozy,
desculpe, não quis dizer isso, que bom um filho, parecido com você.
Quando crescer vai trabalhar na empresa de gás e lá ficará até morrer.
Ficará antes disso neste cais, desta cidade velha, como eu, amargurado.

Se pudesse beberia um pouco mais
e me sentiria menos mal por haver bebido tanto, essas as regras secretas
das sábias garrafas que nos dominam a cada esquina.
Era o caso de dormir, de ser atropelado por um trem, por um camelo.
Se morresse afogado, Jozy receberia o seguro, o homem morreu estafado
de tanto se entregar ao trabalho, envenenado pelo gás, um herói.
Ou, melhor: uma explosão no cais de Valmy, terrível estrondo,
o operário não resistiu aos ferimentos,
não exalou um suspiro, e nem poderia:
sua cabeça perdeu de vista o corpo, para sempre. Um céu de nuvens
[acinzentadas
foi a última visão de seus olhos de vidro.
Onde foi parar meu resto?

(Ao redor da canal Saint Martin, o tempo parece sempre ter sido
[interrompido.
Um longo e inesgotável domingo, dia e noite, todos os dias,
condena as famílias a se arrastarem sem pressa
como se tivessem pedras atadas a seus calcanhares,
retendo-lhes o passo; animais soltos latem, aflitos
para que seus donos os obriguem logo a correr em busca
de um osso de biscoito, atirado, ou de uma bola de borracha
que maliciosamente retêm entre os dedos, com as mãos nas costas,
no intuito de colher o cãozinho de surpresa.
Crianças soltam as mãos zelosas de seus pais e giram em círculos,
umas ao redor das outras, movidas por algum acordo secreto.
Fotos são tiradas por pessoas que parecem
filhas diletas da desocupação mental.
Após dispersarem tanta compaixão e desprendimento no ar,
casais enfastiados depois de um século se beijam,
na inútil tentativa de acordar o morto instinto e o velho desvelo.
Isso acontece em ambos os lados do canal, de maio a abril,

e a cada novo dia os atores e figurantes do espetáculo
são parcialmente substituídos por outros.
Os mais assíduos moram por ali,
e prodigiosamente parecem que não se cansam de tudo isso.)

Martin interrompe seu tartamudear sem sentido e fixa sua atenção
no outro lado do canal. Ele se descobre em meio
a uma cena da qual não faz parte. Uma espécie de festa
sem alarde, sem música, parece ter lugar em um mundo paralelo, alheio
[ao seu.
Entre o cais Saint Martin, de um lado
e o cais Jemmapes, do outro, há um homem só,
e há só um homem que sofre, no mundo inteiro que transita em sua
[cabeça, em tudo aquilo que seu espírito espreita.
Os demais de sua espécie não demonstram o menor interesse em sua dor
[pessoal,
nem ele na deles. (Haverá melhor meio de mais sofrer?)
O homem só é apenas uma pequena rasura na paisagem,
um acidente insignificante, um paralelepípedo que se ergueu do leito
[da rua ao acaso,
como se tivesse nascido ali em decorrência do erro de alguém;
é um traço indefinível misturado ao turbilhão de cores que o olhar
[humano
contempla em busca de uma epifania, ou apenas de uma ilusão
[que seja geradora de um curto benefício que gratifica.
Martin está perdido em meio a projetos inconciliáveis.
Inclina-se para um lado e se deita,
com o rosto sobre seu braço.
Estira-se ao longo do calçamento da beira do cais
e sente o frio contato de seu corpo contra o lajedo,
e de seu braço contra a sua face.
Domina-o um estranhamento

decorrente do contato
de uma região de sua pele com outra.
Quantos teria dentro de si, que não ele?
Ou seria a completa compreensão de si mesmo
apenas conseguida
através de um entendimento sempre em pedaços desconexos, parcelar.
Era contudo ainda assim um sentimento rarefeito,
construído por meio de inextricáveis dicotomias,
e da insubsistência da linha em benefício do intervalo.
Era a indefectível exclusão
em meio à necessária e inadequada inclusão.
Tais sentimentos complexos não cabiam no cérebro de Martin,
repartido também em diversos embates e desmandos;
melhor seria debruçar-se sobre o verso de Éluard,
se o tivesse lido, com sua euforia pelas palavras,
cativo daquelas idealidades vazias que se desbaratam
no contato com a coisa concreta, mas que tem o dom
de entontecer a fúria. (Não, nem mesmo isso o satisfaria.)
Era de uma faca o que Martin precisava,
era de um rifle de cano duplo,
de um arcabuz medieval, que fosse;
de homens para construírem uma barricada
e recuperar Paris do domínio da burguesia e da armada.
Era de uma estopa com gasolina e de um barril de pólvora.
Era de uma bomba molotov, de um míssil envenenado,
ou de alguma história feliz.
Onde Jozy, agora, nesse grave momento em que Martin retorcia
seus confusos pensamentos, deitado sobre o calçamento,
enquanto os pacíficos transeuntes que nasceram -- para eternos finais de
[semana ensolarados,
passeavam ao longo do cais, saltando alegres sobre sua cabeça
como borboletas na plenitude da vida – nem mesmo
se dando conta da carniça,

da nota de desarmonia, daquilo que só os animais farejam?

De um espelho art nouveau, no meio da tarde primaveril,
porejam sombras disformes banhadas de refulgências de azeite e pez,
veias escuras, arroxeadas, parecem querer saltar dos limites da lâmina
[do vidro
e se nutrir do que reflete, com suas línguas vorazes.
Sua moldura de onde no passado
brotavam labaredas de flores e folhas em ardente explosão de cores,
tulipas, papoulas e ramagens de densa vertigem, agora, na penumbra,
desgastadas pela ação do tempo e da pouca luz,
parecem morta paisagem depositada sobre velha madeira repintada e
[já podre.
Não há ali vida alguma, embora persista a lembrança dela,
decorrente da dor ali deixada.
O restaurante está vazio
e os últimos bafios da cozinha se dissolvem ao contato
com o ar frio da grande sala de pesadas cortinas, agora mal iluminada.
Entretanto há ainda uma panela ao fogo, em banho-maria, como que
[esquecida,
e do interior de um forno de bom aço vapores colam-se ao visor,
como a tristeza em uma retina, à espreita do momento de escapar de
[uma cruel miragem.
Ali uma carne se assa, como se o tempo
não tivesse pressa, nem pena dos que esperam famintos,
nas pobres ruas ou nas cercanias de ricos monumentos.
Ao fundo, logo abaixo do espelho, sob uma mesa de canto,
um gato se coça asperamente, com impaciência,
aguardando o próximo repasto,
ou devido ao frustrante embate com umas pulgas anafadas
transitando em seu pelo.
Mas ainda é cedo para a noite vir e a vida lá fora

sob um sol ainda intenso se agita,
em um ritual de tardes iguais, em que o parisiense que não trabalha
visita, é visitado, planeja novos passos e compromissos,
e é manejado pelas mãos invisíveis dos que retêm os fios da história.
Das bocas do metrô da place d'Italie, da porte d'Orleans, de Saint-
[Michel;
da gare d'Austerlitz ou de Saint-Lazaire;
da porte de Charenton, ou de Pantin multidões brotam
das escadarias das estações rumo às calçadas,
ou das ruas afluem para a malha de transportes públicos.
Querem ir a algum lugar, comprar ou vender alguma coisa, olhar
ou deixar-se ver por algum motivo, gastar o tempo da vida já gasta.
Refazer com seus passos a memória que se viu perdida,
esquecer com a cadência das pernas em disposição constante
o que pode ser muito triste para ser relembrado,
pois mais que nunca é necessário esquecer de algum crime, mesmo que
[pequeno.

Uma indisposição cruel, como se eu não pudesse comer tendo fome;
como se eu pudesse doar meu ânimo, não tendo a quem oferecer,
toma-me como se me abandonasse.
Um silêncio cavo e agreste me envolve, baixo os olhos
e examino a calçada irregular, como se lesse minha inconsequente
[história,
com suas ranhuras, suspensões, enclaves e rupturas.
Há todas as encruzilhadas mas não há para onde ir.
Testemunho fenômenos supranaturais ocorrendo
no fundo de um espelho art nouveau.
Jatos de óleo fervente emergem e deslizam pelo vidro estilhaçado.
Essa visão me persegue como um presságio, como uma acusação;
como se tudo estivesse instalado dentro de mim,como um desígnio,
e não do outro lado da rua, em algum lugar de Paris.

Meu compromisso moral com essas visões turvas
torna-me subitamente um facínora, com o crime gravado nas mãos,
e meu espírito uma máquina dilacerada por mutilantes desvios de
[conduta,
tendo em vista que não sou agente de mudança nem mesmo
de minha própria vontade.
Assisto a tudo sem me comover; sem tenacidade me oponho
com discreta gentileza e lassidão. Deixo-me conduzir
como quem se entrega e me rendo com quem já declinou da escolha.
Não sei mais berrar nem me ofender, apenas murmuro com presteza,
quase com elegância, e ordeno a mim que adote a complacência
como estratégia para alcançar a paz. Em seguida acomodo-me
sobre a fofa cama de nervos abúlicos de meu corpo.
Entretanto a acalmia da alma não vem, do outro lado da rua
a calçada é crestada pela luz solar, e meu instinto oscila entre a treva e
[o dia.
Não há projeto de plenitude que sobrevenha a tantas omissões.
Há apenas uma tarde transitória,
de um feriado em que não trabalho porque me ordenaram
para assim proceder; existem apenas momentos nesta hora
de ócio e despreparo, e sofro mais porque há espaço, agora,
maior para o culto da dor, em mim.
Na ponta de um pêndulo
uma lâmina afiada oscila sobre minha cabeça em monótono vaivem,
macabra ilustração do que pareço representar para ninguém.
Perscruto-me: filamentos sensíveis já esgarçados, desacordo
pleno dos sentidos e nenhuma invenção nova
para as minhas horas desocupadas, constato.
Estou à deriva, condeno minha limitada utilidade
e sinto que as ferramentas que me ensinaram a usar
jamais possam edificar uma ponte
para me transportar para mais além.
Avançam contudo as longas horas de luz,

como uma praga incontrolável que se espalha sobre o rebanho humano.
Giro ao meu redor nessa ilha, quase perdendo os sentidos,
preso a um círculo de giz.

V

Solitude et réverbère

A sirene da ambulância que transportou
Fawwaz para o hospital Sainte-Anne
há muito deixou de pedir passagem. Ele, entretanto,
escuta ainda o uivo apressado do veículo, e a mesmo tempo
sente que se encontra em meio a uma multidão de estrangeiros,
subindo com dificuldade e falta de ar uma rua íngreme;
uma rua que poderia ser, se ele soubesse seu nome,
a Cardinal Lemoine, ou a Clovis, ou a rue de Clignancourt,
ou ainda a rue Christiane, a rue Dodier, ou qualquer
outra rua em aclive de Paris, em cujas calçadas, agora,
pessoas se esparramam no fim de tarde e galgam ou descem
em variadas direções, sem se voltarem para trás.
Quando próximas umas das outras, quase tocando os ombros,
parecem condenadas em um presídio de portas abertas,
atendendo à ordem de caminhar, caminhar sempre.
Algumas se chocam por distração ou ódio, e Fawwaz
é sacudido por mãos afoitas e impiedosos braços de ferro,
e suas pernas não obedecem à ordem geral de prosseguir.
Delira de fome e de tristeza,
e as caveiras das catacumbas de Paris, tão bem organizadas
e empilhadas, por decisão de Thuny, entremeadas de tíbias,
mãos e vértebras,

umas partes vigiando as outras, para que o sonho da unidade
seja uma promessa concretizável no final dos tempos,
todo esse monte de ossos que um dia Fawwaz visitou
olha para ele desde sempre,
sem olhos para ver. Vela por Fawwaz , que sonha
com Adara estirada na relva, abraçada
a outro homem que não ele.
Ali passam crianças com chocalhos, arrastando bonecas de pano,
em meio a cedros e imensos plátanos orientais
que já ganharam sua folhagem verde e protegem os amantes do calor.
Ao lado deles, chorando, Fawwaz assiste, impotente e perdido.
Tudo ao redor demonstra uma pressa incomum para nascer
e cumprir seu desígnio. As cores vibram nas retinas,
e os alvos dentes de Adara surgem sob um sorriso revelador.
Pessoas e famílias se aproximam. Acenam para o homem
e a mulher deitados, mas ninguém se dá conta
da presença de Fawwaz, nem de suas lágrimas.
Os enfermeiros seguram seus braços e pernas,
(todo toque dói como um rasgar de ferida)
transportam-no para uma cama de banho;
lavam-no, mas não sua memória e a chaga de sua história,
cruamente intacta.
Secam-no e injetam glicose em sua veia,
auscultam seu coração, mas não localizam sua dor,
tomam sua pressão arterial, mas não descobrem
o que o mobiliza para a morte ou para a vida; sabem apenas que é
[alguém que pena:
um estrangeiro, um desterrado.
Levantam suas pálpebras e seus olhos continuam cerrados,
voltados para um pesadelo dominador.
De cada um deles emerge um monolito de pedra, envolto em sangue.
Os abutres sobrevoam sua cabeça com gorros azuis e máscaras
[hospitalares,

Adara.

Eis enfim a solidão sem que eu possa
tocar sua matéria como se fosse outro.
É entretanto uma coisa viva, indivisível.
Não posso mirá-la, esbofeteá-la, desprezá-la.
Pressinto por um segundo que o menino que chora
desde a fenda daquele espelho art nouveau
seja eu, e chora por sentir-se triste, ou só,
ou provavelmente pelo ambiente de horror
em que se encontava; sou eu como fora um dia,
mas não chora da solidão de agora.
Ela está aqui, sobre mim, opressora
e intransitiva, sem ostentação ou sinal de ruptura,
sem cacoetes, não se abala
pelos queixumes da alteridade;
sem eloquência, sem meneios,
sem negociação, sem bifurcações,
sem oscilação de caráter, sem nervos,
sem ecos, sem voz própria, apenas músculos;
sem o embate pernicioso entre a culpa implícita
e a condenação explícita.
Não posso interpelá-la, espezinhá-la, ameaçá-la.
Está dentro de mim, como está sobre mim, mas não está jamais.
Não posso atribuir a ela um valor, um peso,
não posso contemplá-la e alimentar o meu senso de piedade.
Tenho os olhos secos e sem viço, presos a um rosto ausente.
Que constatação será essa que me repulsa,
se constato que a própria repulsa me condena e aliena mais?
Não há caminhos quando não há para onde ir.
Não há caminhos quando não se sabe de onde veio.
Há o transbordamento falso, simulacro do que não é,

agora apenas a cessação completa, a suspensão inteiriça,
a carência sem pregas.
Há uma omissão plena do desejo,
mas não há contestação da vontade, posto que ausente.
O imaginado é tudo o que não posso partilhar comigo.
Nenhuma força gerativa se oferece em meu corpo.
E o sentimento dominante é o de apenas a mim destinar
o que não chegará a ser, que é o mesmo que persistir vazio.
Vacuidade dentro da vacuidade.
Uma nuvem dentro de outra,
o limbo desintegrado no limbo.
A fronteira perdida na não fronteira.
A linha desfeita na curva,
e o menino atrás do espelho, oprimido e enfermo.

Após o constrangedor almoço com Juliette,
em que não ousou entregar o presente,
e quase nada falou ou fez, além de comer e pouco
(ela tão parecida com sua filha amada),
Vassilikoff vendo nela, a todo momento, quem não era,
uma nova Yuliya e não a mulher talvez quista,
pagou a conta e se pôs a caminhar, arrastando-a,
como se a estivesse salvando de um perigo iminente,
quando na verdade queria fugir de si.
Tomou a avenue des Gobelins, cruzou a place d'Italie,
percorreu toda a extensão do boulevard de l'Hopital
e por fim sentou-se em um banco no Jardin de Plantes.
Deu-se conta de que os bancos de praça pareciam ser
o eterno ponto de retorno em sua vida.
Eram os locais em que mais se sentia isolado e perdido;
era onde nele acordava a criança que fora;
era onde consumia suas horas quando dela se desentendia;

era o lugar onde perdera o que mais queria manter.
Sou um bruto, pensou.
A mão de Juliette, arroxeada, fora finalmente liberada.
Foi quando ele percebeu que ela chorava mansamente
como se o ar faltasse
e essa falta magoasse muito.
Vassilikoff quase disse uma palavra de consolo,
quase a estreitou contra o seu peito, quase tocou em seu rosto.
Limitou-se entretanto a tocar a caixa em seu bolso, com os dedos curtos
como quem ausculta;
e a olhar fixamente para os pedriscos do passeio
que a biqueira de seu sapato de duas cores empurrava, arrastava e
[recolhia de volta,
como se eviscerasse com cautela uma lesma.
Está confuso, cometia um pecado, se pergunta, ao desejar a mulher
que com Yuliya mais se parecia no mundo?
Não tinha culpa se sempre estivera em busca da menina.
O que poderia ter encontrado que não fosse como se fosse ela,
já que queria encontrá-la mais que tudo?
Culpa tinha a vida ao colocar em seu caminho Juliette.
Não, culpa tinha ele, ao não saber cuidar de sua filha
naquele dia em Boulogne. Se tivesse lutado até a morte
(e não entregado tudo como quem se livra dos anéis dos medrosos
[dedos);
se tivesse gritado mais alto, se tivesse corrido atrás com mais vigor;
se não tivesse levado Yuliya para lugares tão ermos, talvez sofresse
menos agora, talvez a tivesse salvo, talvez ambos estivessem mortos.
Mas que diferença faria se um não estava vivo para a vida do outro?
Não bastava ter perdido a mãe de sua filha no parto, de quem herdara
tudo: algum dinheiro, propriedades, e uma menina doce?
Havia uma fartura que se tornara escassez;
uma vida que se aviltara e corrompera,
na mesma medida em que a intensa luz solar

cegava agora a sua visão e crestava a sua face, ao invés de confortá-lo e
[fortalecê-lo.
Vassilikoff cobriu o rosto com as mãos,
depois arrumou o chapéu sobre a cabeça.
Juliette ofegava brandamente. Às vezes vinha um soluço;
olhava fixamente como quem quisesse esquecer
a sombra que nascia de uma olaia
e às vezes repuxava a borda da saia,
como se tivesse frio ou receio.
Mesmo assim ele não tocou no seu rosto salgado de lágrimas.
(Pobre Juliette.)
Na verdade nem quis olhá-lo, não queria rever Yuliya triste a seu lado.
No momento em que mais teve pena de si, retirou a joia do bolso
e a entregou à noiva.
Toscamente disse: “c’est une bague”.
Não quis mais pensar que se havia precipitado.

Vendo Iekaterina sumir como uma avantesma, na escura e despovoada
[boca do metrô, àquela hora de fim de tarde
(levando a parte do dinheiro acertado no negócio),
Antoinette sentira que o tempo se suspendera e a aprisonara
em um coágulo feito de ansiedade e aflição, culpa e heroísmo.
Ao redor dela poucas pessoas passavam. Havia folhas queimadas e vento
[agitado
sobre sua cabeça, como se a própria cidade estivesse em suspensão,
aguardando algo que alimentaria o movimento perpétuo da vida.
Junto dela, Robert imóvel, esperando que ela chorasse
(ele segurava a sua mão fria).
Culpa de um lado, heroísmo de outro.
Esses conceitos se chocavam, se atritavam,
mas permaneciam estranhamente intactos,
(culpa de um lado, heroísmo de outro, quase uma volúpia insensata

em que as vontades opostas lutavam).
Lembravam em seu antagonismo
os bem urdidos passes de mágica de Robert,
em que o resultado era maior que a soma das partes;
em que o todo era estranho à natureza do que lhe dera origem:
cartas de papel transmudadas em pombos de penas e alegrias de alforria,
copos de água transformados em varal de flores de pano,
bengalas de castão de ouro convertidas em lenços coloridos amarrados;
contudo, também, anéis de brilhantes dando lugar a falsas moedas de
[latão,
entretanto tudo era real e concreto,
não eram bolhas de sabão o que o destino lhe oferecia;
tudo era tão real, tanto quanto a fantasia podia ser.
A criança prometida era outro caso. Chegará a ser querida,
e a ser amada, se traz consigo o sinal na testa da trapaça?
Como saber? O certo é que o compromisso havia sido firmado,
o sinal em dinheiro repassado e Albert, convencido.
Antoinette estava aprisionada nesse labirinto.
E, pior, sentia no peito a morte do outro filho, que não vingara.
(essa lembrança era uma cruel emulação com o presente.)
Algumas horas se passaram, como se não tivessem saído do lugar,
ou foram apenas breves instantes de gelo em suas mentes.
Que importância tinha o tempo, se a vida inteira parecia iniciar e fenecer
[naquele momento?
Robert notou que se instalara o pânico e o torpor em Antoinette.
"Não podemos mais ficar aqui", disse ele, com seus olhos de mágico
desprovidos de magia, apenas de ternura redimida.
"Vamos, vamos embora."
(Partiram dali como se em fuga.
Pelo caminho pedestre, o mágico
foi trasformando recortes de sua tristeza acumulada
em bandeiras brancas de paz,
que se fixaram em lugares visíveis, a sua passagem:

avenue des Champs Elysées,
pont Alexandre III,
avenue du Marechal Gallieni,
rue de Grenelle,
boulevard Raspail,
Jardin du Luxembourg,
rue Gay-Lussac,
rue Claude Bernard,
onde o casal por fim interrompeu a caminhada
e entrou no apartamento da avenue des Gobelins.)
No trajeto, Antoinette percebera tudo, nada de fato vendo com os olhos
[do seu espírito,
embora a luz do dia se derramasse sobre todas as cabeças e árvores,
sobre as largas calçadas, frontispícios e colunas de granito.
Ao redor dela o mundo era todavia escuro e grave,
salvo as bandeiras de Robert,
que tinham brilho e forte luz -- que por vezes fustigavam seus olhos
[congestionados.
(Ela cobria o rosto com o dorso da mão, como uma condenada,
quando na verdade ele queria que ela se sentisse uma princesa,
uma amante benquista, ou ao menos uma futura mãe feliz.)
(Uma golpista?)
Em casa, Robert auxiliou-a a tirar a capa e os sapatos,
ajudou-a a se deitar no quarto.
Aninhou a sua cabeça no travesseiro,
beijou-lhe a testa muitas vezes, com duas bocas frementes.
Antoinette ofegava, grávida do segundo filho.
Robert despiu-se de todos os paramentos de sua arte.
Libertas, borboletas em bicicletas
se exercitaram um tanto, sobre uma mesinha,
antes de se esconderem em seus bastos cabelos.

Pierre Ruisseau ressonava em plena rua, causando cócegas
no belo e quente pescoço de maman,
quando repentinamente fora agitado por ela,
que sempre muito nervosa, ao dar-se conta
de que um vento frio impróprio voltara,
decidiu que tinha o dever de proteger os brônquios
e o peito delicado de seu filho,
com um pulôver e um cachecol, para evitar que se resfriasse.
Maman tendo tudo isso considerado,
empreendeu todos os seus esforços para enfiar a roupa de lã
pescoço abaixo de seu filho, sempre lastimando muito
a inapetência do pai para essas tarefas litigiosas.
(Ele a observava com as mãos nas costas,
como se aguardasse que o destino o chamasse
para um desdobramento imediato mais vitorioso e emblemático.
Tinha entretanto sob a mira do olhar, no mundo real,
um par de pernas que perto dele passara.)
Com as sacudidelas aplicadas por ela, Pierre
fora arrancado do passeio que dava
sobre o lombo de um elefante em uma pradaria africana cheia de cáctus
[muito espinhentos mas ainda assim floridos;
acima da cabeça do infante, sempre na esfera do sonho,
nuvens baixas passavam, apressadas, carregando esquilos e cobras
e uma bicharada da mais variada ordem, para perplexidade do sonhador.
Acordou antes que o pulover
tivesse passado inteiramente por sua cabeça, e o susto não foi pequeno.
“Maman, maman!”, gritou ele, logo que foi arrancado do passeio onírico
e atirado no pior dos mundos: o da tirania familiar. “Tenho calor.”
Pierre lutou para se desvencilhar dos braços que os seus agarravam,
mas acabou dominado, vestido e sucumbido. Chorou, fungou muito
e pensou que se fosse um gavião, com garras afiadas,
se defenderia melhor dos inimigos.
Pensou também o que faria se fosse um leão.

(Ficou enjoado.)
Ao lado de sua família, bandos da milícia, ainda fardada,
Passavam, buscando a dispersão mais inconsequente
pelas ruas do bairro.
Com ódio represado, Pierre seguiu a passeio pela Mouffetard,
sempre ladeira a baixo até o boulevard du Port-Royal.
No meio do caminho, Pierre foi deposto nos braços de papa.
A bela maman, depois que dele se libertou,
deslizou as mãos pelo tailleur de seda,
e sentiu o frescor da liberdade. Desamassou as abas da gola,
com as pontas dos dedos de unhas bem tratadas e pintadas,
esticou a ponta do casaquinho, bateu com as mãos abertas
ao redor das ancas e depois sobre as generosas coxas.
Por fim tocou os cabelos de leve, como se quisesse
certificar-se de que cada fio e cada mecha estavam onde deveriam estar.
Depusera, enfim, o cetro de mãe e recuperara o de mulher.
Papai ao contato físico com o herdeiro ficou teso, e se apresentou
mais rebarbativo, minaz e intransigente do que de costume.
Estufou a musculatura peitoral, ergueu o queixo e encolheu a barriga,
buscando equilibrar o balanço dos cotovelos e seus respectivos ângulos.
Com esse comportamento entre condescendente e relutante
acolheu o filho como se em seus braços depusessem um embrulho
cuja guarda agora dependia exclusivamente dele.
Empertigado e ligeiro, avançou pelo boulevard, como um estafeta em
[serviço.
A mãe o seguia preocupada em não perder a recém-recuperada elegância
[feminina
e por isso olhava bem o chão à frente, para não prender o salto alto em
[algum buraco.
Seu filho, contudo, sofria com os solavancos do transporte;
Pierre se debatia e transpirava porque alguma coisa nele entendia
que tudo era um castigo, mas não podia compreender que mesmo sendo
um sofrimento real, não cabia a ele nenhuma culpa.

Pois não sabia o que era a dor imposta, o castigo injustificado.
Se pudesse ser eloquente, talvez gritasse: “que fiz eu,
que castigo mereço, que culpa tenho?”
Entretanto essas coisas não estavam assim postas e arrumadas em sua
[cabeça;
ele apenas podia mostrar que queria arrancar o pulôver a qualquer custo,
pois sentia que estava quente, e que suas fraldas estavam pesadas,
o que sempre acontecia quando chorava ou esperneava.

(É sempre preciso enunciar o que a mente não soube esquecer,
mesmos os rostos de caráter deplorável, os gestos ofensivos
dos que ferem sem razão, pois sem a honra a preservar
caminham mais celeremente, posto que mais leves,
de tal modo que com esse artifício pressentem equivocadamente
que estão escapando de si mesmos, quando de fato apenas se iludem.
Sempre será nas gavetas recuadas do cérebro
que a barafunda desorientante de experiências ganhará seu lugar,
quer como lembranças, vagas recordações,
impressões, mesmo que confusas,
tudo enfim armazenado de um modo mais intrigante
e reconfortador do que qualquer fotografia comprada.)
O gato que circula ao redor do espelho art nouveau
procura ajustar sua visão à luminosidade que lambe as cortinas
e se esquiva pelas frinchas.
Meneia a cabeça pequena, para de se movimentar,
coça seu focinho com uma das patas, como se fosse um cachorro,
procura ouvir os ruídos ao redor, reconhecer sua origem e gravidade;
comparar o que colhe agora com o que colheu outrora,
a seu modo armazenando, compilando, para sua maior segurança e
[entendimento.
Em seguida, desvia-se do espelho e evita olhá-lo,
talvez porque de alguma maneira percebeu

que seria uma experiência devastadora e inexplicável.
Circula pelo salão do restaurante,
ora deixando-se colher pela luz,
ora entregando-se às sombras.
Escolha difícil, mesmo para os humanos.
Junto ao pé central de uma mesa de canto,
sobre a qual dormem garrafas de vinho e moedores de pimenta,
o gato encerra por instantes sua movimentação.
Deita-se ali, como se regozijasse de algum êxito,
e fecha os olhos como se dormisse.
Não se poderia afirmar que pensa,
ou que meramente reage a seu instinto de sobrevivência.
Entretanto as pulgas, sempre muito operosas,
trabalham, trabalham e, presume-se, fornicam e bebem seu sangue,
sem que isso o incomode agora.
Ao largo desse mundo feito de lances miúdos
e aparentemente desligada do resto, a primavera
exercita-se, ilude, convoca, gera calor, frio, umidade, cores;
quer certamente afirmar que toda a natureza
é igual sempre e sempre muito diversa,
daí as folhas verdes impressionadas com as pétalas amarelas, da nova
[flor em seu ser brotada;
a terra fofa e desocupada espantada com o musgo da rocha;
e a vegetação sem nome e sem testemunhas crescendo
lentamente sobre a pedra, em busca de sua materialização improvável.

O patron lhe oferece um cigarro,
Nikolai agradece e o acende.
A fumaça escapa de sua boca e disforme se dissipa.
Nunca fumou em Cáchin,
Nas estepes tocou em seu primeiro cigarro.
Alina preferia que ele não fumasse. Fazia-lhe mal.

Nikolai olha a praça, sempre ou quase sempre vazia,
Fixa sua atenção no banco em que dormiu,
antecipadamente sofre por ele e pelos russos pobres,
lamuria-se ao pensar que terá que voltar a ele ainda naquele dia.
Enquanto isso o dono do restaurante confraterniza
com o gerente do hotel. Conversam, gesticulam, apontam
para Nikolai, tocam-se nos ombros, sorriem
como parte de uma irmandade, e olham outra vez para ele.
"Tem um olhar de alguém que alimenta a raiva", disse um,
"Mas há uma obstinação regrada, um convicção quase religiosa",
[disse o outro.
"Contudo, obedece sem pestanejar, parece disposto e concentrado."
"Entretanto, olha tudo como se desejasse destruir, mas ao invés, zela.
O dono do restaurante acentua mais o que percebeu e acrescenta:
"é muito cuidadoso e é discreto, não teme o trabalho, só precisa de um
[banho e de uma toalha".
"Dou-lhe roupas de trabalho, lava-se no hotel, tudo combinado?
"Tudo. Temos o homem na trela."
"Não exagere, quero mais ajudar do que tirar, estou velho,
na hora de um pouco devolver ao mundo o que dele tirei sem perguntar
[se podia."
O russo vai agora ajudar na limpeza das retretas,
Tirar o pó e o lixo dos andares,
limpar com aspirador os quartos vazios, lavar os banheiros.
"É quase furtivo, que é o serviçal que os hotéis mais precisam;
não quero insinuar que pode roubar, longe disso",
disse o patron do Henri IV. "Ademais, nem o conheço", acrescentou,
como se lavasse as mãos.
"E ainda é rápido, não se detém a fingir que faz, não esmorece,
embora pareça amargurado, como se viesse de um mundo em ruínas",
disse o outro.
E pensou mais: "talvez por causa disso pareça sempre conjeturar algo que está longe, embora perto." O outro aduziu:

“ficamos assim, levo-o agora, para conhecê-lo e experimentar.”
“Devolva-o logo depois das sete, quero-o ajudando na cozinha,
uma hora ou duas, mais, creio eu, e dou a ele um lanche reforçado
antes de se ir ter consigo, no hotel.”
Dele aproximaram-se amistosos.
Contaram-lhe resumidamente o plano: uma jornada dividida entre dois
[patrões,
Nikolai deu um passo atrás. Precisava pensar antes que tudo avance.

No colo do velho e bom Assad, depois de lavados e trocados,
Eis Jamil e Gomil, roeados por objetos dourados em profusão,
tapetes coloridos da mais nobre espécie,
Mulheres vestidas como se despidas estivessem
com pulseiras, colares e brincos, todos em seus lugares certos,
pois a fortuna é uma festa, mesmo na mais resguardada intimidade,
e é preciso que seja contemplada, invejada e apreciada sem moderação.
Jamil e Gomil são transferidos, juntos ou separados, de colo em colo,
de um cômodo a outro, e em todos há sempre alguém
para mordiscá-los, apertá-los, cheirá-los, medi-los
(haja vista que por breves instantes em suas curtas vidas
estão limpos e cheirosos, como se tivessem saídos de uma loja
cujo estoque de bebês é sempre renovado a cada hora).
Na cozinha, por exemplo, se pensar em voz alta fosse permitido,
as cozinheiras diriam,”que lindos porquinhos para assar com peras,
depois de bem temperados e regados com vinho de boa cepa.”
Por fim o generoso Assad toma-os por instantes para si,
leva-os nos braços à janela da grande sala, que dá para a longa e
[extenuante rue Lecourbe.
Com as suas finas pernas empurra as cortinas pesadas
feitas de finos brocados,
com camelos, cervos, cabras e bom pasto verdejante sob um sol dourado,
e se debruça com eles no parapeito das janelas entreabertas.

Não basta partilhá-los, é preciso exibi-los
aos que passam na calçada ímpar; a outros que não são pais.
Nesse instante, eufórico, Assad cantarola e baba,
e esfrega sua barba nos rostos de Jamil e Gomil, que se irritam e também
[berram.
O bom homem, muito performático e malabar, procura ajustar seu tom
[de voz ao dos sobrinhos,
e o que poderia até ter o poder de ninar, agora só faz padecer.
Assad, Jamil e Gomil não se entendem, e o rico sibarita desiste,
volta-se para o interior da sala e chama seus pais.
O velho esmorece, parece cansado, olhares discretos deploram seus
[excessos;
os meninos birrentos são arrancados da sala. É hora de descansarem
desse longo dia, decidem seus pais e os levam para um quarto.
Deitados, Jamil e Gomil se enfrentam, sem se enfrentarem,
sob um acolchoado macio, que os cobre até o pescoço,
seus olhos azeitonados pesam de sono,
mas ainda assim eles os mantêm abertos, olham-se caninamente,
como se disputassem um osso.
Vivem um constante espanto, que é sempre grave,
toda vez que a sós se reencontram face a face.
Parece que haverá sempre em seus espíritos parecidos
uma dor traumática e solene.
São como feras saídas de um poço envenenado,
cuja tampa vez por outra é aberta por um incauto.
Jamil mira Gomil, e na penumbra se olham com olhos de dormir,
através da película do líquido lacrimal, nem sempre cristalina.
Embora noite no quarto, negrume quase total, não fosse por uma luz
[na cabeceira,
para Gomil e Jamil é sempre pleno dia,
e, em sendo assim, propício, para se desentenderem mais.

Existem sempre os farejadores da morte.
Exultam quando um inesperado cadáver aparece a seu lado.
Mas esse não é o caso.
Martin é tocado, apalpado, e mãos curiosas e inábeis
tocam em seu pulso, em seu peito, em suas narinas. Contudo
[está vivo.
"Ele respira, ainda", descobrem e a sua volta olham,
em busca de um guarda, de mais testemunhas.
"Só pode estar desmaiado."
"Talvez embriagado, afinal é dia de festa", diz o outro.
"Bebeu, talvez por causa de uma dor recôndita mal curada", diz um
[terceiro.
Ou devido a ideias desarranjadas. Elas são a causa de quase tudo.
O mundo subconsciente de Martin agora está sendo visitado
por facas, lutas, praias banhadas de sangue, relógios parados,
maquinações confusas, céleres fugas, e um guichê de banco,
com longa fila imóvel, na penumbra;
e em algum lugar de sua mente a sua voz pronuncia o nome de Jozy.
"Vou vender o carro, vamos fugir", diz Martin
com a voz muito fraca e apagada, desde o fundo de seu delírio,
entretanto a voz não escapa do poço.
De novo Martin se esforça para declarar sua vontade.
"Vou vender o carro, Jozy, me perdoe, temos que fazer isso."
"Ouviram? O homem falou, não pode estar tão mal."
"Não quer dizer nada. Alguns falam uma última e boa frase, para
[registro terminal,
e depois se vão para o buraco."
"Sim, é verdade: quanto maior o crime, melhor a frase de adeus, como
[nos filmes."
"Não sei, ele parece ateu, muito apego à vida, muito amor à morte."
"Quer todos nós no inferno."
"Sim, pode ser, quando se é muito mau, o fogo que arde é consolo."
"Vou sacar do pote de chá, vender o relógio, porte de Clignancourt,

o supervisor vai receber o dele, vai, sim, après tout, adieu.”
“Ele voltou a falar, parece mal de finanças.”
“Talvez engendre um furto, é um sujeito muito ruim.
Melhor chamarmos a polícia. Ali passa um flic.”
“Nada fiz, só bebi um pouco. Flic, não.”
Martin mexe-se e procura sem sucesso mover os braços.
“Viram, ele está entendendo tudo. De repente ele melhora
e nos ataca. E se tiver armado?”
“Se ele tem medo da polícia, é porque tem culpa, logo vi.”
“Bem, senhores, eu vou seguindo o meu caminho.
Não quero me tornar testemunha de nada. Adeus.”
“Nem eu, espere que vamos juntos. Tenho mais o que fazer,
e a vida não é fácil para quem se esforça para não errar.
Para que lado o senhor vai?”
“Vou para a République, et vous?”
“Justamente para o lado oposto, bonne chance.”
“E o senhor, que pouco falou?”
“Eu sou daqui, não vou a lugar algum,
mas assim mesmo sigo por ali, ao longo do cais.”

Há uma silenciosa batalha entre a sombra e a luz
no retábulo do espelho art nouveau daquele restaurante quase vazio.
Ambas provocam a sensação de que as manchas encardidas
do vidro querem aflorar e romper a camada de cristal.
Cambiantes, luz e sombra provocam o surgimento
daquelas deformidades que só o tempo vivido é capaz
de fazer aflorar. É sua história íntima, cheia de camadas sobrepostas
[mas jamais reveladas.
Oferece à curiosidade do mundo apenas indícios vagos.
Por vezes tem-se a impressão de que o espelho não resistirá e se
[partirá de exaustão,
e dor,

mas ele está ali, rodeado pelas tulipas,
pelos copos-de-leite,
pelas petúnias,
pelas ramagens de verde estiolado, enroscadas,
entremeadas de papoulas sem viço, girassóis robustos,
tudo enovelado, emaranhado
no torpor eterno de uma luta imóvel pelo espaço
(moldura morta ao redor do espelho),
transbordando do retábulo,
e por vezes se refletindo no vidro, em eterno enfrentamento, de si
[mesmos.
São como inimigos hostilizando com os olhos
de seu oponente mais íntimo, na guerra prisca ilustrada de um livro.
Nesse instante uma grande mancha arroxeada e castanha
recebe um jato súbito de luz, de fora,
contudo seu olhar macabro de catarata não brilha.
O escudo da noite se defende contra as arremetidas da espada de luz.
Avulta-se lentamente, e o dia luta para não ceder terreno para a noite,
que recua, e seu escudo treme e queima ao contato com a chama da vida.
Agora, no restaurante quase vazio,
um ouvido atento registraria a presença
de um gato se coçando sem pressa, entre a vigília e o sono,
e o som de uma panela em ebulição, proveniente da cozinha.
Hoje, não haverá jantar, não haverá serviço.
Alguém íntimo aniversaria. Fermé, uma placa avisa.
Entretanto a água ferve e numa caçarola imensa
os pés de porco se cozinham brandamente;
e de um forno, em baixa temperatura, assam-se gigots
e se preparam o confit, como quem cozinha com o calor das mãos.
Uma porta ao fundo se abre e alguém entra
apressado, com um avental branco ao redor da cintura vasta.
A luz mortiça colhe seu rosto recamado de uma eterna gordura
[de cozinha,

os cabelos desalinhados como os de quem há pouco dormia.
Na sala o gato se apruma, seus pelos se eriçam.
Presença humana à vista.

VI

Jusqu’à la nuit angoissante

Serão eles os irmãos do homem que levou Adara para sempre?
Serão os ceifadores de trigo que chegaram
para retirar do campo o ouro que nasce no solo escuro?
Será o povo da aldeia que o rodeia astutamente,
repleto de escárnio para se divertir
à custa de Fawwaz, o homem só, sem Adara?
Serão seus irmãos mortos na fronteira, redivivos,
que se aproximam indolentes com as vestes ensaguentadas?
O que querem eles nessa margem, onde há vida,
se atravessaram para o lado oposto, em que nada mora ou respira?
Não basta fazerem-no sofrer todos os dias?
(Fome que se mistura ao rancor, ao sentimento de afronta.)
Estarão expulsando Fawwaz do jardim em que mora, flor decepada,
para embarcar para longe? Para se afogar no Cáspio naquela hora?
Esferas de aço azuladas navegam no horizonte
de seus olhos fechados, delas brotam vozes ásperas,
ouve o nome de Adara.
Outras bolas brancas se agitavam mais ao alto,
como luzes nervosas brandidas por um fanático.
Conheceu-a no caminho entre Hashtpar e Astara,
embora fosse quase sua vizinha de aldeia.
Viagem pedestre costeando o mar salgado,

Fawwaz ia encomendado para um novo serviço.
Adara apenas passeava, alegre e sem compromisso.
Ia em visita de família, muitos primos e tios.
Se conheceram em uma paragem onde um poço havia.
(Parecia a Fawwaz que eram eles,
os tais parentes dela, agora, que o atacavam e prendiam,
amarravam e espicaçavam.)
Deitara-se com ela em um celeiro perfumado de feno, um aconchego;
esquilos corriam pelo madeiramento. Seus dedos eram enguias
arrastando-se pela pele encrespada da nova mulher conhecida.
Suados ambos, almejavam mesclar seu sangue
debaixo de uma mesma manta. Pedra e musgo, espinho e pétala.
Os lábios de ambos se perdiam em meandros ofegantes,
que sugavam. Adara, contudo, era uma ostra fechada.
Era a mesma, de sempre, quando se separaram.
Quem o esbofeava agora sem motivo?
Quem o incriminava por algum malsucedido?
Ele precisava respirar, queriam impedi-lo;
Precisava fugir, retinham-no.
Quem lhe roubava a última palavra?
Um homem alto entre todos abriu espaço,
com uma armadura branca,
aproximou-se de seu leito.
“Como se chama? Pode me ouvir?
Sente alguma dor?”
Segura brandamente em seu pulso e avisa:
“Vamos trazê-lo de volta, antes que seja tarde!”
Fawwaz afasta de perto de si o destino de Adara,
ele ainda a quer, seria capaz de perdoá-la
por reter seu impulso no celeiro,
e depois traí-lo com outro meses depois?
Não sabia, mas não a queria plenamente,
pois queria agora tudo muito menos do que antes.

Não adiantava exigir mais, a vida era avara.

Ponho-me a andar novamente pela rua,
Perco-me fora de mim tanto quanto em mim me perdi.
Caminho pelas ruelas do Quartier Latin,
Pejadas de vozes e de cantoria estrangeira.
Rue des 3 Portes,
rue Galande,
rue des Grands Augustins,
que importa?
Rue Hautefeuille,
rue Maître Albert,
place du Petit Pont,
E eu com isso?
De repente estou defronte ao rio,
sobre a ponte Saint Louis,
e caminho sem direção definida, repleto de alternadas indefinições,
como se procurasse algo muito importante, jamais encontrado.
Para onde vou no restante das horas
em que ficarei acordado antes do sono chegar?
Caminho apenas.
Temo que seja um caminhar em círculos,
como o pensar obsessivo que volta sempre
ao ponto de início.
Incansável dele se afasta para voltar mais rápido.
Sigo ao redor da Île de Saint Louis,
percorro o cais d'Orléans na direção do cais de Bourbon.
Continuo até o cais d'Anjou, prossigo pela ponte de Sully
até o cais de Béthune, adiante reaparece o cais d'Orléans
e tudo se repete e na repetição compulsória
sinto-me mais indefeso e sem rumo.
No estado de torpor em meio ao ócio súbito

descubro-me menor, atrofiado e incompleto.
Inadequado para tudo isso.
Como se um cansaço desatinado desorientasse
meu raso instinto de sobrevivência e eu o alimentasse
com o que resta de minhas energias.
Já mal vejo o que está adiante dos meus olhos.
Dissipei-me na caminhada circular
e não parece haver meios de fugir do circulo de giz
desenhado no chão e plasmado na minha bússola íntima.
Sei que pessoas passam gregárias, agitadas
e sua presença intensifica a voracidade de meu degredo.
Ecce homo, ignoremos sua presença anômala,
palavras nunca ditas que gritam em meus ouvidos.
Uma horda disparatada cerca-me,
resvala em meus ombros e braços;
vestidos roçam meus joelhos, mutiplicidade de cheiros;
jovens passam com latas de cerveja, bolsas de pano a tiracolo
e narizes com argolas;
pescoços e braços tatuados e um intenso cheiro de marijuana
escapando de seus pulmões cansados.
Desvio-me de crianças distraídas, de brinquedos,
de vendedores de chapéus, luvas e souvenirs.
Encosto-me sem ar junto a um muro alto,
quero interromper o curso, desviar-me de meu descaminho,
entretanto as pedras repelem-me,ordenam-me que prossiga.
Cais d'Orléans, cais de Bourbon, cais d'Anjou, pont de Sully, cais de [Béthune,
cais d'Orléans.

A noite enregelava os dedos de Juliette,
agora ostentando um compromisso de noivado.
De braços dados caminha com Vassilikoff

por uma calçada.
Sentia-se ele desaprumado e surpreso,
e pensou em levá-la para casa.
Pensou igualmente em estreitá-la nos braços, reter seu passo;
ainda assim seguiam pela calçada, boulevard Saint-Germain,
rue Saint Jacques, rue Soufflot depois o Panthéon,
mergulhado agora nas sombras estáticas da noite,
mais que nunca um imenso túmulo plantado com uma pompa já
[esquecida.
Em seguida seguiriam até a rue Berthollet,
em que Juliette alugava um quarto.
Vassilikoff está cansado,
e a juventude de Juliette, arrependida ou temerosa
da decisão por ela tomada. Merecia ela controlar sua ansiedade,
ainda que bela e palpitante? Não era ele um velho?
Um glutão irrecuperável e recalcitrante,
que tudo abocanhava como um pato?
Um tipo cheio de manias intragáveis
e vícios que o gosto desmedido só aumentara?
Na boca do homem, as sílabas do nome de Yulyia
arrastavam-se desacorçoadas, almejando alinharem-se
como um sentença apregoada, como uma legenda errada
sob a foto de outra.
A quem de fato amava?
A última imagem da filha desaparecida no bois de Boulogne
sobrepunha-se àquela de Juliette naquele momento.
Sentia que traíra a memória da filha e sabotara o futuro da amiga.
Era ele um grande engano, quase um criminoso, um facínora.
‘Perdoe-me’, pensou em dizer e prometeu que o faria
quando chegassem à próxima esquina.
Não o fez, suspirou fundo, e teve vontade de comer um prato avantajado
[de massa,
precedido de umas berinjelas gratinadas,

e de uma salada verde de agrião,
acompanhadas por muitas taças
de um Barolo ou, melhor ainda, de um Montepulciano de bom ano.
‘Perdoe-me’, outra vez ameaçou dizer,
ao mesmo tempo em que no íntimo deplorava
seu comportamento frívolo.
(O que fazer? Era assim, malgré tout. Difícil seria mudar.)
Vassilikoff habitava o reino das coisas passageiras,
que agradam aos sentidos imediatos, não sabia pensar.
Por isso manteve-se em constrangido silêncio.
Entretanto a noiva não se conteve.
“Devo dizer-lhe uma coisa”, pronunciou-se enfim Juliette, retendo o
[passo.
“Não posso ficar com o anel, por favor compreenda.”
“Quer outra joia no lugar?” perguntou Vassilikoff,
já com o colarinho empapado.
“Não, basta que me deixe para sempre, já é o suficiente.”

Deitada em sua fofa cama de casal,
Antoinette de Bonneheure mergulhava em pesadelos,
nos quais sentia o seu corpo crescer,
à medida que o bebê prometido para adoção
forçava seu caminho até seu útero.
Era uma penetração quase lúbrica,
e ao mesmo tempo uma redenção de seu espírito materno.
Por isso ela ria e chorava, rasgando-se de dor e prazer.
Em dado momento o que parecia um embate entre os dois arrefecia.
Com as mãos espalmadas sobre a barriga já imensa,
Antoinette procurava acalmar seu visitante.
Delicadamente, mas com firmeza,
massageou seu ventre de mãe desejosa,
até que o bebê tailandês, gordo e já dentuço, assim acalentado,

acabou dormindo de exaustão,
estirado sobre suas carnes secas.
Antoinette tinha, no sonho que parecia encomendado, o poder de ver
[tudo.
Assim, via dentro dela o filho e a ela se via
(agora ele morde seu próprio dedo polegar, agora ele se vira,
agora ele coça o nariz, balbucia algo e seus lábios tremem de frio,
[muito azulados,
agora o âmnio envolve o filho que mergulha no líquido da vida
e nela se salva).
Com que nome o chamaria, aquele produto do dinheiro,
fruto do desatino?
Robert nada pressentira, contudo.
Como sempre, dormia, levitando alguns centímetros
acima do colchão de molas, por precaução
(uma persistente dor lombar sempre o incomodava,
desde que erguera com o polegar dois elefantes brancos).
Sua mente, que pouco pesava, porém, voara até a ponte de
[L'Archevêché,
nos costados da Notre Dame e lá abrira mais de 8 mil cadeados
que casais enamorados deixaram em seu aramado, por longos anos,
como prova do compromisso de amor.
(Como é mais fácil o amor de aço e níquel do que aquele plantado nos
[mares de sargaços?)
O estrondo da queda
dos artefatos sobre o piso da ponte assustou pombos pousados
e casais a passeio, que por ali vagavam;
uma espuma cinzenta aflorou das águas do Sena com o impacto,
formando súbita marola esverdeada.

Quando o táxi que levava Pierre Ruisseau e seus pais
percorria o longo boulevard de Sebastopol, na direção de Pigalle,

o pequeno ressonava, depois de experimentar imensa amargura, muito
[justificada,
não bastasse o fato de ter sido tão cruelmente arrastado e empurrado
por aqueles que nunca pareceram seus amigos.
No apartamento da rue de Navarin, Pierre foi desvestido com aspereza,
sua fralda descartável arrancada, mergulhado em água quente,
ensaboado e secado, enquanto, já acordado, pedia socorro e compaixão.
Ao ser deposto em seu berço, já passava das dez,
ele estava com fome, mas tinha medo de declará-la abertamente,
por isso chupava o dedo que lembrava o bico do seio,
ou algo mais abstrato, que não tinha e nunca vira em casa.
Talvez uma carícia sem pressa, uma voz que acalenta,
chamando-o pelo nome, macia como uma chupeta.
Seu quarto era o menor, e nele sempre se via
rodeado de coisas que como ele não pareciam ter serventia.
Eram móveis abandonados, aparelhos elétricos quebrados,
Discos e livros empilhados, roupas aos montes, transbordando de sacos,
nenhum brinquedo ou chocalho,
e pilhas de coisas velhas disparatadas, almofadas puídas, travesseiros
manchados, revistas e jornais relidos, como se fossem todas aquelas
[coisas antigas
proprietárias do espaço, mas que contudo não eram para ele destinadas,
ou prometidas. Não estavam ali para servi-lo.
Era ele que estava no lugar errado.
Se discernisse bem, como um menino grande, dar-se-ia conta
de que vestia roupas que nunca eram passadas a ferro, e sempre mal
[lavadas,
como se não merecesse mais que as sobras, os retalhos, as rebarbas,
um passado que não era seu.
Ficavam seus pertences sobre uma bancada a um canto,
sempre como se tivessem sido tirados à pressa de uma mala de viagem.
Entretanto Pierre Ruisseau era um pouco mais que um bebê,
mas bem menos que um menino.

Por causa de sua condição,
o mundo dos sentidos prevalecia sempre como o único possível.
Toda a realidade concreta e interpretável não era, portanto,
mais que um eco desse mundo primordial, sem astúcia,
mas que mesmo assim captura
(porque é capaz)
certo rebrilho dos cristais,
pois mesmo sem nada saber ao certo, é como se tudo adivinhasse com
[medo.
Assim, Pierre, no meio daquela noite, sem que ninguém o ferisse
[frontalmente,
ou o incomodasse,
chorou como se seu espírito já pudesse iluminar a verdade.

No restaurante fechado, o homem de avental destampa panelas,
examina o frescor dos legumes e das folhas da futura salada,
refaz mentalmente o menu do dia seguinte.
Abre o forno, como se esperasse alguma revelação inesperada,
Mas não há surpresas, ele é o mestre do tempo e das finas
[coisas comestíveis.
Revolve os temperos e rega as boas carnes com osso,
que sempre começam assando-se na véspera.
Tira da geladeira as tripas de Caen, para prosseguir seu cozimento,
desarrolha uma garrafa de Bourgogne e serve um copo.
No degrau da adega, junto à soleira da porta, se senta, acende um cigarro
[e relê uma carta
de seu pai, da província: ‘mère passe pas bien, chien Bartholomé est
[mort,
grand-mère est très malade aussi. Elle voudrais t’envoyer un nougat,
justement à toi, tu vois, es-ce que tu peux imaginer, la folle?’
Na salle à manger vazia, não se vê mais o espelho art nouveau.
Apenas um par de olhos felinos misteriosamente brilha,

alimentado por anseios e pavor.
Cruzando a cidade como uma veia rasgada,
O rio Sena passa por baixo de pontes e abismos.
Contudo não há paixão em suas águas, posto que não serve
a ninguém e a todos despreza.
Não há comichão em suas águas, só o lodo e uma memória coletiva
[desfeita.
Os que atravessam suas pontes
querem apenas passar para a outra margem.
Quem o contempla, só olha para dentro de si.
(Como o rio lapida as pedras afogadas em seu fundo?
O quê nele sofre, quando se despede de alguma amurada?
O quê nele reconhece quando disforme uma voz se perde
em suas beiradas, antes de sucumbir ao abismo,
ou um corpo cansado nele mergulha em soluços finais?)
O marulhar do Sena é riso sem estardalhaço,
quase um motejo perdido na escuma que febril se agita
quando uma barcaça passa.
Todos querem algo para além dele.
O rio quer sem querer, ou com um querer não manifesto.
Deseja ir, desprender-se do que fica.
A friagem noturna aflora da pele de suas águas,
instala-se sobre seu ventre e os seus vapores adensam-se
quando não há chuva.
À noite, todos olham com mais tristeza para o rio,
como se contemplassem uma irremediável despedida sem fim.
Nessas horas, uma grande perda se anuncia na frialdade de suas águas;
e sob as luzes que banham pontes
rostos humilhados de tristeza e solidão passam, consternados,
[pusilânimes.
(A vida estremece trôpega sobre frágeis andaimes.)

Nikolai olha para fora do hotel, através da janela de um dos quartos,
e se surpreende com a chegada silenciosa da noite.
A cidade arde em luzes de protesto e demonstração ostensiva de poder,
mas a noite ali, como um manto de um tom sempre turquesa, se instala,
cobrindo o topo dos prédios e a cabeça das pessoas,
as árvores, as barcaças e as igrejas.
Esse fenômeno extraordinário acontece irremediavelmente todos os
[dias,
e o sentido das coisas da noite prevalece
sobre tudo aquilo que artificialmente busca negá-lo.
De onde se encontra, Nikolai examina a praça em que há algumas horas
temia morrer de fome e de tristeza;
perscruta-a através do retábulo de vidro da janela,
considera a sua íntegra verticalidade como um sinal negativo da cultura
[francesa,
que acaba sempre matando o que submete a seu aperfeiçoamento,
pois no fundo parece ser vigorosamente hostil a tudo o que integra.
Por que buscara viver ali? Estaria em busca
de uma outra forma distinta de sofrer humilhações?
Nikolai lembra-se das tulipas das estepes do Ishim:
eretas, como aquelas árvores da praça, livres e vertiginosas
como uma febre de verão,
naturalmente organizadas e idênticas
(e aquela praça era tão enfaticamente organizada),
como se a sua existência apenas pudesse se cumprir coletivamente.
Pareciam destinadas a sair em marcha, firmes como uma tropa de ataque,
sempre aglomeradas, mas ao mesmo tempo dispersas pelas campinas,
formando conjuntos vermelhos e amarelos, apoiadas em suas longas
[hastes,
que surgiam nos campos e descampados como uma homenagem à vida.
Entretanto sempre impecavelmente eretas, como se tivessem sido
[predestinadas
a representar um papel especial na natureza.

Quando caminhava ao lado de Alina, na primavera, longe das vilas,
via-a colher duas ou três, respeitosamente,
e ela só o fazia quando se sentia feliz e plena.
Seu peito arfava como se ela fosse chorar, ou revelar um segredo penoso,
contudo ela apenas as abraçava com cuidado e as levava junto ao corpo,
[em silêncio devoto.
Que integridade planejada poderiam aquelas flores trazer para a sua
[vida camponesa?
Nikolai se sente cansado e a noite parece aumentar seu sofrimento.
O pequeno auxílio, mero unguento, que recebeu naquele dia,
em troca de algum trabalho com combinada destreza,
acabava por gerar nele um sentimento maior de medo e impotência,
de modo que o que nele doía antes, agora doía mais ainda,
como se já sangrasse;
como se ele tivesse tocado o território metafísico,
em que os modestos prazeres podiam finalmente existir,
mas que se encontravam, na verdade, perigosamente
mais próximos da plenitude do sofrimento, que de sua eventual
[reparação.
Nikolai procura afastar esses pensamentos nebulosos,
recolhe panos e vassouras, fecha cômodos, reúne chaves,
apaga luzes, reorienta-se para prosseguir
tateando os degraus da escura escada, até a recepção do hotel.
Terminara o último quarto, o derradeiro vaso sanitário.
Tudo, tudo estava limpo, higênico e adequado, para o próximo hóspede.
Todos os cômodos foram varridos, limpos e arrumados sob a orientação
[atenta do patron.
Nikolai executou sua tarefa em silêncio, de maneira sistemática,
perseverante, obstinada e detalhista,
como um bom escravo moderno faria.
Ao depor o molho de chaves na mesa do gerente,
e os petrechos no chão e junto ao balcão, ouviu a proposta:
“On vous offre maintenant un bon repas au restaurant,

et un lit, chez nous, pour bien reposer.
Si vous voulez, demain on peut tout recomencer. Merci bien, monsieur.”

Quando os acompanhantes de Jamil e Gomil decidiram ir embora,
Assad manifestou ligeiro pesar, porém experimentou súbita alegria
[interior,
irrevelada com denodado esforço e salamaleques apropriados.
A troupe não teve qualquer sucesso na tentativa de acordar as crianças.
Os pais manifestos, entre prazerosos arrotos, depois de ingerir
de tudo o que lhes foi ofertado da farta mesa de Assad,
embrulham-nas apressadamente em seus casaquinhos e mantilhas,
extraídas de bolsas de couro de cabra, logo enfiando coloridos gorrinhos
nas cabeças de seus filhos. Azulzinho é o de Jamil, rosinha o de Gomil.
Em seguida, a família em caravana despediu-se do anfitrião fatigado,
ganhando a rua, apressada, como se saísse de um baile.
Duas quadras apenas separavam o apartamento de Assad,
daquele em que Jamil e Gomil viviam.
Carregavam sobre os ombros, sem desvelo ou cerimônia,
o futuro do clã, que estremunhava e se contorcia no caminho de volta:
retorno pela Lecourbe, depois, à direita na rue Paul Barruel, até o
[Pasteur.
Bastaria vencer algumas dezenas de metros
para chegarem ao saguão do prédio da Vaugirard, em que moravam.
Fazia uma noite fresca, mesmo úmida, como a pele de um rosto,
de alguém que há pouco não conseguira conter as lágrimas dos olhos.
No percurso, Jamil se debatia, primeiramente para desvencilhar-se das
[garras do pai,
que o retinham com o vigor de um cavalo árabe.
Depois, para se aproximar da irmã,
no intuito de arrancar o gorro de Gomil,
porque este troféu justificaria mais uma vez a existência do princípio
que move e alimenta a discódia

entre iguais que não se querem.
Com tal fito, esticava os braços e movia o tronco
para se aproximar de seu objetivo, forçando passagem
sobre o peito paterno.
Gomil se insurgia, queria por seu turno apossar-se do casaco de tricô do [inimigo.
(Ou apenas ambicionava rasgá-lo,
o que lhe daria mais prazer do que dele se apossar de imediato.)
O pai, por seu turno, não media esforços para conter as investidas
dos dois lados.
Estava a ponto de confessar aos demais
que se ninguém do clã viesse em seu socorro,
mais cedo ou mais tarde veria seus dois filhos
cobertos de vergonha e sua história para sempre maculada.
O embate se tornara já um fato.
Talvez saltasse um olho infantil na calçada.
As velhas primas, já nervosas, demonstravam aflição,
dando-se as mãos rugosas e frias.
À altura do Instituto Pasteur, a cena chegava a apavorar quem visse.
Jamil e Gomil se atracavam pelos cabelos,
lutavam com os dentes arreganhados e as unhas em riste, crispadas;
feriam-se e a cada golpe executado, choravam,
e ao chorar queriam ferir mais.

Dois policiais se aproximaram do corpo de Martin,
deitado junto ao cais de Valmy,
e procuraram interpretar o que viam.
Premier flic: “evidemment Il a trop bu”.
“Je suis là, je veux reposer un peut.”
Le second flic: “est-ce-que vous pouvez appeller quelqu’un monsieur, quelqu’un pour vous aider?”
Le premier flic: “êtes-vou marrié?”

“Je veux reposer un petit peut, c’est tout”, insiste Martin.
Le premier flic: “on ne peut pas vous laisser comme ça, vou savez”.
Le second flic: “nous serons obligés de vous conduire au commissariat,
vous savez, c’est la règle”.
“J’ai un problème, mon estomac, je me sens très mal.”
Le premier flic: “appelons le secours, cés plus facile
et c’est justement le cas”.
Martin respira com dificuldade, palavras dançarinas
(os flics percebem que os lábios do homem
se movem, como se balbuciasse coisas,
seu rosto exprime talvez o que com palavras gostaria de dizer):
Jozy, a venda do Peugeot, para quê o carro,
se não vamos precisar dele para nada?
Uns bons meses de vida tranquila, depois não sei, ninguém sabe,
o bebê um dia vai perdoar seu pai,
demissão, chômage, mais algum dinheiro com a venda do relógio,
mudar para a periferia, um lugar mais barato,
uma pequena casa aos fundos de outra, uns palmos de jardim
com um canteiro e umas flores.
A ofensa ao supervisor, sem testemunhos, boa provocação,
a palavra de um contra a do outro, chômage,
e mais o dinheiro do pote de chá, o bebê vai perdoar,
de vez em quando uns bicos, que se dane a empresa de gás.
Tudo vai se arranjar, Jozy, não fiz por maldade,
é preciso quebrar o cristal dos sonhos com uma marreta,
para transformar seus cacos em arma transformadora.
A ideia é levar vantagem contra o capital de Estado,
contra a ditadura do Estado,
que apadrinha em troca de boas tetas,
você não entende isso, não quer entender,
quer fingir que não é importante, apenas o bebê,
um dia o Estado vai se descartar dele, como fez comigo,
gaste seu dinheiro comprando bebida, com impostos inclusos,

[valor agregado,
ordenou-me o Governo,
autorizo-o a beber até a morte. Aceitei.
Mas pague em dia, despesas e impostos, não deixe dívidas,
o Estado só é responsável pela saúde do Estado,
e que sua morte venha em boa hora para nós.
“Je dois marquer mon territoire, Jozy.”
Le second flic: “il vient de parler très clairement”.
Le premier flic: “Bien sûr, dis donc”.
Le second flic: “mon tour vien de terminer, je vous laisse”.
Le premier flic: “on ne peut pas ignorer le problème”.
Le second flic: “et voilà, j’écoute déjà la sirene de l’ambulance, à tout à
[l’heure, Bernard”.

Decido girar em sentido contrário, ao redor da ilha:
pont de Sully, cais d’Anjou, cais de Bourbon, Cais d’Orléans, cais de
[Béthune,
pont de Sully, cais d’Anjou, cais de Bourbon, cais d’Orléans, cais de
[Béthune,
pont de Sully, que para sempre embala o boulevard Henri IV em seu
[colo de nau imóvel,
cais d’Anjou,
cais de Bourbon,
cais d’Orléans.
Uma vida inteira se dissipa no breve calor da hora,
nesse emaranhado de cenas descosturadas,
que passam a repassam aladas.
Ora sinto-me nos curtos instantes em que o sangue fervilhou,
em salas de baile ou no caminho labiríntico de boas alcovas,
ora testemunho meu súbito crepúsculo,
adornado de silêncios, mortificações e longínquos rumores indefinidos,
mas sempre uma operosa adága rasga e desmembra

do corpo da minha história pessoal lembranças boas e desatinadas
[do que talvez pudesse ter sido a minha vida,
embora eu duvide.
Nesse desarrumar persistente dos fatos e das sensações,
subitamente paro sob um poste sem luz,
debaixo de um alpendre apagado,
sob um pórtico coberto de escuras nódoas,
sob uma porta cujas ferragens azinhavradas
que falam de mortes de vidas antigas e sem importância
não rangem mais;
junto a uma vertigem de janelas cerradas,
perto de um tijolo que se destaca da prumada
de um edifício igual.
Nesse local obscuro não há placas comemorativas,
avisos, advertências, notas de empenho,
notificações judiciais urgentes ou arcaicas,
bilhetes secretos deixados em reintrâncias de paredes gastas,
números identificadores, como os que buscamos
para localizar as casas de alguém nas ruas;
sinais de cabala ou de outra fé, nada,
e por ele o tempo não tem relevância, não é aferido,
medido na ampulheta dos sonhos planejados,
nem, por sinais próprios, contado.
Estanco, o coração aos saltos, no canto cego
da estranha geografia desse instante. Sinto-me em vista de tudo isso
[incólume, absolutamente inútil
e plenamente isento de mim.

Uma morrinha espessa e diversa,
fartum acre e nauseabundo, se mistura aos ventos
que cortam a cidade
e rasgam nuvens e eriçam folhas e estremecem placas

e tudo o que é leviano e sem lugar próprio.
Juntamente com os fumos que das chaminés se evadem,
a fuligem também sobe,
abraçada a bafios pesados de cozinhas quentes,
tudo de mistura com alcoóis e vinagre, frituras nauseabundas,
difusos odores de coisa queimada, de latrinas ocupadas,
de urina vertida e quase tão quente como a bovina.
Nessas horas panelas se destampam, se esvaziam emborcadas
e se lavam em máquinas de aço escovado com muita fumaça branca
[e ácida;
ou se banham atritadas a unhas de dedos agitados,
ou ainda esfregadas sofregamente com esponjas gastas de fibras ásperas.
Pisos de cozinha são lavados, vassouras e panos pelos cantos trabalham;
o catarro desafoga narinas e goelas e nas escadarias e monumentos
[se escarram,
e há mais cheiros insuportáveis quanto mais se atenta para os detalhes.
Dos ralos sebosos de crasso unto, das pias de bares, bistrôs e
[restaurantes,
uma escura química de restos tisnados, aglutinados, rescaldados e
[recozidos
lança cheiros e gazes enjoativos que pior ficam quanto mais de tudo isso
[se junta,
engrossando a fétida mistura que depois fora se atira,
como se tudo fosse o resultado ambicionado
de um triste e sofisticado preparo da mais refinada iguaria.
Como uma tímida e débil oposição a tudo isso,
a alguns palmos acima da terra úmida do Jardim de Luxembourg,
tulipas de duas cores esticam seus musculosos pescoços verde-claros,
orquestradas por uma vontade schopenhaueriana comum,
(de defender a vida a qualquer custo)
como se quisessem romper a crosta do ar de graxa e fumo,
em busca de oxigênio novo e raro.
De seus corações vermelhos, na noite plena de Paris,

jorram discretamente pétalas da cor do Sol,
(em lâminas porosas, perfumadas e macias como a vagina)
sempre aflitas e ostensivas,
querendo escapar para alguma plenitude indefinida.
É primavera em Paris,
em vista disso, de porões e parques notas musicais sem gravidade
[escapam
e estremecem brandamente tímpanos distraídos.

De uma minúscula falha geofísica,
sob a meseta de Langres, bem ao sul,
brota um filete de água
que desce pelas faldas
da cadeia de montanha da Côte-d'Or,
avança em seu tímido curso, recebendo notáveis contribuições
do Aube, Marne, Oise, Epte e Andelle, em sua margem direita,
e do Loing, Yonne, Eure e Risle, na esquerda.
Suas águas um dia foram aquinhoadas com as heróicas cinzas
de uma mulher guerreira e obstinada.
Talvez por esse motivo houve vida e bonança por muitos anos
ao longo desse rio.
As cinzas da mulher que atirava com arco
alimentaram peixes, que nutriram corajosos espíritos,
até que se sentissem quase fartos,
mas deram alimento a outros, também, mesquinhos e egoístas.
Talvez por esse motivo houve morte e destruição, por muitos anos
ao longo desse rio.
Nas mais remotas profundezas dessas montanhas,
no mais distante e tenebroso solo em que penas se cumprem sempre,
sofrem em turbilhão fervente os que se desviram
e estão condenados à dor.

Essa região de penas espalha-se por uma cadeia incontável de cavernas,
a perder de vista,
de tal sorte que onde quer que, na Terra, se vislumbre o céu,
também, no mesmo lugar, sob o mesmo chão,
na região da impensável profundidade,
existirão essas cavernas de expiação
(túrbido mar subterrâneo e eterno),
e, nelas, seus habitantes, que aguardam soltando uivos
os que estão recomendados para penar em destino futuro.

À altura de Troyes, surge do nada uma nave,
uma barca lapidada em fogo, água e ar,
surge sem informar de onde veio,
sem fornecer pistas materiais de sua história pregressa.
No remo, Caronte,
cansado, mas vem com pressa,
pois recebeu ordens expressas,
deixando em sua rota, a título de disfarce,
flocos de gelo que não ardem.
A mando das profundezas, não importa o que aconteça,
deve executar sua tarefa até o final das eras,
em meio às trevas e muita consternação.
Leva em sua arca a tristeza dos que no cais ficam
acenando em lágrimas para os queridos entes que partiram.
Da barca joga amarras em atracadouros improvisados ao longo do rio
e faz subir inafortunados.
Na generosa barca grande, leva bem acomodados seus espíritos,
pois bons ou maus, o pior dentre eles não rouba de outro
o que em seus bolsos não cabe,
mesmo que em vida muito tenha roubado
e incontáveis vezes ferido de morte, sem alarde.

O tributário Aube encontra o rio depois de Troyes, como o Yonne.
O Loing, antes de Melun, para aquele que suas águas o manancial verte,
trazendo promessas e presságios de Sainte-Colombe.

Assim que deixa Troyes, Caronte ergue um tridente,
ordenando que estanquem por instantes esses afluentes,
para que sua nau prossiga a jusante sem sobressaltos ou visitantes.
Com tais ajutórios, e outros, de asa e vento,
o velho, que tudo sabe, chega a Paris sem contratempos,
atracando junto a um salgueiro na ponta da Île de la Cité.
Por fim, o enviado esboça um sorriso matreiro,
que exprime com um esgar sua vaidade de mestre,
pois remara até ali, desde muito longe,
com a barca já agora cheia de penados até a metade,
reação de que ninguém jamais se aperceberia
se removesse o capuz de sua caveira vazia.

A face de Caronte, por precaução, é descarnada,
sem olhos que brilham,
pois seus patrões sabem que mora na carne pujante,
nunca no espírito,
o completo mapa das emoções,
e sentir não lhe é permitido.
O barqueiro deve resguardar sua força e energia,
próprias de seu oneroso trabalho,
não podendo descurar jamais de sua principal responsabilidade,
que é a de fazer subir a bordo os timoratos condenados,
levando-os até o termo final da viagem.

Eis que detrás do salgueiro frondoso da ilha
surge cambaleante Fawwaz já morto,
saudoso agora por toda a eternidade de sua Adara.
Logo a fila de almas engrossa, dando voltas pela cidade,
pois é primavera, a estação dos prodígios de toda sorte.
Com a cabeça como que abandonada se apresenta Iekaterina,
a astuta vendedora de criancinhas,
morta por um carro em uma esquina.
Pobre de Antoinette de Bonneheure,
haja vista que pagou e não recebeu a prometida bonina.
É quase meia-noite em Paris,
a barca de Caronte desatraca e parte.
Os vivos, muitos, dormem sem terem experimentado
o sabor de alguma glória, mesmo que efêmera, nesse dia.
Os notívagos, que pelas margens do Sena transitam,
apreciam a súbita bruma do ar e da água agora porejada.
Espessa ela se alastra e recobre a pele do rio,
amortalhando telhados, ruas e monumentos.
Alguns corações comprometidos palpitam
de súbito sentimentalismo. Outros protestam,
em razão da densidade fugidia da vida,
ou em virtude de sua escassa ternura, quem saberá ao certo?
Acreditam muitos dos que passeiam que choverá outra vez,
que talvez depois vente fortemente; que o céu então ficará limpo;
que esfriará um pouco em seguida, podendo mesmo parar de ventar,
vindo novamente a chover um pouco.
A primavera em Paris é sempre assim,
instável como nossa alma,
e por vezes enfadonha, como todos nós.
Enquanto isso, ligeira, protegida pela névoa noturna,
a barca dos condenados desliza sem fazer espuma, em discreto silêncio.
Sem perder jamais seu rumo certo desaparece da humana vista.

Paris, abril de 2013
São Paulo, fevereiro de 2015

Roteiro de criação do poema “Paris”

O poema “Paris” é composto por 84 estrofes de diversos tamanhos, com versos irregulares . A maior dessas estrofes chega a ter aproximadamente 50 versos. Tradicionalmente o poema épico – visto que cuida de um sujeito coletivo e se desenvolve como uma narrativa, caso de *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, de *Paradise Lost*, de John Milton, tende a ser extenso, pois canta valores permanentes e recupera uma história imaginária na maioria das vezes densa e fortemente evocatória. Essa tarefa exige disciplina e um programa de trabalho que não pode se perder em achados ocasionais. O poema épico, por suas características, não sofre o arbítrio da concisão, caso da poesia lírica.

Até recentemente a poesia lírica foi estigmatizada como uma literatura compelida pela necessidade de exploração da face emocional do ser humano, dando sempre origem a um sujeito de enunciação que se manifesta no estreito âmbito de um único núcleo de interesses. (Não pense o leitor que a literatura capaz de transfundir de maneira sutil e intensa a vasta e complexa vida emocional de todos nós seja inferior em alguma medida, ao poema épíco, longe disso.)

Há exceções raras, em que a poesia lírica se distende e atinge as dimensões de um poema longo, como “The Waste Land”, de T. S. Eliot e “Cimetière marin”, de Paul Valéry (a despeito de suas 24 estrofes, apenas), só para mencionar duas obras exitosas. Entretanto, o frequente impasse na formulação de uma proposta de poema lírico de grande extensão, que harmoniza concisão, tensão lírica e um plano de desenvolvimento que contempla um número dilatado de estrofes, tem no meu modo de ver perdurado como confirma a própria história da literatura mundial.

E isso é resultado da dificuldade de harmonizar a necessária contenção lírica com a proposta do poema longo, que parece antagonizar frontalmente aquelas virtudes líricas que mais apreciamos nos poemas que costumeiramente reputamos como bons ou, se preferir o leitor, bem sucedidos.

O poema “Paris” buscou superar esses impasses apontados, oferecendo ao leitor uma poesia dissertativa, descritiva, mas sobretudo e ao mesmo tempo lírica. Entretanto, pode ser lido como uma balada, tal o número variado de personagens e diálogos. É por certo, claro está, um poema narrativo, posto que cuida de explorar acontecimentos (no caso, ocorridos em Paris, durante um intervalo de tempo de aproximadamente 16 horas, na vida de seus personagens). Mas é lírico, da forma como o lirismo pode se fixar e se firmar em quase uma

centena de estrofes. “Paris” ‘passa-se’ no Dia do Trabalho, feriado nacional, portanto; tem início às seis horas da manhã, termina às dez horas da noite desse mesmo dia. A despeito de todas essas múltiplas convergências no sentido do prosaico e do narrativo, é um poema lírico, haja vista que o sujeito de enunciação se dissolve e se multiplica em todo o poema (em todo ele se reintegrando). Ora o faz atenuando sua subjetividade ao nível mais insignificante, ora explorando-a. O leitor deve ter identificado muito facilmente essas situações. Nas estrofes mais ‘gerais’, tal como indicadas no plano que segue, em que aparecem elementos dissertativos e personagens, envoltos em um cenário urbano, pode-se afirmar que surge um *ego descriptor*. A escolha dessa expressão talvez não seja a mais adequada, entretanto ela deixa claro que o sujeito que testemunha o mundo, nele se embrenhando, encontra nessa tarefa de narrar (mais do que de se enunciar) sua razão de ser **no poema**. E há um sujeito lírico ‘profundo’, um sujeito de enunciação típico que deixa transparecer de imediato e de modo intenso sua subjetividade, que se destaca com nitidez em outras estrofes. Com esses expedientes, os núcleos poéticos se multiplicam, sua compartimentação se desfaz; e tais núcleos ao mesmo tempo contaminam uns aos outros, promovendo uma expansão da tensão lírica. Sujeito de enunciação, personagens, fatos e elementos urbanos mesclam-se, enlaçam-se, combinam-se e se atritam, sem cessar. O poema logra desse modo distender-se e mesmo assim consegue manter de maneira muito evidente uma tensão poética que não necessita da rima fácil (como o próprio Milton recusara ao elaborar o seu “Paradise lost”), nem teme os elementos prosaicos dos quais faz uso sem temor. Estes, ao contrário do que se poderia imaginar, oxigenam o poema e renovam seus atributos líricos.

Plano do poema

Estrofes, Personagens e foco	Cronologia					
	6h00>	9h00>	12h00>	14h00>	18h00>	> 22h00
Parte 1: Avant l'aube						
Estrofes, Personagens / foco						
1. Caronte	X					
2. Geral (*ego descriptor*)	X					
3. Fawwaz	X					
4. Pierre Ruisseau	X					
5. Geral (*ego descriptor*)	X					
6. M. Vassilikoff	X					
7. Nikolai	X					
Parte II: Auprès d'un miroir						
Estrofes, Personagens / foco						
8. Sujeito lírico	X					
9. Sujeito lírico	X					
10. Sujeito lírico	X					
11. Sujeito lírico	X					
12. Antoinette de Bonneheure e Robert	X					
13. Fawwaz	X >	X				
14. Pierre Ruisseau		X				
15. Jamil e Gomil		X				
16. Geral (*ego descriptor*)		X				
17. Geral (*ego descriptor*)		X				
18. Geral (*ego descriptor*)		X				
19. Geral (*ego descriptor*)		X				
20. Geral (*ego descriptor*)		X				
21. M. Vassilikoff		X				
22. Nikolai		X				
23. Geral (*ego descriptor*)		X				
24. Geral (*ego descriptor*)		X				

Estrofes, Personagens e foco	Cronologia			
	12h00>	14h00>	18h00>	>22h00

Parte III: Un certain regard

Estrofes, Personagens / foco

25.	Sujeiro lírico	X
26.	Martin	X
27.	Geral (*ego descriptor*)	X
28.	Martin	X
29.	Sujeito lírico	X
30.	Geral (*ego descriptor*)	X
31.	A. de Bonneheure, Robert e Iekaterina	X
32.	Fawwaz	X
33.	Vassilikoff e Juliette	X
34.	Sujeito lírico	X
35.	Vassilikoff e Juliette	X
36.	Pierre Ruisseau	X
37.	Geral (*ego descriptor*)	X
38.	Nikolai	X
39.	Jamil e Gomil	X
40.	Pierre Ruisseau	X
41.	Martin	X
42.	Geral (*ego descriptor*)	X
43.	Geral (*ego descriptor*)	X
44.	Fawwaz	X

Parte IV: Quelques mauvaises connaissances

Estrofes, Personagens / foco

45.	Sujeito lírico	X
46.	Geral (*ego descriptor*)	X
47.	Juliette e M. Vassilikoff	X
48.	Antoinette, Robert, Iekaterina	X
49.	Pierre Ruisseau	X
50.	Geral (*ego descriptor*)	X
51.	Nikolai	X
52.	Jamil e Gomil	X
53.	Martin	X
54.	Geral (*ego descriptor*)	X
55.	Martin	X
56.	Geral (*ego descriptor*)	X
57.	Sujeito lírico	X

Estrofes, Personagens e foco Cronologia

	18h00>	>22h00

Parte V: Solitude et réverbère

Estrofes, Personagens / foco

58. Fawwaz	X	
59. Sujeito lírico	X	
60. Vassilikoff e Juliette	X	
61. Antoinette, Robert e Iekaterina	X	
62. Pierre Ruisseau	X	
63. Geral (*ego descriptor*)	X	
64. Nikolai	X	
65. Jamil, Gomil e Assad	X	
66. Martin	X	
67. Geral (*ego descriptor*)	X	

Parte VI: Jusqu'à la nuit angoissante

Estrofes, Personagens / foco

68. Fawwaz		X
69. Sujeito lírico		X
70. Juliette e M. Vassilikoff		X
71. Antoinette e Robert		X
72. Pierre Ruisseau		X
73. Geral (*ego descriptor*)		X
74. Nikolai		X
75. Jamil e Gomil		X
76. Martin		X
77. Sujeiro lírico		X
78. Geral (*ego descriptor*)		X
79. Geral (*ego descriptor*)		X
80. Caronte		X
81. Geral (*ego descriptor*)		X
82. Caronte		X
83. Caronte		X
84. Caronte, geral (*ego descriptor*)		X

Considerações Finais

"Paris" dá fecho à obra *Poemas de extradição e exílio*, terceiro volume da 'Trilogia poética do desterro' e é também um dos últimos poemas escrito pelo autor, encerrando e fixando em definitivo sua obra poética.

É de se registrar que esse longo poema lírico narrativo, talvez o mais extenso poema em língua portuguesa -- o que não é mérito ou demérito, apenas uma de suas características --, estabelece desde sua origem um explícito contraponto com outro poema com temática semelhante, que por seu turno abre o primeiro volume dessa trilogia, denominado *Poesia sem pátria e sem verdade*. Estou aludindo ao poema "Verão no Quartier Latin", cuja primeira fatura deu-se em Paris, em 1975, vindo a sofrer severa revisão nos anos posteriores. Como dizem esses versos de Eliot, "o tempo passado e o tempo presente / Estão ambos talvez presentes no tempo futuro"[39].

"Paris", último poema do autor, reencontra seu mais antigo poema longo, "Verão no Quartier Latin". Nesse trajeto de visitação circular, o último renasce no primeiro. O primeiro se explica na leitura do último. Ambos interpenetram-se e se fundem no tempo.

Quem se dispuser a ler ambos, constatará as diferenças abissais entre eles, contudo. O mais antigo, escrito por um jovem candidato a poeta, o mais recente, elaborado por um autor no estágio de sua maturidade.

São Paulo, 17 de junho de 2015

[39] No original: "time present and time past / Are both perhaps present in time future". Cf. T. S. Eliot, "Burnt Norton", primeira parte de 'Four Quartets', em sua: *The complete poems and plays of T. S. Eliot*, London, Faber and Faber, 1969, p. 171